

## **A importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura.**

**Olga Emília Eustáquio Gomes Valério**

**Dissertação de Mestrado em Gestão de Sistemas de  
e-Learning**

**Abril, 2016**



## DECLARAÇÕES

Declaro que esta Tese de Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta Tese de Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

---

Lisboa, .... de ..... de .....



Dissertação apresentada à Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão de Sistemas de e-Learning, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Irene Simões Tomé, Professora Auxiliar e da Professora Doutora Isabel Vilar Alçada, Universidade Nova de Lisboa.



## **Agradecimentos**

Estou convicta de que somos fruto da nossa essência e do contributo de todos quantos se cruzam connosco. Agradeço aos que se relacionam com a minha vida porque fazem dela o que é neste momento.

À minha mãe Maria José Eustáquio por uma vida de dedicação ao Outro, ao Afonso Freitas por uma atitude de «cagulo», à mana princesa Ana Freitas pela postura «zen», ao mano Rui Gomes pelas muitas palavras sempre, aos meus filhos Íris e Dinis que amo até ao infinito...e mais além, aos meus sogros Florindo e Antónia e enteados Joana e Rúben Valério por serem pedacinhos do meu marido, às minhas best friends forever Cristina Barreira, Lúcia Martins, Carlota Barnabé e Marta Carlos, às grandes mulheres Inês Coimbra e Belmira Veloso pela partilha de choros e risos, aos profissionais do mestrado Irene Tomé, Isabel Alçada, Carlos Correia, Clara Coutinho, Jean-Dominique Seroen, Hélder Pestana, Lucia Correia, Cátia Preguiça, Andreia Vieira, Marília Lourenço por me surpreenderem, aos meus colegas Joana Souza, Daniella Cruz, Fernando Ah-Fó, Lina Tavares, Ricardo Cataluna por adoçarem o meu mundo, aos entrevistados Graça Caldeira, José Pinto, Sónia Mouta, Margarida Goulão, Luís Fernandes, Manuela Silva, Isabel Mendinhos, Catarina Pardal, Joana Cidades, Carla Fernandes, a toda a família AURPICAS – Residência Jorge Marques por me salvarem todos os dias um pouco.

Devo a motivação para elaborar esta investigação do lindo tema que é a leitura, a alguém que foi e será para sempre muito amado. O meu marido Fernando Valério.

Este é o meu presente.





**Dissertação De Mestrado Em Gestão De Sistemas De E-Learning**  
**A Importância Da Tutoria E Mediação Na Promoção Da Leitura**

**Olga Emília Eustáquio Gomes Valério**

**[RESUMO]**

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino e aprendizagem da Leitura; Voluntariado de Leitura; Promoção da leitura; Tutoria e mediação da leitura.

A problemática subjacente ao trabalho é a da mudança de procedimentos face à promoção da leitura e literacia, nomeadamente através de voluntários tutores de crianças, jovens e adultos. Na literatura recente, a abordagem sócio-cultural de Vygotsky e a teoria do construtivismo, destacam-se como importantes e as mais adequadas para analisar o campo do ensino-aprendizagem da leitura. A criança é o resultado da relação e contacto entre ela o seu meio, e a promoção da leitura por voluntariado tem em conta essa relação. Por outro lado, o aprendente está no centro da construção de conhecimento, já que a criança descobre com o mediador as possibilidades de leitura e explora ela própria o seu caminho. Esta investigação procura respostas empíricas à temática da importância da tutoria e mediação da leitura, na análise do projeto nacional *Voluntários de Leitura*. A análise da massa crítica do projeto envolve objetivos como: perceber como se organiza e estrutura a rede de parceiros, como se definiu e se gere o funcionamento do suporte digital do projeto e, qual a satisfação que daí retiram entidades, voluntários e destinatários. Para estudar o tema usou-se uma metodologia qualitativa. Recolheram-se dados por entrevista e por grelha de avaliação de *sites* e procedeu-se à análise síntese de relatórios de avaliação. A amostra para a realização das entrevistas semi-estruturadas foi definida com base na representatividade das diferentes áreas de funcionamento do projeto. O modelo W3C – *World Wide Web Consortium* pretendeu avaliar o *website* do projeto e a grelha de análise dos relatórios de avaliação externa permitiu sintetizar conclusões. As análises complementam-se entre si. Da investigação conclui-se que uma rede de parceiros bem organizada e a funcionar com empenho conjunto, aliada a plataformas digitais úteis para os seus utilizadores, viabilizam a prática de um projeto desta natureza. Quanto aos destinatários, crianças dos 6-12 anos, a atenção individualizada do voluntário que medeia uma leitura a par ou em voz alta, traz benefícios ao seu desenvolvimento e satisfação para todos.



**Masters Thesis E-Learning Systems Management**  
**The Mentoring And Mediation Importance In Reading Promotion**

**Olga Emília Eustáquio Gomes Valério**

**[ABSTRACT]**

*Keywords:* teaching and learning to read; volunteering reading; reading improvement; tutoring and reading mediation.

The underlying problem to work is the change in procedures due to the promotion of reading and literacy, including through voluntary guardians of children, youth and adults. In recent literature, Vygotsky's Socio-Cultural Approach and the Theory of Constructivism, stand out as important and the most appropriate to analyze the teaching of reading and learning field. The child is the result of the relationship and contact between her and the surrounding environment, and the promotion of reading by volunteering takes into account this relationship. On the other hand, the learner is at the center of knowledge construction and he learns with the mediator his reading possibilities but operates his own way. This research seeks empirical answers to the theme of the importance of mentoring and mediation of reading, by analyzing the national project *Reading Volunteers*. The analysis of the projects' critical mass, involves goals as: understanding how to organize and structure the partner network; how to define and manage the projects' digital support; and, how satisfied are the stakeholders. To study the subject we used a qualitative methodology. Data were collected through interviews and site evaluation grid and proceeded to the synthesis analysis of evaluation reports. The sample for carrying out semi-structured interviews was defined based on the representation of the different project areas of functioning. The W3C model - World Wide Web Consortium intended to evaluate the website design. An analysis grid of the external evaluation reports has synthesize conclusions. The analyzes complement each other. Research concludes that a well-organized network of partners and work with joint efforts, together with useful digital platforms for its users, enable the practice of a project of this nature. As for recipients, children from 6-12 years, individual voluntary attention that mediates a reading along or aloud, brings benefits to its development and satisfaction for all contributors.



## Índice

AGRADECIMENTOS. ....	v
[RESUMO]. ....	iv
[ABSTRACT]. ....	ix
INTRODUÇÃO. ....	1
1. Problemática, objetivos e hipóteses. ....	2
2. Operacionalização de conceitos e teorização. ....	4
3. Enquadramento metodológico. ....	4
4. Organização da Dissertação. ....	5
CAPÍTULO I: ESTADO DA ARTE DA LEITURA E MEDIAÇÃO NA ATUALIDADE	
I.1. Processos de aprendizagem da leitura. ....	8
I.2. Teorias da aprendizagem da leitura. ....	9
I.3. Tipologia de leitores e exigências contemporâneas. ....	12
I.4. Dificuldades externas e internas na aquisição de mecanismos de aprendizagem da leitura. ....	14
I.5. Recursos digitais: dificuldade acrescida ou diminuída na aquisição de mecanismos de aprendizagem da leitura. ....	16
I.6. O papel do voluntariado na promoção da leitura ....	18
I.7. Tutoria e mediação na aquisição de mecanismos de aprendizagem da leitura. ....	20
CAPÍTULO II – CONTEXTO E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO	
II.1. Contexto da Investigação ....	26
II.2. Opções metodológicas e processo de recolha de dados. ....	29
II.3. Tratamento e análise dos dados. ....	32
CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO ....	51
CONCLUSÃO E REFLEXÕES FINAIS	
1. Conclusões ....	56
2. Limitações da Investigação. ....	57
3. Sugestões para Investigações futuras. ....	57
BIBLIOGRAFIA. ....	I
Lista de figuras. ....	VIII
Lista de tabelas. ....	VIII
Lista de anexos. ....	VIII



## INTRODUÇÃO

O trabalho científico que é proposto realizar, incide sobre a leitura e a sua promoção, especificamente o papel que a tutoria e mediação têm nessa mesma promoção.

A leitura é uma competência base do cidadão, que o mesmo deverá desenvolver desde tenra idade a fim de que possa evoluir autonomamente ao longo da sua vida, e possa assim obter vantagens comunicacionais para si e para os que o rodeiam. Porém, nesta, como noutras aprendizagens, nem todos assimilam da mesma forma e ao mesmo ritmo. Encontrar formas eficazes de mediação na promoção da leitura, é pois um objetivo fundamental à educação de um povo.

Este trabalho tem por objetivo contribuir para a análise e consequente melhoria, de uma dessas formas de tutoria e mediação da leitura: o voluntariado. Diversificar os espaços de acesso ao estímulo à leitura, é de certo, uma atitude positiva por parte dos agentes societários. Família, escola e comunidade, ao trabalharem na promoção da leitura perante crianças e jovens, poderão colmatar falhas existentes ou refinar competências adquiridas.

Existirão várias iniciativas em escalas diferentes, porém a Universidade é um espaço privilegiado tanto em termos de parcerias institucionais como de potenciais voluntários, e por isso, a opção de análise recai sobre a massa crítica do projeto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL), *Voluntários de Leitura*.

## 1. Problemática, objetivos e hipóteses

A problemática subjacente ao trabalho é a da mudança de procedimentos face à promoção da leitura e literacia, nomeadamente através de voluntários tutores de crianças, jovens e adultos. A fim de averiguar a eficácia da ação de promoção, a investigação propõe-se analisar se o projeto da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL), *Voluntários de Leitura*<sup>1</sup>, cumpre o seu propósito primeiro que é criar uma rede de voluntários na área de promoção da leitura e disponibilizar instrumentos de apoio a essa rede (*site* que permite oferecer recursos, instrumentos de inscrição e formação online na preparação do cidadão para a promoção da leitura como complemento das suas competências), e o seu objetivo final, que é o efetivo estímulo de crianças, jovens e adultos para a leitura.

Os conceitos e teorias a abordar na dissertação de mestrado, estarão centrados em três conceitos abrangentes que contextualizam a vertente prática em que o tema da mesma se envolve. São eles a leitura, o voluntariado e a tutoria, e os mecanismos de aprendizagem.

Será importante descrever o caminho percorrido pelo papel que a leitura tem vindo a ter na nossa sociedade, e que desemboca nos atuais espaços e agentes de promoção da leitura que fazem face às dificuldades existentes. Consequentemente, desenvolver o campo do voluntário, as leis e ética que o envolvem no sentido geral, que a par do profissional, integra nas suas funções a promoção da leitura.

Terá igualmente cabimento, incidir sobre os modelos em que se inscreve a ação. Nesta equação, entrará a conceptualização referente à tutoria e mediação, especificamente a da promoção da leitura, e, num sentido mais lato, a importância do digital na sociedade atual e a aquisição de competências com o e-Learning como ferramenta co-adjuvante do processo de aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Projeto Voluntários de Leitura foi conceptualizado e desenvolvido pelo Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas (CITI) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL). Destinado a *potenciar o desenvolvimento de uma rede nacional de voluntariado na área da promoção da leitura, através de uma plataforma digital que estimule a adesão de voluntários e funcione como instrumento congregador de iniciativas de escolas, bibliotecas e outras organizações* (CITI, 2012).



Atendendo à problemática da diversificação de situações de leitura como forma de promoção da mesma, as hipóteses colocadas neste estudo são a base da sua componente empírica.

### **Hipóteses**

H1 – Será que a estrutura de funcionamento do projeto de promoção de leitura está claramente delimitada e sustentada?

H2 – Será que a gestão das plataformas digitais do projeto de promoção de leitura, se destacam como essenciais para a eficácia do projeto?

H3 – Poderá a significância da rede de *stakeholders* do projeto de promoção de leitura, assegurar a continuidade do mesmo no tempo?

H4 – Verificar-se-á um grau de satisfação geral dos que se envolvem no projeto de promoção de leitura, face às suas expetativas?

Os resultados da análise dos dados e informações recolhidas, dar-nos-ão pistas para atingir o objetivo geral desta dissertação de mestrado, assim como, os seus objetivos específicos.

**Objetivo geral:** verificar em que medida o projeto de *Voluntários de Leitura* conseguiu ter uma «massa crítica<sup>2</sup>» de participantes durante o período de elaboração da tese de mestrado (2014/16).

### **Objetivos específicos:**

a) Perceber as principais características da rede de *stakeholders* que sustenta o projeto *Voluntários de Leitura*.

b) Averiguar quais as linhas que estruturam a implementação do projeto de promoção da leitura e quais os aspetos funcionais que mais contribuem para a sua eficácia.

c) Explorar e sistematizar os focos de satisfação dos envolvidos no projeto, face às expetativas.

---

<sup>2</sup> Em dinâmica social, massa crítica é a mentalidade de um grupo em relação a um determinado assunto necessária e suficiente para, em quantidade e qualidade, estabelecer e sustentar determinada ação, relação ou comportamento (Wikipédia, 2014).

## **2. Operacionalização de conceitos e teorização**

O quadro conceptual que está na base desta investigação é composto por conceitos complexos do foro da educação. São eles o conceito de leitura triangulado com o conceito de tutoria e mediação e o de promoção de leitura.

Com a fusão destes conceitos base, é analisado forçosamente o conceito de agente de promoção de leitura com especial enfoque no tutor voluntário, remetendo para outro dos conceitos base em análise, o de voluntariado.

O conceito de leitor é um dos conceitos latentes nesta investigação, que se pormenoriza em criança leitora e mecanismos de aquisição da competência leitora.

## **3. Enquadramento metodológico**

Delimitada a problemática, objeto de estudo e objetivos associados, é necessário definir a metodologia a utilizar para obter resultados científicos. A mesma passará por:

a) Aprofundamento da revisão da literatura nas áreas da leitura, literacia, voluntariado, voluntário, tutoria e mediação nos mecanismos de aprendizagem da competência leitora.

b) Definição e elaboração do instrumento de recolha de informação: inquérito por entrevista a colaboradores-chave no projeto *Voluntários de Leitura*.

c) Definição e elaboração da grelha de análise do site [www.voluntariosdaleitura.org](http://www.voluntariosdaleitura.org).

c) Aplicação dos instrumentos de recolha de informação.

d) Tratamento e análise dos dados.

e) Análise síntese dos Relatórios de Avaliação de Atividades do projeto *Voluntários de Leitura*, 1.º, 2.º e 3.º anos.

f) Sistematização das conclusões e *feedback* aos participantes.

#### **4. Organização da Dissertação**

A dissertação inicia com a pertinência do tema que está na sua origem para de seguida introduzir, de forma encadeada, a problemática, hipóteses e objetivos aos quais o desenvolvimento da investigação pretende responder. Explicita, para finalizar este campo, o quadro conceptual em que assenta e a metodologia adoptada.

O primeiro capítulo desta dissertação, reflete, em termos teóricos, sobre as questões que envolvem a temática da leitura e tutoria da mesma. Optou-se por abordar os processos e teorias de leitura, as tipologias de leitores, o que são consideradas dificuldades na leitura, e como a tutoria por parte de voluntários, por métodos mais tradicionais ou digitais, pode contribuir para o sucesso da aprendizagem das crianças leitoras.

O segundo capítulo pretende focar o objeto de estudo selecionado para análise prática, o projeto *Voluntários de Leitura* da FCSH-UNL e Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas (CITI), em toda a sua dimensão.

No capítulo terceiro do trabalho é explicada a metodologia de investigação utilizada e apresentados os dados recolhidos através de instrumentos devidamente justificados. Estes são o inquérito por entrevista semi-estruturada, a grelha de análise de *sites* e a análise síntese de relatórios de atividades fruto de avaliação externa. É feita a análise da informação produzida.

Para conclusão da dissertação, são discutidos e categorizados os resultados obtidos no decurso da investigação, fazendo-se menção a eventuais limitações e melhorias à mesma. Por fim, são deixadas sugestões para futuras investigações.



## **CAPÍTULO I – ESTADO DA ARTE DA LEITURA E MEDIAÇÃO NA ATUALIDADE**

### **I.1. Processos de aprendizagem da leitura**

O ser humano não tem genes nem estrutura biológica específicos apenas da leitura (Andrew Ellis citado por Wolf, 2008). O intelecto da nossa espécie foi-se alterando e hoje podemos pensar de formas que antes não nos era possível. Uma capacidade apenas alcançada devido à plasticidade do cérebro humano que consiste na criação de novas conexões e caminhos entre os neurónios sempre que uma nova habilidade é adquirida.

A capacidade dos circuitos neuronais se tornarem automáticos na sua função de leitura, não acontece por acaso nem de forma rápida. As crianças têm de estar expostas a letras e palavras recorrentemente, em especial se tiverem dificuldades de aprendizagem. Depois de verem e reverem uma palavra, em especial no seu hemisfério esquerdo cerebral, é ativado um sistema rápido de descodificação pois é aí que se encontra um «armazém» de padrões de letras e representações de palavras. A partir do momento em que adquirem fluência, o cérebro avança para a fase de integração de aspetos metafóricos inferenciais, analógicos, de historial afetivo e conhecimento experimental. Neste processo, formulam-se hipóteses e assegura-se que as inferências são concordantes com o que já se conhecia, pois, caso não o sejam, far-se-á nova leitura para rever a compreensão.

Fatores sociais e culturais, entre outros, marcam o desenvolvimento espontâneo da capacidade de ouvir e falar de uma criança, às quais se seguem as competências de leitura e expressão escrita. Não sendo determinante de um bom leitor, constituem no entanto uma boa rampa de lançamento, simples factos como, ter livros em casa ou conversar durante as refeições em família.

O processo de aprendizagem da leitura começa muito antes da entrada na escola e prolonga-se pela vida fora. Assim que a criança se consegue manter no colo do seu cuidador, ela poderá associar o ato de ler com o de afeto. Através da sua pesquisa “Zap mapping”, a cientista cognitiva Susan Carey de Harvard (Wolf, 2008), atesta que as crianças entre 2 e 5 anos aprendem, em média, duas a quatro novas palavras por dia.

## **I.2. Teorias da aprendizagem da leitura**

Os estudiosos deste campo, consideram que em Portugal estão generalizados dois métodos que transmitem à criança a correspondência existente entre símbolos e sons: o método sintético ou fónico, e o método analítico ou global. O método sintético começa pelo estudo dos símbolos ou sons elementares e o método analítico parte da exposição da criança às frases e palavras tal como se lêem na nossa língua.

Não é linear que compreendemos assim que lemos, pois existem outros fatores concorrentes como o domínio da linguagem oral, as capacidades cognitivas de cada um ou o conhecimento que temos do mundo. Como refere o autor Vitor Cruz (2007), ler envolve aspetos díspares relacionados com os níveis intrapsíquico, intergrupo, interindividual e intragrupo.

Ensinar a ler não é apenas obrigar as crianças a decorar o alfabeto e a escrever as vogais e consoantes de forma padronizada (modelo enformado pela abordagem associacionista), é antes um ato global que parte também das vivências e linguagens da criança para a produção escrita (método orgânico suportado pela abordagem cognitivo-desenvolvimentista).

Há três grandes teorias que abordam o desenvolvimento da linguagem.

1. Teoria maturacionista ou nativista de Chomsky – a criança nasce com capacidades inatas para despertar para a linguagem, dispensando o seu ensino;
2. Teoria behaviorista dos estudos de Skinner – o adulto ensina a criança, ao corrigir os seus erros com prontidão, à medida que ela o imita;
3. Teoria desenvolvimentista defendida por Brown e Cadzen – a criança aprende o uso linguístico correto para além do que ouve do adulto, partindo do seu aqui e agora, provavelmente porque dessa forma consegue obter o que deseja.

Ramiro Marques (s/d) refere que, nos seus estudos, Dulce Rebelo (1985) e Judith Schickedanz (1981;1985) tendem para considerar uma sequência na aquisição de competências de leitura: relacionamento do que se ouve com o que está escrito;

percepção e reconhecimento da palavra; isolamento de sílabas e sua pronúncia acompanhada de reconhecimento físico das mesmas; reconhecimento dos fonemas.

Numa fase inicial, em que se facilita o caminho para a aprendizagem da leitura e escrita sem o ensino explícito das letras, é importante trabalhar a oralidade através de técnicas como a leitura em voz alta pelos outros e o estabelecimento de relações afetivas com os momentos de leitura.

A familiaridade com o material impresso é uma das sete competências-chave indicadas pelo *National Reading Panel* (2000) como motor de sucesso na alfabetização. As representações visuais das palavras familiares vão sendo assimiladas na memória da criança à medida que ela vai lidando com elas. Far-se-á a ativação dos processos fonológicos e ortográficos de forma mais rápida, quanto maior for a experiência de leitura. O aumento da velocidade e precisão da identificação criam o automatismo da leitura, sugerindo a investigação que nos primeiros 3 anos escolares a criança “aprende a ler” e nos seguintes ela “lê para aprender”. Os seus recursos cognitivos estão mais livres para dar continuidade e fidelidade aos dados necessários à operacionalização da compreensão. A compreensão implica a atuação coordenada de várias unidades em três níveis: nível da palavra (processo lexical), nível da frase (processo sintático) e nível do texto.

Uma explicação do fenómeno da leitura enquadrada na abordagem neuropsicológica, sugere a existência de uma relação bidirecional entre os substratos neurológicos e as funções que estes executam. Assim, enquanto o hemisfério esquerdo do cérebro humano executa e controla as funções essenciais para iniciar a leitura<sup>3</sup>, o hemisfério direito associa-se a funções posteriores, quando a preocupação é compreender a leitura<sup>4</sup>. Os investigadores, ao analisarem o cérebro de crianças e adultos, identificam três regiões cerebrais no hemisfério esquerdo que são usadas de modo simultâneo e concertado para ler: área de Broca, situada na parte frontal do cérebro, região parieto-temporal e região occipito-temporal, ambas na parte de trás do cérebro.

---

<sup>3</sup> Permite o acesso ao léxico pela via fonológica ou sub-léxica.

<sup>4</sup> Associado à via visual ou léxica.



Numa outra perspectiva, esta enquadrada na abordagem sócio-cultural, podemos assinalar os estudos de Vygotsky para quem a ligação dialéctica indivíduo-sociedade estabelece e objectiva o peso da linguagem e da cultura na aprendizagem, uma vez que são factores determinantes das capacidades de evolução do indivíduo.

O contributo de Lev Vygotsky (1896-1934) foi decisivo para a Teoria Construtivista que visualiza a aprendizagem como um processo ativo no qual os aprendentes estão no centro. A partir da observação e interação com o contexto que o envolve, o aprendente processa a informação que recebe, e integra e manipula de acordo com as múltiplas perspectivas que tem, criando novas interpretações. O conhecimento sobe à categoria de construto pessoal e social.

O autor foca a interação social no processo de desenvolvimento cognitivo e insere conceitos como a *Zona de desenvolvimento proximal*, que define como a distância entre o desenvolvimento efetivo da criança e o potencial que tem quando orientada ou em colaboração com outros. Trata-se de uma aprendizagem que se caracteriza por ser colaborativa e cooperativa. Neste contexto, a aprendizagem pela descoberta e a exploração pessoal devem estar em equilíbrio.

Numa linha de evolução do Construtivismo surge o Construcionismo, o “fazer fazendo” concretizada por dois investigadores do MIT: Seymour Papert (n.1928) e Mitchel Resnick (n.1956). Estes autores reforçam a ideia dos percursos realizados sobre o conhecimento formal e informal como uma capacidade de enriquecimento individual na área dos saberes.

Para ambas as teorias, o aluno tem de se responsabilizar e encontrar estratégias para aprender. Desta forma, o conhecimento será somente uma parte do saber e o saber genuíno ocorrerá da interacção com a experiência – *learning by doing*.

### **I.3. Tipologia de leitores e exigências contemporâneas**

Com o avançar da idade, a criança ouvinte passará a leitora e com a experiência usará as suas estratégias progressivamente de forma mais autónoma para construir os seus próprios mecanismos de compreensão. Aproximar-se-á mais de ser um leitor proficiente ou um leitor com dificuldades. Os leitores proficientes são aqueles que desenvolveram habilidades e utilizam a leitura de forma eficaz e rápida, são autónomos e independentes, capazes de questionar o que lêem e o desenlace do texto. Os leitores com dificuldades são os que apresentam grande dificuldade ao ler e aprendem a ler porque é preciso, porque socialmente é necessário, não criando o gosto pela leitura.

As dificuldades no campo da leitura comprometem o percurso académico, limitando a auto-estima dos cidadãos e a sua participação plena. O ato de ler deverá tornar-se uma prática significativa e um recurso para a formação de pessoas conscientes e criativas que tenham a possibilidade de se sobressair na sociedade em que vivem. As funções económicas e sociais da leitura multiplicaram-se, aumentou a necessidade de formação e informação, diminuiu a oferta de postos de trabalho não qualificado, ler tornou-se numa exigência social.

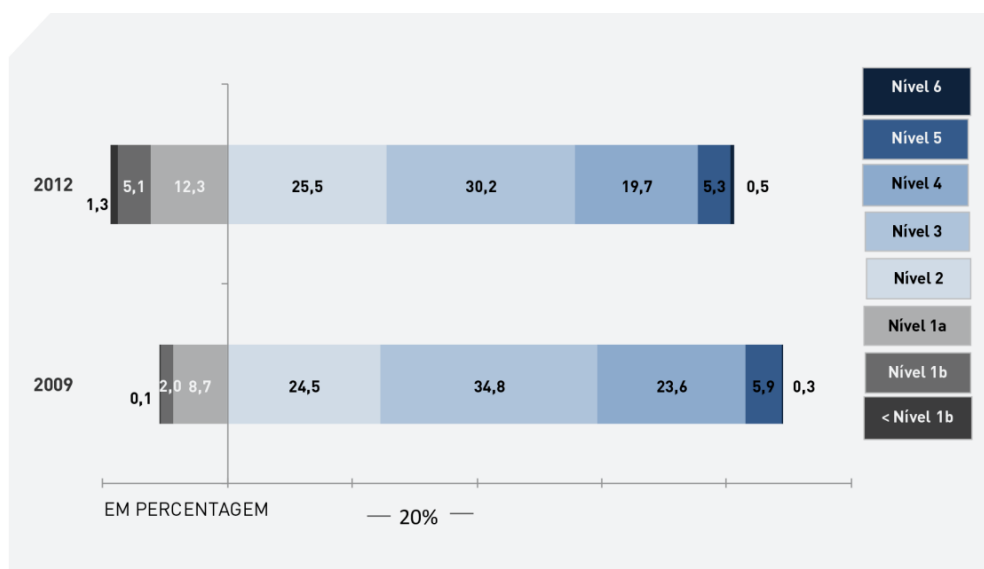
“A possibilidade de ler e disso tirar gosto e prazer, isto é, da leitura poder funcionar como fonte de conhecimento, de descoberta, imaginação ou sonho, implica um longo caminho de desenvolvimento emocional que, infelizmente, muitos não conseguem atingir. (Strecht, 2006, p. 229)”

A sociedade contemporânea é palco de transformações com impacto na alteração dos comportamentos de leitura e escrita, se pensarmos na “massificação” cultural profundamente ligada às redes sociais e aos motores de busca e formas de expressão singulares que lhes são subjacentes. A internet implica um conjunto múltiplo de outras capacidades adaptadas às novas formas de acesso à informação e de produção de conhecimento.

As crianças precisam de ser encaminhadas para estas competências. Ler rapidamente, não lhes permite uma correta avaliação da relevância ou pertinência dos resultados. Porém, as habilidades tecnológicas que desde cedo possuem podem ser utilizadas para fomentar a curiosidade e o desejo de ler e conhecer em consciência.

“Ler significa conhecer, questionar, duvidar e, por isso mesmo, pensar e simbolizar. (...) que em termos de saúde mental se traduz pela existência de uma verdadeira almofada protectora dos choques entre as realidades interior e exterior. (...) e a sua ausência leva ao mais fácil adoecimento psíquico e também físico, de que são bem exemplo algumas patologias psicossomáticas (...) (Strecht, 2006, pp.230-231).”

Em Portugal, segundo análises da OCDE, a competência literária mais comum situa-se num nível intermédio. Um cenário em evolução, mas que ainda assim não se revela animador dada a elevada quantidade de alunos situados abaixo no nível 2 de competência, considerado o limiar da proficiência e a partir do qual se inicia a demonstração de competências de literacia.



**Figura 1:** Distribuição dos resultados de Portugal, por nível de proficiência nos ciclos de 2009 e 2012 – Leitura (ProjAVI, a partir de OCDE, 2012, p.25)

Um fator mobilizador da criança na evolução rumo à descodificação fluente, é o encorajamento sentido e sincero dos professores, tutores e pais, para desconstruir o material de leitura mais complexo. O leitor tem de ser apoiado no investimento de preparação do cérebro para a ação leitora que, por intermédio da repetição, deixará de ser um mecanismo voluntário para ser automático.

Como define Richard Vacca citado por Wolf (2008) de “descodificadora fluente” a criança deverá transformar-se em “leitora estratégica”. Esta será uma etapa alcançada com dois contributos principais: a instrução explícita do tutor e o desejo intrínseco da criança.

#### **1.4. Dificuldades externas e internas na aquisição de mecanismos de aprendizagem da leitura**

A preocupação com a razão pela qual existem diferenças na aprendizagem da leitura e escrita por parte das crianças, levou a que nos anos 20 do século XX, os investigadores procurassem identificar como se procede a “preparação mental” para a leitura. A então corrente dominante indicava que a “prontidão para a leitura” se devia principalmente ao resultado da maturação neurológica, podendo esta ser estimulada através duma intervenção sobre os fatores do meio. Cada criança apresenta um desenvolvimento linguístico diferente, e, em alguns casos, a linguagem pode não se desenvolver se a capacidade não for “alimentada”.

Os problemas externos aceites pelos investigadores como perturbadores do desempenho na leitura, são a entrada demasiado cedo na escola primária, a não frequência da pré-escola, a mudança frequente de professores nos primeiros anos ou a fraca assiduidade dos mesmos, a atitude dos pais em relação à vida escolar e a natureza da vida familiar.

A desmotivação e o não gosto pela leitura, podem ser elementos para definir os nossos potenciais leitores. Porém, nos tempos que correm, os mais novos lidam também com a falta de concentração ou com variados formatos que participam da ou complementam a leitura, e que são pontos a considerar na ação de mediar a leitura.

Segundo a Nacional Joint Committee For Learning Disabilities (1994)

Dificuldade de Aprendizagem é uma expressão genérica que refere um grupo heterogéneo de desordens manifestadas por problemas significativos na aquisição e uso das capacidades de escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou matemáticas. Estas desordens manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e no uso da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e da matemática. Problemas na auto-regulação do comportamento, na atenção, na percepção e na interacção social podem coexistir com as DA. Apesar das DA ocorrerem com outras deficiências (ex.: deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbio socioemocional) ou com influências extrínsecas (ex.: diferenças culturais, insuficiente ou inadequada instrução pedagógica), elas não são o resultado de tais condições. (citado por Rodrigues, 2011, p.41-42)

As Dificuldades de Aprendizagem (D.A.) podem ocorrer em qualquer fase da vida da pessoa. São diagnosticadas quando os resultados da criança em testes de leitura, expressão e/ou matemática são substancialmente abaixo do esperado para a sua idade, escolarização e nível de inteligência. Podem ser categorizadas enquanto dificuldade transitória numa única área, dificuldade global<sup>5</sup>, ou, disfunção cerebral<sup>6</sup>.

O diagnóstico das D.A. implica verificar o que a criança tem para dizer, a forma como ela organiza a sua forma de pensar, brincar, manipular objetos. É preciso respeitar o facto de cada uma ter pontos fortes e fracos, e ter em conta que a escola está estruturada num formato que pressupõe uma certa homogeneidade nem sempre possível.

Deficiências específicas de percepção auditiva e visual devem ser diagnosticadas e aos seus portadores deve ser concedido mais tempo à aprendizagem. Os problemas emocionais (ansiedade, fadiga, nervosismo, irritabilidade, inquietação e medo) são outra das causas de dificuldade, explicados pelos investigadores como um catalisador de uma atitude de falta de confiança em si e consequente agravamento da dificuldade.

A diversidade humana permite, no entanto, formar uma sociedade capaz de ir ao encontro da diversidade, logo, as crianças com dificuldades ajudam-nos a perceber quais as melhores formas de ensino de cérebros organizados de forma diferente.

---

<sup>5</sup> Envolve escola, família, cultura, medicamentos ou doenças, imaturidade funcional.

<sup>6</sup> Enquadra a disfasia, dislexia, disgrafia, discalculia, disortografia, deficit de atenção ou lesão cerebral.

### **I.5. Recursos digitais: dificuldade acrescida ou diminuída na aquisição de mecanismos de aprendizagem da leitura**

O conceito de *e-Learning* é definido pela Comissão das Comunidades Europeias como “(...) the use of new multi-media technologies and the internet to improve the quality of learning by facilitation of access to resources as well as remote collaborations and exchanges.” (Yerri, 2014, p.1)

A teoria construtivista é a que melhor contextualiza e tira proveito dos recursos dos sistemas interativos de comunicação, para os processos de ensino-aprendizagem. Segundo esta teoria, o aprendente é responsável pela organização e estruturação do seu próprio conhecimento, pelo que a metodologia ideal para a aprendizagem será uma transição entre o total direcionamento da cognição e o mínimo, à medida que os alunos passam de iniciantes para avançados no conhecimento a que se propõem (Sousa, 2014).

Ambientes síncronos e assíncronos concorrem para a construção de conhecimento. Os síncronos criam um clima propício à criação de comunidades de aprendizagem e os assíncronos dão aos estudantes a possibilidade de reflexão, estudo e pesquisa, para que possam produzir conhecimento de forma mais elaborada.

A mediação da aprendizagem pode ser feita através de ambientes estimulantes de aprendizagem, por uma pessoa ou por um programa multimédia educativo. Ainda que não esteja presente, o mediador contribui com o seu conhecimento na conceptualização e no desenvolvimento dos meios que visam aumentar a capacidade do aprendente para tirar proveito de situações de aprendizagem.

Nem todos os autores são consensuais quanto ao recurso de multi-estímulos para apoio da leitura.

Silveira (2014) considera que um ritmo elevado de ensaio da informação implica que o cérebro desenvolva uma natureza “malabarista”, podendo a informação não ser retida o tempo suficiente para enriquecer as memórias do leitor.

Maryanne Wolf (2008) na sua concepção de leitura profunda (uma leitura consumidora de tempo nos seus procedimentos cognitivos), refere que aquilo a que o aprendiz atual tem acesso não é compatível com uma necessidade contemplativa já

que processos como a inferência, dedução, competências de analogia, análise crítica, reflexão, demoram anos a desenvolver pelos jovens cérebros.

Kulik & Kulik, Waldman ou Lerner (1991,1995,2003, como citado em Cruz, 2007) referem o computador como um benefício para aqueles que mais dificuldades manifestam face à leitura: os programas informatizados são motivantes, permitem aprendizagem de um para um, apoiam os processos de automatização, e poupam tempo que poderá ser usado para pensar sobre o material escrito.

Para além das vantagens que o digital possa ou não trazer para o crescimento das competências das crianças, jovens e adultos, revela-se importante a forma como o suporte digital permite criar redes organizadas e abrangentes de educação, com resultados de dimensão incomparável aos existentes outrora.

## **I.6. O papel do voluntariado na promoção da leitura**

Lei n.º71/98 de 3 de Novembro da Assembleia da República (1998): “O voluntário é o indivíduo que de forma livre, desinteressada e responsável se compromete, de acordo com as suas aptidões próprias e no seu tempo livre, a realizar acções de voluntariado no âmbito de uma organização promotora.”

Decreto-Lei n.º389/99 de 30 de Setembro do Ministério do Trabalho e da Solidariedade (1999): “O voluntariado é uma actividade inerente ao exercício de cidadania que se traduz numa relação solidária para com o próximo, participando, de forma livre e organizada, na solução dos problemas que afectam a sociedade em geral.”

Em Portugal o exercício do voluntariado na área da mediação de leitura é recente, pelo que o seu enquadramento teórico não se encontra muito explorado. Experiências no contexto internacional indicam contudo, que a intervenção de voluntários nesta área tem um impacto benéfico junto de crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem no acto de ler, hábitos de leitura escassamente explorados e lacunas ao nível da literacia<sup>7</sup>. Ao nível da evidência científica os estudos existentes conferem esta perspectiva<sup>8</sup>.

O mediador voluntário de leitura pode proporcionar um suporte focado na criança, conscientemente estruturado e adaptado à sua melhoria. Embora as suas estratégias<sup>9</sup> possam não diferir dos outros promotores de literacia, o foco (na criança e na temática da leitura) é uma característica principalmente sua. O voluntário não está no entanto, sozinho na decisão nem no apoio prestado à criança, esses são sempre fruto de uma parceria.

---

<sup>7</sup> Consulte-se a este propósito as referências de experiências estrangeiras no sítio do projeto. CITI (2012). Ligações úteis. In *Voluntários de Leitura*. Consultado em 26 Setembro, 2014 em [http://www.voluntariosdaleitura.org/index.php?s=info&pid=162&title=Ligacoes\\_uteis](http://www.voluntariosdaleitura.org/index.php?s=info&pid=162&title=Ligacoes_uteis)

<sup>8</sup> Os estudos de impacto nesta área não são abundantes. Cite-se apenas a título de exemplo: Elliot, J., Arthurs, J. & Williams, R. (2000). Volunteer support in the Primary classroom: the long-term impact of one initiative upon children's reading performance. [versão eletrónica]. British Educational Research Journal. Vol. 26, nº 2, pp. 227-244. Consultado [abstract] em 27 Setembro, 2014 em <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1501596?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102677941173>

<sup>9</sup> Atenção individualizada; envolvimento em experiências agradáveis de literatura; reforço do sentimento de sucesso; expansão da compreensão e interesse da criança; construção da ideia da leitura enquanto atividade de prazer e valor; continuidade na aprendizagem literária iniciada em sala de aula.



A existência de várias iniciativas nacionais de literacia com base no voluntariado e multimedia<sup>10</sup> deixam transparecer o papel que este formato tem na promoção mundial da leitura.

Concorrem para objetivos semelhantes aos sistemas educativos, especificamente no que diz respeito à literacia em leitura, e outras estratégias de promoção da leitura<sup>11</sup>.

No contexto internacional existem alguns projetos de promoção de leitura que merecem destaque por assentarem na participação de voluntários, em sistemas digitais de gestão dos mesmos e pela cobertura territorial que fazem. Tendo todos os projetos um objetivo comum que é o de promover a leitura utilizando o voluntariado, cada um tem a sua estratégia.

O projeto *Volunteer Reading Help UK* é um projeto de solidariedade nacional que recruta e apoia voluntários de leitura com formação para prestar um suporte individualizado de literacia a crianças com dificuldades de leitura e confiança. A organização considera que a iliteracia é um problema persistente no Reino Unido e que o projeto apoia no seu combate. (<https://www.beanstalkcharity.org.uk/>).

Nos Estados Unidos da América, a Organização Não-Governamental *Reach Out And Read* proporciona uma base de sucesso na vida dos bebés ao incorporar livros nos serviços de cuidados pediátricos e ao incentivar pais e filhos a ler e ouvir em conjunto. Este modelo de leitura em idades tenras, foi estudado e deu provas dos seus efeitos positivos. (<http://reachoutandread.org/>).

Em França, duas redes associativas de âmbito nacional, a Ligue de l'Enseignement e a Union Nationale des Associations Familiales (UNAF), levam a cabo um programa de desenvolvimento da leitura e da solidariedade intergeracional, junto de crianças que frequentam as escolas de 1.º ciclo ou outras estruturas educativas. A par do encontro entre o diálogo de crianças e voluntários com mais de 50 anos, promove-se a leitura por prazer no *Lire et Faire Lire*, com resultados bastante satisfatórios. (<http://www.lireetfairelire.org/>).

---

<sup>10</sup> *Reading Rockets, Reading Voluntary Action, Reading partners, Reach out and reading is fundamental, Launchpad Reading, entre outras.*

<sup>11</sup> A título de exemplo de estratégias destinadas a toda a população, à semelhança do Plano Nacional de Leitura Português, refira-se a Lei espanhola 10/2007 da leitura, do livro e das bibliotecas (22 de Junho de 2010), o Programa Nacional de fomento da leitura na Lituânia (2006-2011), a estratégia da Hungria “País Leitor” (2006/7-2013). (EACEA P9 Eurydice, 2013).

O grupo intitulado *Projetos de Leitura* atua em todo o Brasil há mais de 15 anos com atividades variadas de incentivo à leitura, uma referência para todos quantos acreditam conseguir fazer do Brasil um país de leitores, também com o apoio de voluntários. (<http://www.projetosdeleitura.com.br/index.php>).

### **I.7. Tutoria e mediação na aquisição de mecanismos de aprendizagem da leitura**

No nível pré-escolar e de 1.º ciclo do ensino básico, as crianças aprendem a linguagem e literacia através da exploração. Nesse escalão etário, as habilidades de leitura e escrita, são bastante variáveis. Algumas entrarão no 1.º ano a conseguir ler com considerável fluência, algumas aprenderão a ler e escrever com relativa facilidade, e outras, precisarão da atenção individualizada de um tutor para que possam desenvolver e compreender conceitos básicos, construir habilidades específicas, ganhar confiança, e adquirir motivação para ler e escrever.

Entre as estratégias de tutoria para trabalhar com as crianças do ensino básico, incluem-se a leitura a pares, ajuda no desenvolvimento de estratégias de decodificação, ajuda na compreensão do que a criança é capaz de ler e ajuda a que ela se torne num escritor dedicado. Para que tal suceda, deve proporcionar-se às crianças, situações de leitura efetiva e de carácter bastante diversificado. Elas deverão ser capacitadas para “interrogar o escrito”, procurar sentido, formular hipóteses a partir de indícios e verificar essas mesmas hipóteses. Aqueles que crescem envolvidos por quem tem a capacidade de saber ler as suas necessidades emocionais, podem mais facilmente aprender a ler e daí retirar prazer<sup>12</sup>. Clark & Rumbold definem a leitura por prazer como “Reading that we do of our own free will, anticipating the satisfaction that we will get from the act of reading. It also refers to reading that having begun at someone else’s request we continue because we are interested in it.” (citado em ESARD, 2012, p.5).

Existem várias facetas nas motivações das crianças, por isso será simplista afirmar que está motivada ou desmotivada e fará mais sentido pensar que será motivada de diversas formas ou estará desmotivada por razões diversas.

A motivação para a leitura, pode ser um acontecimento que se repete e por isso é habitual, ou pode ser uma motivação do presente com um propósito específico. Enquanto um leitor intrinsecamente motivado se sente recompensado pelo ato de ler

---

<sup>12</sup> Nos países da OCDE, os rapazes referem ter menos gosto pela leitura do que as raparigas e enquanto eles, habitualmente, preferem os jornais e banda desenhada, elas preferem a ficção e revistas (OECD, 2010 – citado em Clark & Rumbold, 2006).

em si, um que tenha motivação extrínseca apenas irá ler se daí retirar um resultado positivo ou evitar um negativo. Aquilo que principalmente motiva um tutor, é que os seus alunos sejam a longo prazo, leitores interessados e que consiga encontrar as melhores formas de motivação do aluno, pois esta é fulcral para a construção de leitores proficientes.

Seja pela prática de leitura de texto seja por conversas sérias que é possível ter com as crianças, os desafios colocados pelos tutores funcionam como um mecanismo social de apoio ao desenvolvimento da linguagem pois estimulam a capacidade da criança para significar, criando Zonas de Desenvolvimento Próximo (Vygotsky, 1995) da própria linguagem.

Os afetos, num triângulo entre educadores-crianças-familiares, podem assim, dificultar ou facilitar a aprendizagem e a realização da atividade. No caso da leitura, o mediador poderá elevar a competência percebida do aluno se: i) o apoiar a adquirir e desenvolver competências de leitura incentivando à abordagem de texto compatíveis com o seu estágio; ii) lhe der *feedback* positivo e informativo sobre a sua competência, o que pode melhorar e ao que deve ser sensível; iii) lhe proporcionar oportunidades de visualização e audição de leitores fluentes e, em simultâneo<sup>13</sup> ou de seguida, pedir a repetição e treino, e, iv) facultar apoio instrumental, instrução sobre estratégias e informações específicas sobre os textos<sup>14</sup>. (Viana, 2014,adapt., p. 137)

Fora do contexto escolar, os pais têm um papel igualmente importante, podendo ler e encorajar a ler, fomentar a escolha de livros e falar sobre os critérios utilizados, identificar novas palavras e explorar significados, assim como, proporcionar o contacto com material impresso diversificado. A existência de condições no ambiente familiar favoráveis ao interesse pela leitura, são um fator complementar de motivação da criança.

---

<sup>13</sup> Designado por alguns autores como “leitura em sombra”, permite melhorar a entoação, a fluência e o ritmo da leitura, sendo adequada a qualquer nível de escolaridade.

<sup>14</sup> O recurso a livros digitais permite, por exemplo, ouvir uma história, ler as palavras que se vão realçando à medida que a leitura decorre, e, clicar em palavras que suscitem dificuldade para que a sua repetição ocorra.

A explicação para o desenvolvimento dos mecanismos de leitura envolve *grosso modo*, três fases: conhecer, dominar e automatizar. Por seu lado, o ensino da leitura, pode ser genericamente descrito ao nível da instrução ou ao nível da reeducação/remediação.

Um conjunto de componentes devem estar presentes para despoletar um ensino mais efetivo:

1. O ensino individual e individualizado parece ter melhores resultados comparativamente aos obtidos com o trabalho em turma. Nos momentos de trabalho individual o professor ou tutor pode observar e ouvir o aluno, esclarecer as suas confusões, determinar o que melhor funciona para ele. Há um compromisso com o processo de aprendizagem sendo importante a coordenação entre a tutoria e a instrução em sala.
2. Recomenda-se que a tutoria seja individual, frequente e realizada por especialistas, isto é, com instrução e formação holística sobre o ensino da leitura (Cruz, 2007). É com interesse que emerge o regime de tutoria por voluntariado, como forma de ajuda extra e com a supervisão de um especialista certificado em leitura proporcionando sessões de formação e *feedback* para os tutores assim como avaliação contínua dos alunos.
3. As instruções sistemáticas relacionadas com o domínio do princípio alfabético quando combinadas com atividades linguísticas e com uma tutoria individual, triplicam os seus efeitos (Camilli, Vargas & Yurecko, 2003, como citado em Cruz, 2007).

O termo processo é o único que se aplica à aprendizagem da leitura, seja em contexto de escolarização seja de promoção da leitura. É fundamental a existência de um *continuum* para preparar o cérebro para o gosto leitor, devendo para isso ser trabalhados processos em qualidade e não quantidade, para a eficácia dos quais é necessário tempo e persistência.

A autora Teresa Silveira (2014) sugere 3 passos para desenvolver programas de promoção de leitura que se pretendam contínuos, integrados e longitudinais. Um primeiro passo que envolve uma estratégia que insista no contato com experiências concretas “como ver, comparar, ouvir, tocar ou cheirar que permitam gerar ou fortalecer conexões neuronais sobre a realidade” (p.102), e a atribuição de significado quando se dá o confronto com as imagens do livro, ou mais tarde a sua leitura alfabética. Num segundo passo, a estratégia tem como fim aumentar a predisposição e a autonomia face à leitura e deverá envolver experiências simbólicas que partam de desafios relacionados com o leitor, conquistando dessa forma a sua atenção, interesse e vontade de ler. No terceiro e último passo, inserem-se as atividades conducentes ao pensamento crítico do leitor, das quais se destaca a escrita<sup>15</sup> associada a afetos, pois refina a capacidade cerebral de simbolizar, abstrair e comunicar com prazer, i.e., promove o nascimento do *eu* leitor.

Nos estudos em que se compararam os efeitos de programas, as crianças destinatárias demonstram o orgulho, a leitura com confiança, a aprendizagem com entusiasmo, a motivação para o sucesso, maior fluência, compreensão e crescimento na leitura, relativamente a outras que não foram alvo dos mesmos programas. Reading Partners: “One tutor. One child. Infinite possibilities.”

Ler não deve cingir-se à prática exaustiva de excertos ou obras mas resultar das projeções múltiplas do leitor no universo textual. A verdade absoluta é desconstruída através da leitura. Para que o mediador cumpra a sua missão de ajudar a aprender a ler, não deve impor a sua leitura como padrão irrevogável mas usá-la como uma das leituras passíveis de estimular para aquelas que a criança queira. A leitura exige tanto de solidão, concentração, silêncio, como de partilha e debate.

Baker, S., Gersten, R. & Keating, T. (2000): “When an adult sits down with a child and shares in the pleasures of reading, and then helps the child build literacy skills, progress accelerates.”(p.494)

---

<sup>15</sup> *As atividades de escrita inserem-se na categoria de repetição elaborativa, o que implica um compromisso com o pensar, já que incita os indivíduos a clarificar, organizar, expressar e criar sobre o que leram e (...) na categoria de repetição rotineira, já que, e parafraseando Vítor Moreno, quem escreve lê duas vezes: enquanto escreve e quando relê o escrito* (Silveira T., 2014, pp. 109-110).

## **CAPÍTULO II – CONTEXTO E METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO**

## II.1. Contexto da Investigação

O projeto *Voluntários de Leitura* (projeto desenvolvido pelo CITI/Centro de Investigação para Tecnologias Interactivas sob a coordenação de Isabel Alçada) teve o seu lançamento em Dezembro de 2012.

“Destina-se a potenciar o desenvolvimento de uma rede nacional de voluntariado na área da promoção da leitura, através de uma plataforma digital que estimule a adesão de voluntários e funcione como instrumento congregador de iniciativas de escolas, bibliotecas e outras organizações.” (CITI, 2015).

O programa está centrado no Centro de Investigação da Universidade Nova, o CITI, com uma equipa especialista e experiente nas áreas do design, 3D, estruturação de conteúdos (promoção e investigação sobre a leitura), desenvolvimento curricular para o *e-Learning*, construção de bases de dados, videografia, audiografia, sonoplastia, marketing digital e programação.

Celebra protocolos e acordos com parceiros como a Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação Montepio; Fundação Aga Khan; Rede de Bibliotecas Escolares; Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas; Plano Nacional de Leitura; Entrajuda; Lusitania; Fundação do Gil; Camões - Instituto da Cooperação e da Língua; RUTIS; Observatório da Língua Portuguesa; e, um significativo conjunto de câmaras municipais do continente.

No sítio <http://www.voluntariosdaleitura.org/> os interessados em doar tempo para promover a leitura (indivíduos ou instituições como as escolas, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, hospitais, centros de dia...) podem inscrever-se e concertar a sua disponibilidade com a ajuda da equipa, assim como aceder a conteúdos destinados a assegurar a apreensão do projeto nas suas diferentes dimensões, e, recursos de apoio à promoção da leitura (informação e formação).

Para interligar eletronicamente todas as entidades que participam no projeto, desenvolveu-se e está em permanente evolução, a plataforma denominada *Sistema de Gestão do Voluntariado de Leitura* (SGVL), recorrendo a um sistema de gestão de base de dados (SGBD). A plataforma convida entidades/organizações a utilizar um perfil electrónico para que a Rede de Bibliotecas Escolares (RBE) e o CITI possam gerir a integração dos voluntários nas instituições que preferem, e aceder a todas as



funcionalidades que tornam possível operacionalizar o voluntariado. No sentido de aproximar entidades e voluntários, proporciona formação, articula os tempos e espaços de cada um, informa e divulga perante a sociedade a sua visão da leitura enquanto fonte de prazer. O cruzamento da informação que a rede executa é fundamental. A equipa formada para conceber e desenvolver esta plataforma, com o grau de complexidade que se exigia, foi constituída por especialistas em arquitetura de informação, *user experience*, modelação de base de dados e programação.

O programa de trabalho é estabelecido entre o responsável pelo voluntariado e o voluntário, sem excesso de formatação, sempre com mútuo apoio e principalmente com um compromisso de parte a parte. Desde o seu início, várias foram as atividades e formas de organização concretizadas: leitura em pequeno grupo ou individualizada, para crianças ou mais velhos, animação da leitura como a dramatização de histórias, apoio dos profissionais nas atividades de promoção da leitura, participação em feiras, encontros, palestras, concursos de leitura, apresentação e leitura de livros impressos ou em formato digital.

Podemos categorizar em três tipologias os agentes que se envolvem neste programa nacional de promoção da leitura: os promotores, as instituições de acolhimento e os voluntários.

Os promotores consideram uma obrigação de cidadania o voluntariado da leitura e por isso o seu objetivo transversal consiste em obter um projeto de cidadania ativa onde toda a sociedade civil pode intervir. A aproximação das pessoas de várias idades, da leitura em papel ou digital, contribuirá para que o desenvolvimento da competência leitora portuguesa seja um *continuum*.

As instituições de acolhimento de voluntariado de leitura devem reunir um conjunto de condições para que o mesmo esteja organizado. São elas uma decisão superior favorável, a indicação do responsável pela coordenação, o envolvimento da sua comunidade envolvente e a elaboração do planeamento/ acompanhamento/ avaliação das atividades específicas de voluntariado. Caberá ao responsável pela coordenação do projeto assegurar a sua organização e execução, articulando os horários, a duração das sessões e as iniciativas dos voluntários, com as dos profissionais das instituições e as das crianças, jovens ou adultos beneficiários.

Por parte dos voluntários, a vantagem da sua participação reverte para o outro e para si uma vez que é uma forma de envolvimento cívico que lhes proporciona um sentido de utilidade e fortalece a sua pertença e identidade coletiva, pode despoletar um gosto ainda mais intenso pela leitura e acede à formação que os prepara para um desempenho prático de excelência.

Em termos práticos, o futuro voluntário de leitura, inscreve-se on-line ou dirige-se às instituições de acolhimento, apresentando o cartão de cidadão e registo criminal. Além da vontade para disponibilizar o seu tempo livre em prol dos outros, deverá ter um perfil enquadrado nas características exigidas à sua função e por isso deverá confirmar a sua opção através de uma auto-reflexão inicial.

A formação que se sugere ao voluntário é colocada à disposição no site do projeto, em formato *e-Learning* e de forma assíncrona, focada nas temáticas: o voluntário, o voluntariado, leitura, literacia, promoção da leitura, leitura a par e em voz alta. No âmbito das iniciativas de voluntariado curricular, a FCSH/NOVA contém nos seus planos de estudo a opção livre “Voluntariado de Leitura”. Esta opção curricular permite aos estudantes obter 6 ECTS, cumprindo um trabalho que se distribui por 8 horas de acompanhamento tutorial, e 64 horas de trabalho em escolas, bibliotecas escolares ou bibliotecas públicas, com acompanhamento de profissionais da área da leitura, e apresentação final de relatório referente à atividade de voluntariado realizada no *terreno*.

A fim de avaliar o impacto do trabalho executado nos 3 anos de vigência (2012/2015), foi realizada uma análise da audiência do sítio, através do *Google Analytics*, da audiência das páginas do *facebook* e das respostas a um questionário *online*, um questionário dirigido às bibliotecas públicas, a observação direta. A consolidação do projeto é uma constante. Nos contextos escolar e das bibliotecas públicas, um alargamento da participação de empresas e, a definição de linhas de voluntariado de leitura específicas. As fontes de avaliação do impacto mantiveram-se, e, no cômputo geral, relativamente aos 3 anos de vigência e de acordo com os parâmetros selecionados e analisados, a avaliação conclui que o projeto tem sido explicitamente positivo.

## II.2. Opções Metodológicas e Processo de Recolha de Dados

A investigação tem um enfoque qualitativo. A pesquisa qualitativa, de uma forma geral, tende para os aspectos subjetivos da investigação e tem um carácter exploratório e minucioso sobre determinado contexto social. Esta opção deve-se ao fato do estudo incidir sobre uma matéria educativa na qual se inserem variáveis sociais cuja análise complexa não pretendeu assentar em dados exaustivos mas, por se considerarem mais interessantes, em conteúdos representativos da essência da envolvente do projeto que lhe serve de base prática. Deste modo, considerou-se aliciante e sólido, diversificar o desenho metodológico utilizado neste estudo introduzindo 3 perspetivas de análise do projeto *Voluntários de Leitura*. São elas a visão e opinião de elementos representativos do projeto (instrumento de recolha - entrevistas), a análise da janela digital disponibilizada pelo projeto (instrumento de recolha – grelha de avaliação de *sites* de acordo com o modelo W3C) e a análise dos 3 relatórios de avaliação externa anual do projeto (instrumento de recolha - grelha comparativa das avaliações resultantes do triénio 2013-15). Cada um dos 3 instrumentos selecionados tem subjacente uma justificação. A entrevista semi-estruturada foi utilizada para podermos conhecer a perspetiva humana<sup>16</sup> acerca do projeto, a grelha de avaliação de *sites* para apurar, indiretamente, as vantagens do digital neste projeto, e, a análise síntese dos relatórios de avaliação anual do projeto, para comparar o balanço realizado de forma externa ao longo do tempo de vigência do projeto e confrontar com a informação recolhida durante esta a investigação.

Entre os instrumentos de recolha de informação sob a forma de inquérito, estão o questionário e a entrevista. O questionário pode ter questões abertas e/ou fechadas, enquanto a entrevista pode ter ou não um guião, e caso tenha, o guião pode estruturar completamente as questões ou pode conter assuntos a abordar a título indicativo. Esta última, designada de entrevista semi-estruturada, foi a opção deste estudo pois a intenção para a realização das entrevistas era conhecer a perspetiva dos colaboradores do projeto não perdendo de vista os objetivos e hipóteses da investigação.

---

<sup>16</sup> Obter opiniões aprofundadas, identificar problemas ou as soluções encontradas.

Segundo Bogdan & Biklen (2010), “uma entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” (citado em Cardoso, 2011, p.3)

Uma vez que o projeto *Voluntários de Leitura* tem uma abrangência geográfica que envolve o território nacional, a população acessível para prestar informações seria de uma extensão incomportável tendo em conta os recursos humanos e financeiros necessários. Para além disso, na aplicação do inquérito por entrevista não se procura uma representatividade estatística, mas sim uma «representatividade social» à qual não se associa forçosamente o conceito de amostragem.

Desta forma, procurou-se definir uma amostra não aleatória fiável de participantes usando uma metodologia em cascata para a nomeação dos entrevistados. Na prática, o que sucedeu foi que a partir da primeira entrevista, a da Coordenadora do projeto, foram sendo indicados quais os seguintes elementos a entrevistar, sendo a única condição, a de que deveriam ser pessoas chave de diferentes áreas de funcionamento do projeto.

Numa fase inicial foi realizada uma entrevista exploratória à Coordenadora do Projeto de onde constavam os tópicos para a entrevista segundo a perspetiva da entrevistadora (Anexo A). Os mesmos foram testados e eliminados os que não se adequavam ao objetivo da investigação. A partir dessa exploração, foi possível elaborar o modelo de guião. Não existe uma sequência na apresentação dos temas mas considerou-se importante ter um fio condutor no conjunto dos guiões de entrevista (Anexo B a J). Cada uma das entrevistas varia com pequenas nuances para se coadunar de alguma forma, com o papel de cada um dos entrevistados. Elaborou-se também a lista de entrevistados que responderiam às questões guia na qualidade de responsáveis ou representativos de cada área-chave do projeto. Optou-se por verificar a perspetiva dos colaboradores mais expressivos quantitativamente que são os que estão ligados às escolas públicas. Nesse sentido, os entrevistados teriam de ser representativos das áreas de: coordenação do projeto, coordenação da rede de bibliotecas e apoio técnico, coordenação interconcelhia das bibliotecas escolares, supervisão e apoio técnico da plataforma digital, direção de escola, docência, coordenação de biblioteca escolar, voluntariado curricular (Anexo K).

Foram aplicadas 12 entrevistas uma vez que cada área foi representada por um entrevistado, exceto as de direção de escola e voluntariado que se fizeram representar por dois elementos por interesse da entidade de acolhimento que se disponibilizou para esta investigação. Na aplicação das entrevistas seguiram-se as regras que asseguram a sua fiabilidade: foi explicado aos entrevistados em que âmbito se realizava, assegurada a confidencialidade, pedida a sua gravação, validação após transcrição e posterior integração integral no trabalho. As entrevistas foram marcadas telefonicamente ou por e-mail, com a indicação dos entrevistados sobre a sua data, local de realização e se seriam coletivas ou individuais. Foram presenciais e autorizada a gravação das mesmas (Anexo L a T).

A *World Wide Web* disponibiliza uma grande variedade de informação e a sua colocação *on-line* é reflexo da liberdade expressiva de cada um. Torna-se difícil ao utilizador confiar na informação apenas pela sua existência, e como tal, precisa de indicadores que o auxiliem na garantia da qualidade da informação a que acede. Ainda não existe nenhuma norma internacional de qualidade especificamente destinada à avaliação de um *site*. Existem algumas organizações que sugerem listas de indicadores a verificar para que se possa reconhecer um tipo de qualidade num *site*. O utilizador não pode esperar encontrar um símbolo que autentifique a qualidade e/ou a confiança num *site*, ele tem que desenvolver essa competência. Assim, para apurar a usabilidade, qualidade e confiança da informação prestada, a opção recaiu sobre a grelha de avaliação de *sites* do modelo W3C -*World Wide Web Consortium* (Anexo U). Este é um modelo recente e portanto absorveu dos outros que foram sendo testados ao longo do tempo. É certificado pelo consórcio que é uma referência mundial nos indicadores de qualidade, e os autores Ana Carvalho, Alcino Simões e João Silva, que estudaram a sua aplicação prática, produziram uma grelha que foi utilizada nesta investigação para analisar o *site Voluntários de Leitura*. O projeto cerne da investigação prática desta tese de dissertação, atingiu o seu terceiro ano de consecução no final de 2015 e em cada um dos anos, foi realizada uma avaliação externa da qual resultaram 3 relatórios de avaliação de impacto do trabalho realizado. Foi criada uma grelha de categorização do conteúdo e feita uma análise comparativa dos resultados para que se pudessem corroborar ou não, as hipóteses da investigação.

### **II.3. Tratamento e análise de dados**

As entrevistas semi-estruturadas foram aplicadas com o intuito de despoletar uma reflexão por parte dos colaboradores do projeto *Voluntários de Leitura*.

Em relação à caracterização dos entrevistados, pode indicar-se que, 10 são femininos e 2 masculinos; 2 têm nível 3 de qualificação, 6 nível 6 e 4 nível 7<sup>17</sup>; finalmente, quanto às funções desempenhadas, 6 integram-se na área de coordenação/ gestão, 2 na de investigação, 2 na de docência e 2 na de estudante.

As entrevistas enquadram-se num modelo semi-estruturado (entrevista semi-diretiva), ou seja, realizaram-se tendo por base um guião de entrevista e todas foram conduzidas de modo a imprimir flexibilidade e a proporcionar a exploração de informações novas e relevantes para os objetivos do trabalho. Foram respeitadas as reações dos entrevistados à medida que estes elaboraram o seu discurso.

Para tratar os dados recolhidos em contexto de entrevista, elaborou-se uma grelha na qual se assinalou a frequência com que os entrevistados se referiram aos assuntos relacionados com as categorias criadas. Esta sistematização pode ser visualizada na tabela que se segue.

---

<sup>17</sup> De acordo com o Quadro Nacional de Qualificações, o nível 3 aplica-se à pessoa que tem o ensino secundário vocacionado para prosseguimento de estudos de nível superior, o nível 6 à que possui licenciatura e o nível 7 à que é detentora do grau de mestrado (<http://www.catalogo.angep.gov.pt/>).

Tabela 1 - GRELHA DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS POR CATEGORIAS (frequência de indicadores nas entrevistas aos Entrevistados (1 a 12))

Categorias	Sub-categorias	Indicadores	Entrevistados												
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	T
Delimitação da estrutura do projeto	Objetivos do projeto	Revela reconhecer como objetivo a repetição de experiências de leitura e o gosto pela mesma	1		1								1	1	<u>4</u>
		Indica o escalão etário 6-12 ou o 1.º e 2.º ciclo como requisito fundamental para a promoção da leitura	1							1		1	1	1	<u>5</u>
		Identifica como espaços de dinamização da leitura a escola, a família, locais de lazer e cultura	1							1		1			<u>3</u>
		Considera fundamental para quem não gosta de ler e tem dificuldades	1			1	1		1	1	1	1	1	1	<u>9</u>
		Foca a atenção individualizada dada ao leitor embora aconteça também em pequeno grupo	1				1			1	1	1	1	1	<u>7</u>
		Menciona a leitura em liberdade como adequada ao voluntariado	1									1	1	1	<u>4</u>
		Indica a importância do compromisso assumido pelo conjunto de colaboradores envolvidos								1	1	1	1	1	<u>5</u>

	Estrutura de funcionamento do projeto	Descreve a congregação entre voluntários e entidades de acolhimento	1	1					1	1	1			1	<u>6</u>
		Descreve o circuito de funcionamento até à efetividade da colaboração e esta inclusive		1	1	1			1	1	1	1	1	1	<u>9</u>
		Indica a exigência de uma gestão regular do modelo e da organização entre as pessoas envolvidas	1	1	1	1	1	1	1	1		1	1	1	<u>11</u>
		Refere as formas de divulgação do projeto	1	1	1							1	1		<u>5</u>
		Reconhece a continuidade do trabalho no tempo como forma de avaliação do projeto			1	1				1		1		1	<u>5</u>
		Indica a observação direta como método de avaliação do impacto nos destinatários finais	1			1						1	1	1	<u>5</u>
		Indica os dados estatísticos ou relatórios dos intervenientes como forma de avaliação da gestão do voluntariado							1	1	1	1			<u>4</u>
Utilidade das plataformas digitais do projeto	Plataforma de gestão do projeto	Refere impossibilidade do projeto sem a existência da base de dados digital	1	1					1					1	<u>4</u>
		Indica a flexibilidade e abrangência como pontos fortes da plataforma	1	1					1	1					<u>4</u>
		Reconhece a importância da plataforma para a simplificação do trabalho em rede	1	1	1				1	1				1	<u>6</u>
		Descreve como funcionalidades da plataforma de gestão o cruzamento de dados, a estatística ou o ponto da situação do voluntariado	1	1					1	1				1	<u>5</u>
		Refere que a plataforma informática evita custos, esforço e erro humano							1						<u>1</u>



		Menciona os recursos informativos ou formativos disponibilizados no site	1	1	1				1	1	1	1	1		<u>8</u>
	Website público	Refere a utilidade da divulgação, recolha de inscrições, informação e formação em voluntariado de leitura, testemunhos motivadores	1	1	1				1	1	1	1	1		<u>8</u>
		Reconhece que a flexibilidade e o alcance do <i>website</i> , proporciona eficácia ao projeto	1	1	1							1			<u>3</u>
Organização da rede de parceiros do projeto	Rede de parceiros	Reconhece as vantagens do funcionamento em rede	1	1	1	1			1	1	1			1	<u>8</u>
		Enumera os principais colaboradores envolvidos, pessoas ou entidades de enquadramento	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	<u>11</u>
		Descreve as funções de cada parte envolvida	1	1	1	1	1		1	1	1	1	1	1	<u>11</u>
		Refere a evolução da rede de parceiros	1	1	1				1	1	1				<u>6</u>
		Refere a importância de confirmar a adequação do perfil dos voluntários de leitura					1		1	1	1				<u>4</u>
		Refere o empenho dos parceiros	1	1	1	1			1	1	1	1	1	1	<u>10</u>
		Enquadra ações de cidadania e apoio à biblioteca, entre as que os voluntários desempenham			1						1	1		1	<u>4</u>
	Identidade, qualidade e quantidade	Verifica um crescendo nos projetos de promoção de leitura, no n.º de entidades e voluntários	1	1	1				1	1	1	1		1	<u>8</u>
		Reconhece e vê reconhecido o valor social e a competência dos colaboradores e do projeto	1		1					1		1		1	<u>5</u>
		Refere o contexto e resultados positivos como propulsores da quantidade de intervenientes		1	1				1	1	1				<u>5</u>
		Considera suficiente a quantidade de voluntários				1									<u>1</u>

Expetativas e satisfação face ao projeto	Expetativa e satisfação geral	Refere como expetativas o apoio aos que têm mais dificuldade na leitura, a mudança de atitude ou o desenvolvimento do país	1	1	1					1		1	1	1	<u>7</u>
		Classifica como elevado o nível de satisfação enquanto parceiro ou em termos pessoais	1	1	1	1		1		1	1	1	1	1	<u>10</u>
		Posiciona como bastante positiva a satisfação geral	1		1	1	1		1				1	1	<u>7</u>
		Refere como dimensões de possíveis melhorias:	1												<u>1</u>
		o enraizamento da leitura na sociedade civil,													<u>1</u>
		a divulgação,		1								1			<u>1</u>
		o alargamento das entidades de acolhimento,													<u>1</u>
		a eliminação de divergências nos <i>timings</i> dos parceiros,			1										<u>1</u>
		a redução das reticências dos docentes,											1	1	<u>2</u>
		o aprofundamento da formação proporcionada <i>on-line</i> ,			1										<u>1</u>
		o alargamento do projeto a crianças sem dificuldades,						1							<u>1</u>
		mais voluntários,											1		<u>1</u>
		projetos de base estável e contínua										1			<u>1</u>

	Promoção da competência leitora	Descreve técnicas de promoção de leitura como ler em voz alta, a par, representar histórias	1		1		1			1		1	1	1	<u>7</u>
		Refere a importância da escolha dos livros, a preparação corporal para a leitura, o espaço e tempo em que ocorre, a compreensão do espaço biblioteca			1	1		1			1	1	1	1	<u>7</u>
		Refere como avanços observados na competência leitora dos destinatários a responsabilidade, a desinibição, a confiança ou a criatividade	1		1		1	1						1	<u>5</u>
		Ressalva a inexistência de normas padronizadas para os destinatários do projeto			1						1				<u>2</u>
		Refere como melhoria possível o cruzamento da avaliação da gestão do voluntariado com o impacto nos destinatários da promoção da leitura							1	1					<u>2</u>

Verificada a frequência com que os entrevistados se referem a questões relacionadas com os objetivos que o projeto pretende atingir, podemos dizer que os destacados são que o projeto se dirige fundamentalmente às crianças dos 6-12 anos (5 entrevistados) que não têm desenvolvido o seu gosto pela leitura (9 entrevistados) e a quem um trabalho de atenção individualizada mais resultados trará (7 entrevistados). Para que os resultados sejam positivos para essas crianças, os entrevistados não deixam de especificar a importância de um forte compromisso de todos os colaboradores envolvidos (5 entrevistados).

O envolvimento num projeto será mais forte quanto mais clara for a forma como está estruturado e qual o papel de cada um na engrenagem do mesmo. Isso é revelado pelas respostas no campo da orgânica de funcionamento do projeto através das quais se pode realçar a consciência da necessidade de uma gestão regular do projeto (11 entrevistados), o conhecimento dos circuitos que permitem a implementação do projeto no terreno (10 entrevistados) e, especialmente dentro deste, a importância da congregação eficaz entre quem acolhe o voluntariado de leitura e os voluntários que dinamizam a leitura junto dos destinatários (6 entrevistados).

Quanto à utilidade que as plataformas digitais lançadas no âmbito do projeto têm, os entrevistados assinalam em maioria que o sistema de gestão do voluntariado de leitura (SGVL) cumpre a sua função primordial de simplificação do trabalho em rede (6 entrevistados) ao permitir o cruzamento dos dados existentes na base de dados, a análise do ponto em que se encontra a situação de voluntariado e a produção de estatísticas relevantes para o acompanhamento do projeto (5 entrevistados). Já o *website* disponibilizado ao grande público distingue-se pela utilidade que tem para os intervenientes do projeto, para quem pretende participar e para o cidadão comum com interesse na matéria. Daí que os entrevistados referenciem com maior frequência a importância do *website* para a divulgação do projeto, a recolha de inscrições de entidades de acolhimento e voluntários, a informação sobre a leitura e o voluntariado de leitura, o apelo de testemunhos de reconhecido valor social (8 entrevistados), e, com grande ênfase e resultados práticos, a formação *on-line* que é proporcionada e está perfeitamente alinhada com as necessidades encontradas (8 entrevistados).

O papel que cabe a cada um dos parceiros intervenientes neste projeto de voluntariado de leitura é do conhecimento geral dos entrevistados. Estes não só os identificam e sabem quais as funções que lhes competem (11 entrevistados), como reconhecem o empenho de cada um (10 entrevistados) e as vantagens que essa rede bem organizada tem para o desenvolvimento do trabalho (8 entrevistados). Entre os resultados emergentes da promoção da leitura com base no voluntariado, os entrevistados destacam o aumento quantitativo no nº de entidades de acolhimento (8 entrevistados) e voluntários paralelamente à disseminação de outras ações de dinamização da leitura. Para resultados quantitativos e qualitativos positivos do projeto, contribuem fatores como a competência dos colaboradores, o valor social do projeto (5 entrevistados), a adequação das entidades de acolhimento e o perfil dos voluntários. Estes funcionam como origem de uma atitude de contágio para outros e, simultaneamente, criam uma identidade entre os colaboradores que determina uma continuidade de funcionamento ao longo da vigência do projeto (5 entrevistados).

As expectativas de apoio aos que têm mais dificuldades na leitura não foram defraudadas. Os entrevistados frequentemente referem-se ao seu elevado grau de satisfação, sentimento que acompanha o nível pessoal e profissional dos entrevistados. No geral estão satisfeitos e as melhorias apontadas são dispersas (7 entrevistados). A única que se destaca ligeiramente, talvez por ser possível e muito importante, é a de esclarecer os docentes de forma a reduzir as suas reticências à entrada de voluntários mediadores da leitura, externos ao círculo escolar (2 entrevistados).

Uma vez que as crianças não se expressam nesta recolha de dados, os entrevistados realçam aquilo que consideram ser potenciador do gosto pela leitura. Os procedimentos mais frequentemente referidos são as técnicas utilizadas no projeto, a par e em voz alta, as que se socorrem de áreas como o teatro ou a música, a escolha adequada dos livros, do tempo e do espaço em que a leitura ocorre e, a criação de capacidade de movimentação das crianças em espaços de leitura como a biblioteca (7 entrevistados). Reunidas essas condições, os entrevistados referem que é possível observar nos destinatários o desenvolvimento do sentido de responsabilidade e a confiança suficiente para que sejam menos inibidos e mais criativos (5 entrevistados).

A comprovar o produto da análise do conjunto das entrevistas baseado na frequência com que os entrevistados focam os indicadores selecionados, podemos apresentar a Grelha de Análise de Conteúdo das Entrevistas.

#### Análise de conteúdo

“(…) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.” (Bardin, 1995, p. 42).

Da grelha constam unidades de contexto que exemplificam as ideias e opiniões dos entrevistados, com a indicação do n.º de linha em que são mencionadas e que entrevistado referiu tais mensagens.

Uma vez que se tornaria denso e ineficaz apresentar todas as afirmações relacionadas com a respetiva categoria, optou-se por indicar o conteúdo da entrevista da Coordenadora do projeto por ser bastante rica e, apenas em casos de categorias ainda não exemplificadas, indicam-se unidades de contexto de outros entrevistados.

Tabela 2 - ANÁLISE DE CONTEÚDO – GRELHA DE UNIDADES DE REGISTO E CONTEXTO referentes às categorias em análise

Categoria DELIMITAÇÃO DA ESTRUTURA DE FUNCIONAMENTO DO PROJETO	
Para análise da H1 – A estrutura de funcionamento do projeto de promoção de leitura está claramente delimitada e sustentada.	
Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Diversificação das experiências individualizadas de leitura para quem tem dificuldades;	O projeto <i>Voluntários de Leitura</i> nasceu portanto da intenção de criar mais ocasiões de leitura para aqueles que têm mais problemas com a leitura. (linha 59-60, E1) ...criar oportunidades para as crianças que têm menos facilidade em adquirir rapidamente a competência de leitura, terem uma ajuda de adultos que as possam colocar perante livros que são simpáticos, agradáveis, divertidos, e ouvi-las ler de maneira a criar as experiências de leitura que sejam gratificantes, porque uma criança sempre gosta que um adulto lhe dê atenção. Foi este o princípio. (linha 61-67, E1)
Mediação da leitura apoiada no voluntariado;	...a leitura em liberdade, para dar prazer, é um campo que pode ser de voluntariado. Foi nesse sentido que foi lançado o programa, muito inspirado em programas análogos que existem noutros países. (linha 76-78, E1)
Estruturação do modelo de implementação e gestão;	Em primeiro lugar procurámos congregar os cidadãos que estivessem disponíveis para trabalhar como voluntários, a as instituições que estivessem disponíveis para acolher esses voluntários. (linha 81-83, E1) Fomos recebendo inscrições de cidadãos de todo o país, fomos colocando estes voluntários em escolas e bibliotecas públicas, em parceria com os parceiros já Rede de Bibliotecas Escolares e com as Bibliotecas Públicas que também se inscreveram. (linha 247-250, E1) É a rede profissional que depois colabora com os voluntários que estão colocados.(linha 322-323, E1) Um projeto com uma gestão diária. (linha 312-313, E1)
Destinatários principais;	Mas o público-alvo principal foi o de 6 aos 12/13 anos de idade. (linha 89-90, E1)
Divulgação;	...originando inscrições a partir dos bancos locais de voluntários. (linha 253, E1) ... os coordenadores inter-concelhios das bibliotecas escolares vão directamente chamar a atenção das escolas...(linha 263-265, E1) ...os cidadãos apercebem-se de que há essa possibilidade porque é a própria escola que lhes diz que anda à procura de voluntários. (linha 265-267, E1) A plataforma do projeto anuncia que são precisos voluntários aqui e ali.Outro veículo de divulgação são as redes sociais, fundamentalmente o <i>facebook</i> ... (linha 268-269, E1)
Compromisso assumido pelos colaboradores;	Eu aqui fiquei com a impressão que havia muito empenho, as pessoas estavam mesmo muito empenhadas e estavam a dar tudo o que tinham, do coração para o projeto. (linha 63-65, E10)

Avaliação de impacto;	<p>Por todo o país temos mais de 1400 voluntários inscritos e estão colocados muitos. (linha 254, E1)</p> <p>O que já se fez e que já se conseguiu está na linha certa...(linha 276, E1)</p> <p>Mas quanto mais crianças tiverem apoio, melhor. Este projeto é um dos projetos que contribui para melhorar o problema... (linha 278-280, E1)</p> <p>De tal modo que as escolas no ano seguinte não queriam só 2 ou 3 voluntários, queriam mais para todos os professores. (linha 271-273, E8)</p> <p>Sim, é empírica: “Não, eles estão a ler melhor!”. (linha 169, E12)</p>
Promoção da competência leitora	<p>São todos os dados estatísticos que nós retiramos do uso da plataforma. Não há uma avaliação qualitativa por parte dos voluntários em si. (linha 276-278, E7)</p> <p>Porque a leitura não é só uma coisa mental, a nossa boca, garganta, etc., tudo isto é um instrumento. (linha 281-282, E3)</p> <p>Há aliás uma menina que vem aqui nos intervalos e como quer ler, põe-se a ler em voz alta para os outros. Ela nunca fazia isso. Agora sente-se mais segura. (linha 425-427, E3)</p>
Categoria UTILIDADE DAS PLATAFORMAS DIGITAIS DO PROJETO	
Para análise da H2 – A gestão da plataforma digital do projeto de promoção de leitura, destaca-se como essencial para a eficácia do projeto.	
UNIDADES DE REGISTO	UNIDADES DE CONTEXTO
Impossibilidade de implementação sem recursos digitais;	Se criássemos este projeto numa época em que ainda não dispuséssemos de recursos digitais, seria praticamente impossível conseguirmos pô-lo em prática. (linha 91-92, E1)
Essencialidade das características digitais como a flexibilidade de acesso no tempo e espaço;	<p>... é uma base de dados que permite cruzar a informação e perceber em cada momento quem está inscrito, se está colocado ou não, se já foi à entrevista com o responsável da escola ou não, se já está a trabalhar ou não. (linha 304-307, E1)</p> <p>A comunicação por via digital, foi mais uma vez essencial, porque as pessoas, estejam onde estiverem, podem consultar a plataforma, podem ver, ler, assistir a vídeos com sessões, para ficarem a saber, o que é essencial para que o projeto corra bem. O mesmo para os cidadãos que queiram tornar-se voluntários. (linha 108-112, E1)</p> <p>Daí o trabalho de arquitetura de informação ser preponderante e evita sobretudo custos futuros e constrangimentos...(linha 59-60, E7)</p>
Disponibilização on-line de recursos.	...dispõe de informação e formação em <i>e-learning</i> , formação livre, aberta,...(linha 115-116, E1)
Categoria ORGANIZAÇÃO DA REDE DE PARCEIROS DO PROJETO	
Para análise da H3 – A significância da rede de <i>stakeholders</i> do projeto de promoção de leitura, assegura o <i>continuum</i> .	
UNIDADES DE REGISTO	UNIDADES DE CONTEXTO
Contributo do parceiro CITI;	<p>... equipa de bolsiros investigadores do CITI que montaram e fizeram a plataforma e todo o sistema de inscrições com a base de dados...(linha 318-320, E1)</p> <p>...eu que vou falar com as instituições parceiras... (linha 317-318, E1)</p>



Contributo do parceiro AVL;	Além do apoio do CITI, constituiu-se uma associação que se chama Associação para o Voluntariado de Leitura com um conjunto de pessoas interessadas em proporcionar também informação. (linha 122-124, E1)
Contributo do parceiro RBE;	A Rede de Bibliotecas Escolares constitui outro parceiro nuclear pois dispõe de equipas de pessoas por todo o país, que estão à frente de bibliotecas escolares e de coordenadores inter-concelhios que permitem que os voluntários sejam acolhidos e acompanhados nas escolas. O voluntário é acompanhado nas escolas pelo professor bibliotecário. (linha 127-131, E1)
Contributo do parceiro Câmaras Municipais;	...colaboração com as Câmaras Municipais, fizemos Protocolos de Acordo para que os bancos de voluntariado locais pudessem anunciar este projeto originando inscrições... (linha 250-253, E1)
Contributo do parceiro Voluntário.	...voluntários para lerem com crianças numa base individual...(linha 84-84, E1) Se aquela voluntária for boa, e portanto também temos voluntários com melhor ou pior perfil, com umas de fato vê-se a evolução e os outros também querem. (linha 281-283, E9) Poder-se-ia fazer porque no fundo não era só a leitura, podiam ser outro tipo de ações na biblioteca, ajudar a enquadrar os miúdos, orientar na pesquisa, etc., portanto também temos voluntários que trabalham nesse nível. (linha 180-183, E8)
Categoria EXPETATIVAS E SATISFAÇÃO FACE AO PROJETO	
H4 – A participação no projeto de promoção de leitura satisfaz as expectativas gerais dos que nele se envolvem.	
Satisfação face ao interesse gerado;	Considero ser um programa muito mobilizador, que me dá muita satisfação. (linha 338, E1) ... vejo muito interesse da parte dos cidadãos e dos profissionais... (linha 339-340, E1) ...grandes órgãos de comunicação social muitas vezes vêm que nós existimos. (linha 342-343, E1)
Satisfação face ao contributo dado;	Estamos na linha certa para que o nosso país vá mais longe no desenvolvimento educativo, cultural, social. (linha 347-348, E1) Ver que as pessoas, que a sociedade civil se mobiliza por uma causa que é a leitura. (linha 349-350, E1) ...o projeto estar a ser pioneiro como um projeto de voluntariado na área de educação, e tenho esperança que venha a ser uma semente de outros projetos. (linha 352-354, E1)
Satisfação pessoal;	Claro que trabalhar numa área em que se sente estar a contribuir para o benefício alheio, é muito gratificante. (linha 359-360, E1)

Sugestão de melhorias.	<p>Mas acho que a parte da publicidade devia ser um pouco mais aprofundada, investirem mais nisso porque muita gente, quando eu disse aos meus colegas que tinha começado a fazer, ninguém sabia: “O quê, o que é que tu estás a fazer, mas o que é isso?”.(linha 162-165, E10)</p> <p>Para nós, o nosso maior desafio, é aumentar o número de voluntários e de instituições para os acolher, se não, não daria. (linha 158-159, E2)</p> <p>...esse entrosamento de horário onde o voluntário poderia exercer a sua actividade na escola. Se isso fosse mais estudado, pensado mesmo em termos de horas e em termos também de adaptação dos 2 semestres em relação aos nossos trimestres. (linha 340-344, E3)</p> <p>os professores têm que estar mais recetivos também a essas ações, não podem simplesmente pensar “Ah que chatice, agora meia hora com os miúdos ali. Tenho mas é que acabar estas fracções!”. (linha 276-279, E11)</p> <p>Elas sentiam que precisavam de saber mais e aí a plataforma não vai assim por aí além. (linha 265-266, E3)</p> <p>Os outros meninos, que não apenas os que têm maiores dificuldades, também gostariam de ter esses momentos de leitura. (linha 82-84, E6)</p> <p>Acho que tem de haver uma organização mais estável e mais contínua. Não pode ser uma coisa com uma periodicidade de 2 vezes por mês ou algo assim, é preciso ser uma coisa mais constante. (linha 273-276, E11)</p>
------------------------	--

As informações que decorrem da plataforma digital do projeto, o *website* público, e as que estão patentes nos relatórios de avaliação externa do projeto, podem complementar a análise das entrevistas.

O processo de registo a partir do *Website Voluntários de Leitura* recorre a bibliotecas específicas de JavaScript (jQuery/JSON), que proporcionam retorno imediato ao utilizador, quer dos estados de navegação, quer das opções tomadas.

A página inicial do site, “home page”, contém informações e hiperligações pertinentes que permitem ao utilizador aceder a outras informações do *site*. No seu todo, o *site* integra funções de expositor de informação, já que expõe de forma organizada, informações relativas à área de interesse “leitura” e coletor de informação pois permite a inscrição *on-line*.

A informação que apresenta irá depois ser base para as actividades em contexto de voluntariado. Se pretendermos olhar para o grau de maturidade do website, isto é, o seu estado de desenvolvimento tendo por base o grau de interatividade, segundo o modelo do *eEurope*<sup>18</sup>, ele estará no estágio da interação já que integra vídeos tutoriais.

O perfil de utilizador do site, para além de ser diferente em função da idade, ocupação profissional, experiência com as tecnologias ou contexto em que necessita do mesmo, está estreitamente relacionado com o grau de conhecimento da área de interesse focada e a frequência com que acede ao site. Neste caso concreto, temos um utilizador habitual que pretende ser voluntário ou já o é, e que, por conseguinte, faz a consulta do *site* com conhecimento do tipo de informação disponibilizada, reconhece a qualidade do seu conteúdo e procura as novidades e os pormenores. Por outro lado, temos um utilizador casual que acede ao *site* por acaso e apenas permanece caso lhe prenda a atenção e lhe forneça referências portadoras de credibilidade. Para estes últimos utilizadores, é premente que o *site* seja fácil de usar e que, de alguma forma, confirme que a informação que contém é de qualidade e confiança e os seus autores credíveis.

---

<sup>18</sup> Modelo que assenta em quatro estágios: informação, interacção, interacção bi-direccional e transacção. (PCM-UMIC, 2003)

Para efeitos de análise da qualidade do *website* do projeto, estiveram subjacentes as 6 caraterísticas do modelo *W3C World Wide Web Consortium*<sup>19</sup> e foi utilizada a grelha fruto do modelo Carvalho et al. (2005), que usa a dimensão da usabilidade, da informação e da autoridade do site (Rodrigues, 2013, slides). Os dados categorizados da grelha serviram de base para a recolha dos dados referentes ao *website* específico do projeto em análise (Anexo V).

Apresentam-se os aspetos mais relevantes para a avaliação do *site*.

O utilizador do *site* pode esperar em primeiro lugar, rapidez no acesso, uma vez que a *home page* não demora mais de dez segundos a descarregar<sup>20</sup> e a partir desta facilmente compreende a estrutura que organiza a informação. Tem por isso, uma navegabilidade intuitiva suportada por uma legibilidade equilibrada entre títulos esclarecedores, conceitos acessíveis ao cidadão, ligações internas e externas que ajudam à compreensão da área de interesse e corroborando a ideia de que um *site* não existe só por si. Mergulhar na informação e retornar ao ponto de partida é simples pelo que é um *site* no qual o utilizador pode demorar e ao qual deseja voltar. O logótipo, autores, mensagens indicadoras da finalidade, oito hiperligações do menu, e pesquisador interno, estão sempre no topo da abertura de cada página. Contém pequenos parágrafos, alinhados à esquerda, títulos destacados, texto escuro contrastante com fundo branco, imagens e vídeos apelativos e com qualidade, e a informação é técnica e humanitária. Com a informação disponibilizada no *site*, o utilizador pode ter atividades instrutivas, executar trabalhos escolares, proceder a auto-formação, pelo que é pertinente verificar-se que nele se incluem referências bibliográficas. A informação respeita o utilizador e não inclui expressões, imagens ou outro qualquer material desadequado a públicos desprotegidos como as crianças. A contextualização no tempo surge por intermédio das notícias e eventos cujo título aparece exatamente com a data em primeiro plano. A informação dos responsáveis pelo *site*, em conjunto com o endereço eletrónico para comunicação assíncrona e o facto do texto do URL conter “.org” indicando que se trata de uma organização, eleva

---

<sup>19</sup>Caraterística 1 – Identidade; Caraterística 2 – Informação; Caraterística 3 – Usabilidade; Caraterística 4 – Funcionalidade; Caraterística 5 – Fiabilidade; Caraterística 6 – Eficiência (Rodrigues, 2013, slides).

<sup>20</sup>*Segundo Nielsen, na obra “Designing Web Usability”, o tempo de resposta, que deve ser rápido, é o mais importante critério de design para as páginas (Nielsen, 2000:42), propondo o autor que uma página não demore mais de dez segundos a descarregar (Carvalho, s.d., p.24).*

as probabilidades do utilizador confiar que se trata de um *site* credível e de qualidade. Sendo uma temática educativa, de forma geral, o utilizador vê minimizadas as suas dúvidas também pelo currículo dos que compõem a equipa do projeto responsável pelo *site* e referência a projetos e *sites* internacionais similares. Seguindo as linhas da maximização da qualidade do site, podem sugerir-se como melhorias: considerar os requisitos de acessibilidade aos portadores de dificuldades; disponibilizar o site em várias línguas e atualizar nomeadamente, as hiperligações para as referências bibliográficas no menu “formação” pois algumas terminam num erro.

Decorrente desta análise de indicadores, podemos seguramente afirmar que a qualidade do *website Voluntários de Leitura* é positiva.

Para efeitos de recolha de dados adicionais, foram analisados os relatórios de avaliação externa do projeto. A comparação dos itens avaliados e resultados apurados, ajudam-nos a perceber: a projeção do projeto, as vantagens da sua vertente digital e as apostas operacionais dos seus promotores.

Ao longo dos três anos de vigência do projeto, várias foram as fontes de informação para a avaliação externa: a análise de audiência do sítio <http://www.voluntariosdaleitura.org/index.php> realizada a partir do relatório *Google Analytics*<sup>21</sup>, que disponibiliza a análise, a estruturação e a seriação de dados resultantes de uma leitura mundial recolhida em todos os motores de pesquisa disponíveis na *Internet*; a utilização da página *Voluntários de Leitura* do Facebook <https://www.facebook.com/VoluntariosDeLeitura/?ref=ts&fref=ts>; as respostas a um questionário *online* disponibilizado no *website* do projeto entre 1 de Junho e 31 de Julho de 2013, com 465 respondentes; as respostas a um formulário dirigido às Bibliotecas Públicas, enviado em Junho de 2014, com o objetivo de recolher informações acerca da presença ou ausência do projeto e reforçar ou estimular o interesse no mesmo; escolas de todo o país.

Denota-se ao longo dos três anos, a passagem de uma fase de construção do modelo, para uma de gestão e constante melhoria do mesmo.

---

<sup>21</sup> Um instrumento estatístico de idoneidade consensual em toda a *Internet*, criado pela *Universidade de Stanford*.

Foi fundamental na implementação inicial do projeto, a construção da plataforma denominada *Sistema de Gestão do Voluntariado de Leitura* (SGVL) que recorre a um sistema de gestão de bases de dados que permite interligar eletronicamente todas as entidades participantes. Através de um perfil eletrónico, utilizado pelo conjunto de intervenientes, a Rede de Bibliotecas e o CITI, podem operacionalizar e gerir a procura e a oferta de voluntariado. Para que isso suceda, as funcionalidades da plataforma são: registo de participantes com inclusão de informação sobre as suas preferências para que esta possa ser filtrada automaticamente pelo sistema; integração de voluntários em escolas e outras organizações pelo que os administradores acedem a listagens com elementos relevantes para o processo de colocação; acolhimento de voluntários nas escolas que passa pela negociação do agendamento de uma primeira reunião entre os interessados; e, edição de registos acessível a todos os perfis de utilizador intervenientes no projeto com garantia de baixos tempos de preenchimento e submissões eficazes. O formato digital permite maximizar as coincidências existentes por todo o país, ao torná-las o mais viável possível e utilizando o mínimo de custos e recursos. O SGVL é atualizado sempre que as alterações estratégicas assim o exigem e em função das necessidades dos intervenientes.

Após estruturado o funcionamento em rede que sustenta o projeto, melhorá-lo significou aumentar em quantidade os mediadores da promoção da leitura e conciliar o que de informal já existia, com as oportunidades que as estruturas formais públicas e privadas podem trazer a este campo. Verifica-se por isso, a disseminação do modelo construído no primeiro ano, por grupos de empresas que revelam apostar no voluntariado de leitura como vertente da sua responsabilidade social<sup>22</sup> ou por grupos de alunos mais velhos que darão apoio aos mais novos, para além dos parceiros iniciais do projeto que foram principalmente as bibliotecas, escolares e públicas, e a universidade com o voluntariado curricular. Melhorar significou também verificar em que medida os elementos digitais, website e *facebook*, estão a ser vantajosos para o

---

<sup>22</sup> No segundo ano de projeto, um grupo de dez colaboradores do Montepio exerceu voluntariado de leitura e, após necessária reformulação do modelo operacional utilizado, é uma parceria que voltará a promover a leitura no ano letivo 2015/16. Já não se insere por isso, nesta tese de dissertação.

apoio dos voluntários, para seduzir novos intervenientes e para dar uma projeção crescente à importância do voluntariado no campo da leitura.

Já em termos da melhoria qualitativa do esquema de promoção de leitura, procurou-se analisar a pertinência do projeto, os benefícios de ter mediadores voluntários a promover a leitura e os eventuais obstáculos que estes encontram.

O projeto desde a sua implementação que aposta nas vantagens que a evolução digital pode proporcionar e no formato de funcionamento em rede. Em conjunto, a abrangência e eficácia do voluntariado de leitura reúne condições base para crescer. O digital leva a qualquer cidadão e em qualquer parte<sup>23</sup>, a possibilidade de conhecer a finalidade do projeto e de recrutar recursos humanos aos quais facilita as competências essenciais para que possam colaborar na rede de voluntariado de leitura. É esse o objetivo dos módulos de formação, dos documentos informativos e legislativos, dos formulários de inscrição, presentes no *website*. Por outro lado, verifica-se igual preocupação em divulgar a missão deste projeto e contagiar outros, cada vez mais, para o que os envolvidos consideram um desígnio de educação de um país. Com essa função, inserem-se no *website* os testemunhos de personalidades da sociedade portuguesa, divulgam-se por vídeos ou imagens alguns resultados interessantes de serem conhecidos, e, facultam-se materiais de promoção do projeto que facilmente podem ser descarregados e usados por entidades de todo o país. A rede social *facebook*, complementa o objetivo ao publicar vários artigos de interesse na área da educação e cultura, seja em termos de boas práticas neste campo seja em termos de opções políticas que vão ao encontro do ideal subjacente ao projeto. Também neste formato digital, o resultado se revela positivo:

Os mínimos (de interação) do terceiro semestre aproximam-se dos máximos do início do ano, o que revela a adesão bem expressiva à página, o que veio a potenciar o interesse pelo projeto e a reflectir-se na inscrição de um

---

<sup>23</sup> No primeiro ano: 94 362 visualizações e 25 992 visitas; 19,540 visitantes de Portugal e 5,345 visitantes do Brasil; duração média de visita ao site 4,30 minutos em Portugal e 3 minutos em Angola; o número de novos visitantes está bastante acima dos que retornam, 19 016 e 6 902 respetivamente. No segundo ano 63 227 visualizações e 20 045 visitas; 13,333 visitantes de Portugal e 5,784 visitantes do Brasil; duração média de visita ao site 3,55 minutos em Portugal e 0,57 segundos no Brasil; o número de novos visitantes está bastante acima dos que retornam, 15 628 e 4 418 respetivamente. No terceiro ano: 47 548 visualizações e 17 922 visitas; 9,511 visitantes de Portugal e 6,685 visitantes do Brasil; duração média de visita ao site 3,15 minutos em Portugal e 1,10 minutos no Brasil; o número de novos visitantes está bastante acima dos que retornam, 14 867 e 3 055 respetivamente.

significativo número de cidadãos que se disponibilizaram para atuar como voluntários (CITI-UNL & AVL, 2013, p.30).

*Website* e *facebook*, são vantajosos também em situações específicas como na necessidade de captação de interessados em prestar voluntariado em bibliotecas públicas que se encontravam em espera para o arranque do projeto, ou no reforço da importância que tem a formalização da inscrição dos intervenientes, ambas questões resultantes do formulário respondido por 33 bibliotecas públicas em 2014<sup>24</sup>.

Com referência a uma avaliação qualitativa por parte dos intervenientes no projeto, pode-se verificar que os respondentes do questionário *on-line* indicaram, entre 56% e 77,40%, que os principais elementos do projeto<sup>25</sup> são “muito úteis” para o mesmo. Já em relação aos destinatários do projeto, os leitores-alvo de promoção da leitura, os respondentes indicam que se revelaram maioritariamente “muito beneficiados” com o apoio nas suas dificuldades de leitura<sup>26</sup>. Estas foram apreciações realizadas por professores bibliotecários e por voluntários que foi igualmente quem respondeu acerca do acolhimento dos voluntários nas escolas. Também nesta questão, as opiniões maioritárias são que foi muito positivo, tanto a integração dos voluntários, como o seu relacionamento com os leitores em apoio, ou a recepção dos docentes e funcionários das entidades de acolhimento<sup>27</sup>.

Dos mais simples aos mais complexos, todos estes contributos resultam num reconhecido crescimento da promoção da leitura, seja quantitativa, seja qualitativamente. Como se verifica na tabela síntese, voluntários e entidades de acolhimento crescem, e, o que melhor descreve o projeto é a expressão “francamente positivo” (anexo X).

---

<sup>24</sup> Das 33, 7 tinham voluntários, 6 aguardavam a colocação, 20 não se inscreveram no projeto. No final de 2014, aumentaram para 53 as Bibliotecas Municipais registadas na base de dados voluntários de leitura, e foi celebrada parceria com 23 Câmaras Municipais.

<sup>25</sup> Ficha de inscrição; informação escrita; vídeos exemplificativos; módulos de formação; testemunhos das personalidades (CITI & AVL, Relatório do 1.º ano, p.39).

<sup>26</sup> Entre 75,8% e 83,7% responderam na categoria “gosto pela leitura”, entre 57,6% e 69,8% enquadraram-se na categoria “nível de leitura”, entre 69,8% e 81,8% encaixaram-se nos benefícios quanto à “leitura na escola”, e, entre 24,3% e 39,5% naqueles que aconteceram na “leitura em família” (CITI & AVL, Relatório do 1.º ano, pp. 40-41).

<sup>27</sup> A percentagem de respostas na categoria “muito positiva” não está abaixo dos 70% nem acima dos 95% (CITI & AVL, Relatório do 1.º ano, p.42).



### **CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A informação retirada da análise das entrevistas realizadas é relativa às hipóteses colocadas no início desta investigação e os resultados devem considerar-se aplicáveis à população do estudo.

Por referência às hipóteses iniciais, pode-se concluir que:

Hipótese 1 - É clara a delimitação dos objetivos e estrutura que sustenta o projeto? As explicações sobre a origem, características e formas de funcionamento atuais do projeto *Voluntários de Leitura*, estão expressas no *site* logo são conhecidas do público. O acompanhamento da evolução do projeto está presente também em formato digital, para além de que os seus promotores são sensíveis a que se avalie todos os anos o impacto do projeto tornando mais clara a sua sustentabilidade.

Quanto aos entrevistados, revelam conhecer o seu papel e o dos restantes colaboradores na implementação do projeto, já que, e todos o referem, o funcionamento em rede é essencial para que se cumpra o objetivo primordial de apoio à leitura de crianças com dificuldades nesse âmbito.

Hipótese 2 - Que utilidade têm as plataformas digitais de apoio ao projeto? A abrangência nacional do projeto exige a multiplicação de recursos humanos pelo terreno para que se acompanhe o trabalho com rigor e qualidade. Essa solução é atualmente substituída pelos recursos digitais que, como referem os entrevistados, poupam esforços e custos. É por isso, expresso em todos os dados recolhidos, que as plataformas digitais levam o projeto ao mundo, elevam o seu valor e tornam-no praticável. Têm utilidades para dimensões de coordenação, operacionais e de curiosidade social.

Hipótese 3 - Como se organiza a rede dos parceiros do projeto? A rede de parceiros vem descrita no *site*. Nos relatórios de avaliação podemos verificar que uma das preocupações da rede é que ela cresça e integre elementos diversificados e em maior quantidade. Daí o esforço por captar mais voluntários e entidades de acolhimentos dos mesmos. Já na opinião dos entrevistados, a rede é apontada como responsável por “fazer trabalhar” e cumprir os objetivos, embora refiram também que o ideal inatingível mas para o qual cada um dos parceiros quer caminhar, é não ter uma só criança que precise de apoio nas dificuldades de leitura.

Hipótese 4 - Quais as expectativas e grau de satisfação face ao projeto? As expectativas revelam-se altas, e a satisfação transversal e contagiante. Um projeto de âmbito nacional com base no voluntariado na área educativa envolveu um grau considerável de segurança e empenho por parte dos seus promotores. Essas expectativas rapidamente se constataram, pela quantidade de cidadãos a querer participar, que eram partilhadas. E é este contágio e passar de palavra que se reflete nos números cada vez mais elevados, registados nos relatórios de avaliação, acompanhados do entusiasmo e forma especial como os colaboradores testemunham o projeto seja no *site* seja enquanto entrevistados desta investigação.

Ainda que satisfeitos, os entrevistados indicaram como possíveis melhorias o reforço da comunicação com docentes das escolas de acolhimento e a possibilidade de contato com os pais.

Os resultados são interessantes para apoiar a continuidade e o reforço de iniciativas não esporádicas na área da educação.



## **CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS**

## 1. Conclusões

Estudos revelam que a diferença de nível no domínio da competência leitora advém do acesso a livros, da multiplicidade de experiências positivas nesse campo e do acompanhamento individualizado que o leitor recebe, mais do que dos métodos usados pelo docente na iniciação à leitura ou do nível social familiar. Para isso contribui a plasticidade do cérebro humano assim como as relações sociais que se estabelecem na interação entre mediadores de leitura e destinatários, e que revelam ter um papel fundamental no desenvolvimento sociocognitivo.

A presente investigação refere como mais-valia o estímulo por técnicas como a leitura em voz alta e a par. Estas concorrem para o domínio da linguagem oral processada de forma bidirecional entre o automatismo da leitura e a compreensão da mesma. Para que sejam minimizadas quaisquer dificuldades que o pequeno leitor tenha, os estudos demonstram que a mediação com maiores benefícios assenta na atenção individualizada, frequente e acompanhada por especialistas. O papel dos responsáveis pelas crianças no contexto familiar nesta equação, é também muito importante. Só dessa relação com a envolvente e da qual surgem estratégias de motivação intrínseca, e dando à criança o seu espaço e tempo de exploração da leitura é que poderemos ter leitores proficientes.

Da análise do projeto *Voluntários de Leitura* podemos concluir que a sua metodologia de base vai ao encontro das recomendações apontadas pelos estudos e práticas de outros países com experiência na área da promoção voluntária da leitura. Tem uma rede de parceiros bem organizada e a funcionar com empenho conjunto, aliada a plataformas digitais úteis para os seus utilizadores e que viabilizam a prática de um projeto desta natureza. Quanto aos destinatários, crianças dos 6-12 anos, a atenção individualizada do voluntário que medeia uma leitura a par ou em voz alta, traz benefícios ao seu desenvolvimento e satisfação para todos.

Não se pode indicar o grau de inovação da investigação e suas conclusões, uma vez que não existem similares neste campo, em Portugal.

## **2. Limitações da Investigação**

As limitações da investigação vão no sentido da metodologia aplicada, especificamente as opções de amostragem.

O trabalho teve como um dos instrumentos da recolha de dados a entrevista semi-estruturada, e teria sido importante para a riqueza das conclusões retiradas, diversificar o grupo de entrevistados. Poderiam estar representados cidadãos voluntários não inseridos numa unidade curricular assim como os destinatários da promoção da leitura. Poderia acrescentar ao trabalho opiniões diretas em vez das que existiram por interposta pessoa. Na mesma linha de pensamento, a não representatividade de entrevistados de outras organizações que não as de cariz educacional, poderá ter deixado de fora visões divergentes ou alternativas. Assinala-se ainda uma limitação referente à proveniência geográfica das respostas, uma vez que o fato de todos os entrevistados serem de Lisboa poderá não introduzir algum indicador ligado a formas de funcionamento específicas de outros locais. Posto isto, devem considerar-se os resultados encontrados apenas aplicáveis à população do estudo.

No que respeita à análise do *website* do projeto *Voluntários de Leitura*, teria sido interessante conhecer a perspetiva dos utilizadores do mesmo quanto aos parâmetros do modelo de avaliação de *sites* utilizados nesta investigação.

## **3. Sugestões para investigações Futuras**

Espera-se que a dissertação contribua para o reforço da validade desta tipologia de iniciativas de estímulo à leitura, e que aponte aspetos a manter e/ou melhorar no projeto de promoção da leitura que se propõe a analisar.

Numa futura investigação, poder-se-ia seguir a indicação de entrevistados que referiram ser importante medir o impacto que a iniciativa *Voluntários de Leitura* tem nos destinatários finais da mesma. Tal terá de passar forçosamente pela avaliação da leitura à partida e após o apoio dado pelos voluntários.

Um modelo de avaliação que, por um lado, se destine à observação e à análise das diferentes competências específicas que os alunos mobilizam (ou não) durante a leitura<sup>28</sup>, por outro lado, que avalie as mudanças de conhecimentos que se operam depois de o aluno ter lido<sup>29</sup>. Para medir o impacto a longo a médio prazo, poderia avaliar crianças que entretanto avançaram na idade mas foram antes apoiadas por voluntários nas suas dificuldades de leitura. Mais velhas, poder-se-ia identificar melhor em que medida foram influenciadas pelo projeto.

---

<sup>28</sup> Responder a questões como: a) O que está a impedir o(s) aluno(s) de ler bem, ou de atingir um nível superior de leitura? b) Em que processos específicos está (estão) o(s) aluno(s) a falhar?) Como se pode (re)organizar o processo de ensino da leitura tendo em vista colmatar as fragilidades detectadas?

<sup>29</sup> Qual o nível de leitura do leitor e se está enquadrado nos níveis esperados tendo em conta aspetos como a sua idade, grau de escolaridade e programa escolar.



## BIBLIOGRAFIA

- Alves, C. (2010). *O insucesso escolar em língua portuguesa. Um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus. Consultada em 11 março, 2014 em <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2255/6/C%C3%A9liaAlves.Tese.pdf>
- Amante, L., Gomes, M., & Oliveira, I. (2012). Avaliação Digital no ensino Superior em Portugal. In João Filipe Matos (Coord.). *Actas do II Congresso Internacional TIC e Educação, TicEDUCA2012, sobre Em direção à educação 2.0. Lisboa, Portugal, 30 Nov-02 Dez 2012*(p.45). Instituto de Educação. Universidade de Lisboa. Consultado em 19 outubro, 2013 em <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/atas.pdf>
- America Reads at Bank Street College of Education (s/d). The Role of the Volunteer Tutor. In *Reading Rockets* [versão eletrónica]. Consultado em 12 março, 2015 em <http://www.readingrockets.org/article/role-volunteer-tutor>
- Baartman, L., Bastiaens, T., Kirschner, P., & Van der Vleuten, C. (2007). Evaluation assessment quality in competence-based education: A qualitative comparison of two frameworks. In *Assessment Quality* [Artigo Eletrónico]. Países Baixos: Educational Research Review, Vol.2, n.2, pp. 114-129. Consultado em 22 novembro, 2014 em [http://www.researchgate.net/profile/Paul\\_Kirschner/publication/222538293\\_Evaluating\\_assessment\\_quality\\_in\\_competence-based\\_education\\_A\\_qualitative\\_comparison\\_of\\_two\\_frameworks/links/09e4150d0812a01324000000.pdf](http://www.researchgate.net/profile/Paul_Kirschner/publication/222538293_Evaluating_assessment_quality_in_competence-based_education_A_qualitative_comparison_of_two_frameworks/links/09e4150d0812a01324000000.pdf)
- Baker, S., Gersten, R. & Keating, T. (2000). When Less May Be More: A 2-Year Longitudinal Evaluation of a Volunteer Tutoring Program Requiring Minimal Training. In *Reading Research Quarterly*: Vol. 35, n.4, pp. 494–519.
- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastos, C. (2010). *A biblioteca escolar: dinamizar, motivar para a leitura*. Trabalho de projeto de Mestrado. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Consultado em 5 dezembro, 2014 em <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/408>
- Burns, M. K., Senesac, B. J. & Silberglitt, B. (2008). Longitudinal Effect of a Volunteer Tutoring Program on Reading Skills of Students Identified as At-Risk for Reading Failure: A Two-Year Follow-Up Study [versão eletrónica]. *Literacy Research and Instruction*, 47(1), pp. 27 — 37. Consultado em 2 Novembro, 2015 em [http://www.researchgate.net/publication/249060216\\_Longitudinal\\_Effect\\_of\\_a\\_Volunteer\\_Tutoring\\_Program\\_on\\_Reading\\_Skills\\_of\\_Students\\_Identified\\_as\\_At-Risk\\_for\\_Reading\\_Failure\\_A\\_Two-Year\\_Follow-Up\\_Study](http://www.researchgate.net/publication/249060216_Longitudinal_Effect_of_a_Volunteer_Tutoring_Program_on_Reading_Skills_of_Students_Identified_as_At-Risk_for_Reading_Failure_A_Two-Year_Follow-Up_Study)
- Cardoso, A. et al (2011). Metodologia de Investigação em Contextos On-line. *Análise de Conteúdo de uma Entrevista Semi-Estruturada*. [versão eletrónica]. Atividade do Mestrado em Pedagogia do e-Learning. Consultado em 17 março, 2016 em <http://mpelearning.pbworks.com/f/MICO.pdf>

- Carvalho, A. A. A., Simões, A. & Silva, J. P. (s.d.). Indicadores de qualidade e de confiança de um site. *Avaliar as aprendizagens. Actas das Jornadas ADMEE*[versão eletrónica]. Universidade do Minho. Consultado em 29 março, 2016 em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7774/1/05AnaAmelia.pdf>
- Carr, N. (2008). Is Google making us stupid? What the Internet is doing to our brains. In *The Atlantic – Technology* [versão eletrónica]. Julho/ Agosto 2008. Consultado em 22 janeiro, 2015 em <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/2008/07/is-google-making-us-stupid/306868/>
- CITI (2012). *Voluntários de Leitura*. Consultado em 26 Setembro, 2014 em <http://www.voluntariosdaleitura.org>
- CITI (s.d.). *Caminho das letras*. Consultado em 26 Setembro, 2014 em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/caminhodasletras/>
- CITI-UNL & AVL (2013). *Relatório do 1.º ano do projeto Voluntários de Leitura. Dezembro de 2012 a Dezembro de 2013*. Consultado em 27 março, 2016 em <http://www.voluntariosdaleitura.org/index.php?s=destaques&id=35&title=Relatorio 1%BA Ano - Voluntarios de Leitura>
- CITI-UNL & AVL (2014). *Relatório do 2º ano do projeto Voluntários de Leitura. Janeiro de 2014 a Dezembro de 2014*. Consultado em 27 março, 2016 em <http://www.voluntariosdaleitura.org/index.php?s=destaques&id=48&title=Relatorio 2%BA Ano - Voluntarios de Leitura>
- CITI-UNL & AVL (2015). *Relatório Anual 3.º ano do projeto Voluntários de Leitura. Janeiro a Dezembro de 2015*. Consultado em 27 março, 2016 em <http://www.voluntariosdaleitura.org/index.php?s=destaques&id=51&title=Relatorio 3%BA Ano - Voluntarios de Leitura>
- Clark, C. & Rumbold, K. (2006). *Reading for Pleasure- a research overview* [versão eletrónica]. London: National Literacy Trust . Consultado em 18 Novembro, 2015 em [http://www.literacytrust.org.uk/assets/0000/0562/Reading\\_pleasure\\_2006.pdf](http://www.literacytrust.org.uk/assets/0000/0562/Reading_pleasure_2006.pdf)
- Coelho, E. P. (1995). Quando depois do sol não vem mais nada. In posfácio à obra de David Mourão-Ferreira *Os Amantes e Outros Contos* (6.ª ed.), pp. 139-140. Lisboa: Presença.
- Coutinho, C. P. (2013). *Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2.ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Cruz, V. (2007). *Uma abordagem cognitiva da leitura*. Lisboa – Porto: Lidel – Edições técnicas, Lda.
- Decreto-Lei n.º 389/99 de 30 de Setembro do Ministério do Trabalho e da Solidariedade. Diário da República: I Série-A, n.º 229 (1999). Acedido a 22 jan 2015. Disponível em [http://www.voluntariado.pt/preview\\_documentos.asp?r=117&m=PDF](http://www.voluntariado.pt/preview_documentos.asp?r=117&m=PDF)

- EACEA P9 EURYDICE (2013). *La enseñanza de la lectura en Europa: contextos, políticas y prácticas*. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte. [versão eletrónica]. Consultado em 21 Janeiro, 2016 em [http://eacea.ec.europa.eu/Education/eurydice/documents/thematic\\_reports/130ES.pdf](http://eacea.ec.europa.eu/Education/eurydice/documents/thematic_reports/130ES.pdf)
- Elliot, J., Arthurs, J. & Williams, R. (2000). Volunteer support in the Primary classroom: the long-term impact of one initiative upon children's reading performance. [versão eletrónica]. *British Educational Research Journal*: Vol. 26, n.2, pp. 227-244. Consultado [abstract] em 27 Setembro, 2014 em <http://www.jstor.org/discover/10.2307/1501596?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21102677941173>
- Felder, R. & Solomon, B. (2002). *Learning styles and strategies*. Consultado em 21 Novembro, 2014 em <http://www4.ncsu.edu/unity/lockers/users/f/felder/public/ILSdir/styles.htm>
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica* (1.ª ed.). Lisboa: Monitor – Projectos e Edições, Lda.
- Gomes, I. & Santos, N. (s.d.). *Literacia emergente: «É de pequenino que se torce o pepino!»* [versão eletrónica]. Consultado em 27 Setembro, 2014 em <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/671/2/312-326FCHS2005-4.pdf>
- Gonçalves, A. (2008). *O perfil do professor/tutor em cursos online*. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta. Consultado em 20 novembro, 2014 em <http://hdl.handle.net/10400.2/682>
- Gonçalves, F., Guerreiro, P. & Freitas, M. (2009). *O conhecimento da língua: percursos de desenvolvimento* [versão eletrónica]. Lisboa: Ministério da Educação/ Programa Nacional de Ensino Português. Consultado em 25 Setembro, 2014 em <http://www.dgidec.min-edu.pt/outrosprojetos/index.php?s=directorio&pid=188>
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso* (1.ª ed.). Cascais: Princípia.
- Haguet, T. (2003). A Entrevista. In T. M. F. Haguet (Ed.) *Metodologias Qualitativas na Sociologia* (9.ª ed.), pp. 86-91. Petrópolis: Editora Vozes.
- Jolibert, J. (1984). *Formar crianças leitoras*. Col. Práticas Pedagógicas. Paris: Edições Asa.
- Koralek, D. & Collins, R. (s/d). Tutoring Strategies for the Primary Grades. In *Reading Rockets* [versão eletrónica]. Consultado em 12 março, 2015 em <http://www.readingrockets.org/article/tutoring-strategies-primary-grades>
- Lagarto, J. (2009). Avaliação em e-Learning. In *Educação, Formação & Tecnologias* [versão eletrónica]. Universidade Católica Portuguesa: vol.2, n.1, pp. 19-29. Consultado em 18 janeiro, 2015 em <http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/82/49>
- Lei n.º 71/98 de 3 de Novembro da Assembleia da República, *Bases do enquadramento jurídico do voluntariado*. Diário da República: I Série-A, n.º254, Art.º 3.º, n.º1(1998). Acedido a 22 jan 2015. Disponível em [http://www.voluntariado.pt/preview\\_documentos.asp?r=116&m=PDF](http://www.voluntariado.pt/preview_documentos.asp?r=116&m=PDF)

- Machado, J. (1994). A motivação para a leitura. In *Letras & Letras* [Ensaio versão eletrónica]. Consultado em 5 dezembro, 2014 em <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio31.htm>
- Majumdar, S. (s/d) Definir um sistema pedagógico para a formação online. *Informação profissional*. Revista europeia: n.28, pp.21-32.
- Marques, R. (s/d). *Ensinar a ler, aprender a ler. Um guia para pais e educadores*. Col. Educação hoje. Texto Editores, Lda.
- Martins, M. & Sá, C. (2008). Ser leitor no século XXI- Importância da compreensão na leitura para o exercício pleno de uma cidadania responsável e activa. In *Saber (e) Educar* [versão eletrónica]. Porto: ESE de Paula Frassinetti, n.13, pp. 235-246. Consultado em 27 Setembro, 2014 em <http://repositorio.esepf.pt/handle/10000/169>
- Massa crítica (sociologia). (2014, junho 16). In *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Consultado às 22:52, 29 maio, 2015 em [http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Massa\\_cr%C3%ADtica\\_\(sociologia\)&oldid=39159219](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Massa_cr%C3%ADtica_(sociologia)&oldid=39159219)
- Mata, L. & Monteiro, V. (s/d). O desenvolvimento da motivação para a leitura em crianças portuguesas. In *Academia.edu* [versão eletrónica]. Instituto de Psicologia Aplicada: pp. 2733-2744. Consultado em 5 dezembro, 2014 em [https://www.academia.edu/307945/O\\_DESENVOLVIMENTO\\_DA\\_MOTIVA%C3%87%C3%83O\\_PARA\\_A\\_LEITURA\\_EM\\_CRIAN%C3%87AS\\_PORTUGUESAS](https://www.academia.edu/307945/O_DESENVOLVIMENTO_DA_MOTIVA%C3%87%C3%83O_PARA_A_LEITURA_EM_CRIAN%C3%87AS_PORTUGUESAS)
- Mata, L., Monteiro, V. & Peixoto, F. (2009). Motivação para a leitura ao longo da escolaridade. In *Análise Psicológica* [versão eletrónica]. Vol.27, n.4, pp. 563-572. Consultado em 05 dezembro, 2014 em [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312009000400010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0870-82312009000400010&script=sci_arttext)
- Monteiro, V., & Mata, L. (2001). Motivação para a leitura em crianças do 1º, 2º, 3º e 4º ano de escolaridade. In *Infância e Educação. Investigação e Práticas* [versão eletrónica]. Instituto Superior de Psicologia Aplicada: n.3, pp. 49-68. Consultado em 5 dezembro, 2014 em <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1798/1/IEIP%202001%203%2049-68.pdf>
- Morais, J. (1997). *A arte de ler*. Lisboa: Cosmos.
- Oliveira, C. & Queiroz, C., (2009). *Leitura em sala de aula: a formação de leitores proficientes*. Trabalho de Especialização. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Consultado em 11 janeiro, 2015 em <http://www.webartigos.com/artigos/leitura-em-sala-de-aula-a-formacao-de-leitores-proficientes/18067/>
- Oliveira, N. & Barbas, M. (s/d). O papel do e-professor: na plataforma de e-Learning e-raízes.redes. In *Formação e Desenvolvimento Organizacional: Abordagens e Casos Práticos em Portugal* [Versão eletrónica]. Lisboa: Cap.15., pp. 193-210. Consultado em 21 Novembro, 2014 em [https://www.academia.edu/9534161/O\\_papel\\_do\\_e-professor\\_na\\_plataforma\\_de\\_e-learning\\_e-ra%C3%ADzes.redes](https://www.academia.edu/9534161/O_papel_do_e-professor_na_plataforma_de_e-learning_e-ra%C3%ADzes.redes)

- Pappas, C. (2013). The 60-Second guide to Blooms Taxonomy. In *eLearning basics* [versão eletrónica]. ELearning Industry. Consultado em 17 janeiro, 2015 em [http://elearningindustry.com/the-60-second-guide-to-blooms-taxonomy#at\\_pco=tst-1.0&at\\_si=54b9b23e4b7c2b32&at\\_ab=per-2&at\\_pos=1&at\\_tot=2](http://elearningindustry.com/the-60-second-guide-to-blooms-taxonomy#at_pco=tst-1.0&at_si=54b9b23e4b7c2b32&at_ab=per-2&at_pos=1&at_tot=2)
- Pappas, C. (2015). 6 Tips To Design eLearning Courses With Long Shelf Life. In *eLearning design and development* [versão eletrónica]. eLearning Industry. Consultado em 10 janeiro, 2015 em <http://elearningindustry.com/design-elearning-courses-with-long-shelf-life>
- PCM-UMIC/ PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS-Unidade de Missão Inovação e Conhecimento (2003). *Método de Avaliação da Presença na Internet dos Organismos da Administração Directa e Indirecta do Estado* [versão eletrónica]. Departamento de sistemas de informação. Universidade do Minho. Consultado em 29 março, 2016 em [http://www.unic.pt/images/stories/osic/MetodoAvaliacao2003 \(01 03 03\).pdf](http://www.unic.pt/images/stories/osic/MetodoAvaliacao2003 (01 03 03).pdf)
- Pereira, T. (2007). *Avaliação Formativa e Aprendizagem da Língua Portuguesa no Contexto de Uma Comunidade Virtual de Aprendizagem*. Mestrado em Ciências da Educação. Área de Especialização: Tecnologias Educativas. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Lisboa. Consultada em 29 fevereiro, 2016 em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/813>
- PISA - Programme for international student assessment, 2012 (2013). *Portugal primeiros resultados* [versão eletrónica]. PROJ AVI (avaliação internacional de alunos). Consultado em 18 dezembro, 2014 em [http://www.dgeec.mec.pt/np4/246/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=371&fileName=PISA\\_Primeiros\\_Resultados\\_PORTUGAL.pdf](http://www.dgeec.mec.pt/np4/246/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=371&fileName=PISA_Primeiros_Resultados_PORTUGAL.pdf)
- Proust, M. (1997). *O Prazer da Leitura*. Col. Gabinete de Curiosidades. Lisboa: Editorial Teorema.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. (4ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Rao, S. (2011). *Global e-Learning: a phenomenological study*. Dissertação de Doutoramento. Colorado: School of Education. Consultado em 4 Agosto, 2014 em [http://digitool.library.colostate.edu///exlibris/dtl/d3\\_1/apache\\_media/L2V4bGlicmlzL2R0bC9kM18xL2FwYWNoZV9tZWRpYS8xODM3MDU=.pdf](http://digitool.library.colostate.edu///exlibris/dtl/d3_1/apache_media/L2V4bGlicmlzL2R0bC9kM18xL2FwYWNoZV9tZWRpYS8xODM3MDU=.pdf)
- Reach Out and Read (2015). *Reach Out and Read*. Consultado em 6 Outubro, 2015 em <http://www.reachoutandread.org/get-involved/volunteer/>
- Reading partner (2015). *Reading Partners*. Consultado em 5 Outubro, 2015 em <http://readingpartners.org/>
- RIF (2015). *Reading is fundamental*. Consultado em 3 Outubro, 2015 em <http://www.rif.org/us/get-involved/volunteer.htm>
- Rigolet, S. (1997). *Leitura do Mundo – Leitura de Livros. Da Estimulação Precoce da Linguagem Escrita*. Col. Educação Básica. Porto: Porto Editora.

- Rodrigues, C. & Mota, J. (2013). *Aspectos Fundamentais na Avaliação de Recursos Educacionais Online*. Apresentação em diapositivos para Análise de Recursos Educativos. Universidade Aberta. Consultado em 29 março, 2016 em <http://pt.slideshare.net/candy37/aspectos-fundamentais-na-avaliacao-de-recursos-educacionais-online>
- Rodrigues, M. L. M. (2011). *Problemáticas associadas à aquisição da competência leitora e impacto na aprendizagem escolar*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Universidade Católica Portuguesa. Consultado em 29 março, 2016 em [repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8723/1/trabalho%20final.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8723/1/trabalho%20final.pdf)
- Sampaio, A. (2011). *Uma Abordagem ao e-Learning na Formação Profissional: Estratégias para o Sucesso de Modelos de Aprendizagem Assíncronos, sem Sistema de Tutoria*. Dissertação de Mestrado. Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Consultado em 21 Agosto, 2014 em <http://Ed.isu.edu/Addie/Analyze/Analyze.html>
- Santos, V. (2009). *O Jogo e a Alternância de Papéis Formando/Formador em e-Learning Um novo modelo facilitador do Processo de Aprendizagem nas Organizações*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho Escola de Engenharia. Consultado em 13 agosto, 2014 em <http://hdl.handle.net/1822/9616>
- Siqueira, V. (s/d). *Representações em educação on-line: um estudo das falas na perspectiva dos sujeitos aprendizes*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Consultado em 20 Novembro, 2014 em [http://www.aquifolium.com/dissertacao\\_Vera\\_Siqueira.pdf](http://www.aquifolium.com/dissertacao_Vera_Siqueira.pdf)
- Silveira, T. (2014). *Cérebro e Leitura – Fundamentos neurocognitivos para a compreensão do comportamento leitor no processo educativo* (2.ª ed.). Col. Debate. Lema d’Origem – Editora, Lda.
- Sim-Sim, I. (org.) (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições Asa.
- Sim-Sim, I. & Viana, F. (2007). Para a Avaliação do Desempenho de Leitura. In *Estudos do Plano Nacional de Leitura* [versão eletrónica]. Editorial do Ministério da Educação. Consultado em 9 dezembro, 2014 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11809/1/Para%20a%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20do%20Desempenho%20de%20Leitura.pdf>
- Simões, M. (2008). *Laboratórios Virtuais de Matemática como um espaço de apoio à actividade do professor do século XXI. Um estudo de caso*. Dissertação de Doutoramento. Minho: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Consultada em 19 outubro, 2013 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9479/1/Tese%20Final.pdf>
- Sousa, N. (2010). *Teoria da Carga Cognitiva: origem, desenvolvimento e diretrizes aplicáveis ao processo ensino-aprendizagem*. Dissertação de Pós-Graduação. Universidade Federal do Pará. Consultado em 30 Agosto, 2014 em [https://www.academia.edu/7195870/Teoria\\_da\\_Carga\\_Cognitiva\\_origem\\_de\\_senvolvimento\\_e\\_diretrizes\\_aplicáveis\\_ao\\_processo\\_ensino-aprendizagem](https://www.academia.edu/7195870/Teoria_da_Carga_Cognitiva_origem_de_senvolvimento_e_diretrizes_aplicáveis_ao_processo_ensino-aprendizagem)



- Sousa, N.& Valente, J. (2014). Aprendizagem completamente dirigida versus aprendizagem minimamente dirigida: uma solução conciliatória. In *Ciências & Cognição* [Ensaio versão eletrónica]. Brasil: Vol. 19, n.1, pp. 76-85. Consultado em 22 Setembro, 2014 em <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/868>
- Strecht, P. (2006). Olha por Mim – Reflexões Sobre Temas da Infância e Adolescência. In *Ler*. Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 229-232.
- Trindade, A. (2009). *Os modelos pedagógicos em contexto de educação a distância: como definir os objectivos de aprendizagem?* Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Consultado em 28 Fevereiro, 2014 em <http://hdl.handle.net/10451/823>
- Viana, F. L. (2009). *O Ensino da Leitura: a avaliação* [versão eletrónica]. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Consultado em 31 Março, 2016 em [http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/ensino\\_leitura\\_avaliacao.pdf](http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/ensino_leitura_avaliacao.pdf)
- Viana, F. & Teixeira, M. (2002). *Aprender a ler: da aprendizagem informal à aprendizagem formal* [versão eletrónica]. Porto: Edições Asa. Consultado em 26 Setembro, 2014 em <http://hdl.handle.net/1822/10477>
- Viana, F., Ribeiro, I & Baptista, A. (2014). *Ler para Ser. Os caminhos antes, durante e...depois de aprender a ler*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Wasik, B. A. (1998). Volunteer tutoring programs in reading: A review. In *Reading Research Quarterly*, 33(3), pp. 266-291.
- Wolf, M.(2008). *Proust and the Squid: The Story and Science of the Reading Brain*.UK: Icon Books, Ltd.
- Yerri, B. (2014). E-Learning in tourism – How is it possible? In *Academia.edu* [versão eletrónica]. Salzburg: Universidade de Ciências Aplicadas. Consultado em 21 janeiro, 2015 em [https://www.academia.edu/10114863/e-learning\\_in\\_tourism](https://www.academia.edu/10114863/e-learning_in_tourism)

## Lista de Figuras

Figura 1	<i>Distribuição dos resultados de Portugal, por nível de proficiência nos ciclos de 2009 e 2012 – Leitura.</i> . . . . .	13
----------	--	----

## Lista de Tabelas

Tabela 1	<i>Grelha de Análise das entrevistas, por categoria (frequência de indicadores nas entrevistas aos Entrevistados (1 a 12).</i> . . . . .	33
Tabela 2	<i>Análise de Conteúdo – Grelha de unidades de registo e contexto referentes às categorias em análise.</i> . . . . .	41

## Lista de Anexos

Anexo A	<i>Documento analisado em entrevista exploratória.</i> . . . . .	IX
Anexo B	<i>Informação comum aos guiões de entrevista.</i> . . . . .	XI
Anexo C	<i>Guião de entrevista E1.</i> . . . . .	XII
Anexo D	<i>Guião de entrevista E2.</i> . . . . .	XII
Anexo E	<i>Guião de entrevista E3.</i> . . . . .	XIII
Anexo F	<i>Guião de entrevista E4.5.6.</i> . . . . .	XIII
Anexo G	<i>Guião de entrevista E7.</i> . . . . .	XIV
Anexo H	<i>Guião de entrevista E8.9.</i> . . . . .	XIV
Anexo I	<i>Guião de entrevista E10.11</i> . . . . .	XV
Anexo J	<i>Guião de entrevista E12.</i> . . . . .	XV
Anexo k	<i>Lista de entrevistados.</i> . . . . .	XVI
Anexo L	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.1.</i> . . . . .	XXVI
Anexo M	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.2.</i> . . . . .	XXXI
Anexo N	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.3.</i> . . . . .	XXXII
Anexo O	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E4.,E5.,E6.</i> . . . . .	XLIV
Anexo P	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.7.</i> . . . . .	LI
Anexo Q	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.8., E.9.</i> . . . . .	LX
Anexo R	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.10.</i> . . . . .	LXXI
Anexo S	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.11.</i> . . . . .	LXXIIX
Anexo T	<i>Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.12.</i> . . . . .	LXXXVIII
Anexo U	<i>Grelha de análise de sites segundo o modelo W3C</i> . . . . .	XCV
Anexo V	<i>Grelha de análise do website.</i> . . . . .	XCVI
Anexo X	<i>Grelha de análise da avaliação externa.</i> . . . . .	XCVII



## **ANEXOS**

## **Anexo A – Documento analisado em entrevista exploratória**

Este documento foi enviado por *e-mail* à Coordenadora do projeto (a 12-05-2015) para uma análise dos assuntos propostos a integrar o guião das entrevistas da pesquisa, e por isso é composto por uma breve introdução de contextualização e questões. Foi posteriormente realizada uma entrevista exploratória via *skype* (a 29-05-2015), tendo-se chegado à conclusão sobre as questões que seriam mais eficazes para incluir no guião modelo e que originou os guiões de cada um dos entrevistados.

A entrevista é um processo de interação social entre o entrevistador e o entrevistado, que tem em vista a obtenção de informações concordantes com uma determinada problemática central e que está submetida à procura de um máximo de aproximação à objetividade. Os desvios podem advir do guião de entrevista, do entrevistado, do pesquisador ou da interação entre ambos. No sentido de controlar a qualidade dos dados, é importante o uso sistemático de dados de outras fontes que nos permitam analisar a consistência e validade da informação.

Na aplicação do inquérito por entrevista não se procura uma representatividade estatística, mas sim uma «representatividade social» à qual não se associa forçosamente o conceito de amostragem.

A presente investigação tem o estatuto de qualitativa e procura a diversidade, pelo que se pretende assegurar a maior heterogeneidade de opiniões possível no interior do grupo de sujeitos que se envolvem no projeto de promoção da leitura. A variável que se considerou ser pertinente na variação da posição do ator face ao objeto de estudo foi a tipologia da atividade exercida por cada um. Por este motivo, foi selecionado um entrevistado por cada tipo de atividade que este tipo de projeto exige: coordenação, docência, gestão, supervisão.

A análise de conteúdo de entrevistas é uma técnica que tem uma dimensão descritiva que pretende transmitir aquilo que foi narrado ao entrevistador, e uma dimensão interpretativa relacionada com as interrogações de quem analisa face ao objeto de estudo.

A entrevista pretende ser pouco diretiva para uma maior riqueza do material recolhido e é iniciada com uma explicação do objetivo e temas que a mesma contém. Aspetos como a proteção da fonte de informação, a neutralidade face a juízos de valor e a devolução dos resultados da pesquisa, são utilizados para criar uma relação de confiança entre entrevistador e entrevistado. No final, serão pedidos elementos de caracterização essenciais à pesquisa como as habilitações e função desempenhada.

### **Anexo 1 – Inquérito por entrevista**

Este trabalho pretende verificar em que medida o projeto de voluntários de leitura conseguiu ter uma «massa crítica» de participantes durante o período de lançamento da tese de mestrado.

O entrevistado é um informador privilegiado pela experiência adquirida ao integrar o projeto, e os resultados da sua informação ser-lhe-ão devolvidos.

Prevê-se que a entrevista dure entre uma e uma hora e meia, e para uma correta análise dos seus conteúdos, pede-se permissão para proceder à sua gravação preservando a confidencialidade das informações.

#### **GUIÃO DE ENTREVISTA À COORDENADORA DO PROJETO**

- 1) Que modelos de promoção de leitura conhece?
- 2) Tem ideia de quais são as diretivas portuguesas mais importantes em matéria de promoção da leitura?
- 3) Qual o objetivo que esteve na base do projeto voluntários de leitura?
- 4) Que fases identifica na sua evolução?
- 5) Como descreve a vontade de participar da sociedade civil?
- 6) Que ideia tem do papel que o digital desempenha no projeto?
- 7) Qual considera ser o impacto do projeto no desenvolvimento da competência de leitura?
- 8) O que pretende atingir ao integrar a equipa que sustenta o projeto?
- 9) Que resultados espera quando intervém direta ou indiretamente junto das crianças leitoras?
- 10) Qual o grau de satisfação face às expectativas enquanto coordenadora?

## Anexo B – Informação comum aos guiões de entrevista

<p><b>FCSH</b> FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA</p> <p>I</p> <p>A importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura.</p> <p>Olga Emília Eustáquio Gomes Valério</p> <p>Dissertação de Mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning</p> <p>Março, 2016</p>	<p>Universidade Nova de Lisboa Departamento de Ciências da Comunicação</p> <p>Os inquéritos pretendem obter respostas que verifiquem as hipóteses do trabalho, aqui relembradas.</p> <p>H1 – A estrutura de funcionamento do <u>projeto</u> de promoção de leitura está claramente delimitada e sustentada.</p> <p>H2 – A gestão da plataforma digital do <u>projeto</u> de promoção de leitura, destaca-se como essencial para a eficácia do <u>projeto</u>.</p> <p>H3 – A significância da rede de <u>stakeholders</u> do <u>projeto</u> de promoção de leitura, assegura o <u>compromisso</u> (identidade/ dimensão quantitativa/ dimensão qualitativa).</p> <p>H4 – A participação no <u>projeto</u> de promoção de leitura satisfaz as expectativas gerais dos que nele se envolvem, nomeadamente o facto da <u>tutoria</u> e mediação na promoção da leitura e literacia, impulsionar o progresso do leitor com menos condições de aprendizagem na área da leitura.</p> <p>A importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura</p>
---	---

O entrevistado é um informador privilegiado pela experiência adquirida ao integrar o projeto, e os resultados da sua informação ser-lhe-ão devolvidos.

Prevê-se que a entrevista dure entre meia e uma hora, e para uma correta análise dos seus conteúdos, pede-se permissão para proceder à sua gravação preservando a confidencialidade das informações.

### **Objetivo da entrevista**

Este trabalho pretende verificar em que medida o projeto de *Voluntários de Leitura* conseguiu ter uma «massa crítica» de participantes durante o período de lançamento da tese de mestrado (2014/16).

### **Temas da entrevista**

O projeto de *Voluntários de Leitura*. Porquê? Como? Quem? Resultados?

### **Elementos de caracterização**

Habilitações e conteúdos da função desempenhada.

Agradecimentos.

## **Anexo C – GUIÃO E1**

### **GUIÃO DE ENTREVISTA À COORDENADORA DO PROJETO *VOLUNTÁRIOS DE LEITURA***

#### ***Questões orientadoras da entrevista***

- 11) Porquê achava que era importante implementar este tipo de projeto?
- 12) Que metodologia adotou para o implementar?
- 13) Quais são os 3 pontos básicos em matéria de promoção da leitura?
- 14) Quais os objetivos do programa *Voluntários de Leitura*?
- 15) Em que medida considera importante congregar iniciativas de leitura já existentes em detrimento de criar novas?
- 16) Quais as linhas gerais de funcionamento do projeto?
- 17) Como está estruturada a rede de voluntários que o suportam?
- 18) A rede de voluntários cumpre, em quantidade e qualidade, a sua missão?
- 19) Como é feita a gestão e manutenção da rede de voluntários?
- 20) Qual a função que a plataforma digital tem na concretização do projeto?
- 21) Que vantagens advêm da existência da plataforma digital do projeto?
- 22) Quem são os colaboradores envolvidos no projeto?
- 23) Quais são as suas expetativas quanto ao impacto do projeto no desenvolvimento da competência de leitura?
- 24) Qual o seu grau de satisfação face às expetativas enquanto coordenadora?

## **Anexo D – GUIÃO E2**

### **GUIÃO DE ENTREVISTA À COLABORADORA NO PROJETO *VOLUNTÁRIOS DE LEITURA***

#### ***Questões orientadoras da entrevista***

- 1) Qual a colaboração no projeto?
- 2) Qual a função que a plataforma digital tem na concretização do projeto?
- 3) Que vantagens advêm da existência da plataforma digital do projeto?
- 4) Quem são os colaboradores envolvidos no projeto?
- 5) O conjunto de colaboradores assegura um *continuum* no trabalho/ espírito de identidade face ao projeto?
- 6) Considera que a rede de voluntários/ parceiros cumpre, em quantidade e qualidade, a sua missão?
- 7) Quais são as suas expetativas quanto ao impacto do projeto no desenvolvimento da competência leitora?
- 8) Qual o seu grau de satisfação face às expetativas enquanto colaboradora?

### **Anexo E – Guião E3**

#### **GUIÃO DE ENTREVISTA À PROFESSORA BIBLIOTECÁRIA DO PROJETO VOLUNTÁRIOS DE LEITURA**

##### ***Assuntos orientadores da entrevista***

- 1) Em que contexto se iniciou a implementação do projeto na biblioteca escolar?
- 2) Que metodologia foi adoptada para o implementar?
- 3) Como descreve o contexto da biblioteca escolar e a estrutura que atualmente suporta o funcionamento do projeto?
- 4) Quais as metas definidas para a promoção da leitura nesta biblioteca escolar?
- 5) Considera que a rede de voluntários cumpre, em quantidade e qualidade, a sua missão? Denota evolução?
- 6) Qual a função que a plataforma digital tem na concretização do projeto?
- 7) Que vantagens advêm da existência da plataforma digital do projeto?
- 8) Quem são os colaboradores envolvidos no projeto?
- 9) O conjunto de colaboradores assegura um *continuum* no trabalho/ espírito de identidade face ao projeto?
- 10) Quais os indicadores do progresso do leitor acompanhado por voluntários e como é seguido esse progresso?
- 11) Quais são as suas expectativas quanto ao impacto do projeto no desenvolvimento da competência leitora?
- 12) Quais considera serem os 3 pontos básicos em matéria de promoção da leitura?
- 13) Qual o seu grau de satisfação face às expectativas enquanto biblioteca escolar parceira do projeto?

### **Anexo F - GUIÃO E4, E5, E6**

#### **GUIÃO DE ENTREVISTA AOS REPRESENTANTES DE ESCOLA NO PROJETO VOLUNTÁRIOS DE LEITURA**

##### ***Questões orientadoras da entrevista***

- 1) Como caracteriza o contexto desta escola?
- 2) Como descreve a estrutura/metodologia que suporta o funcionamento do projeto na escola?
- 3) Quais as metas definidas para a promoção da leitura nesta escola?
- 4) Quem são os colaboradores da escola envolvidos no projeto?
- 5) Qual o espírito existente face ao projeto? Há identidade?
- 6) A escola assume um *continuum* no trabalho?
- 7) Considera que a rede de voluntários nesta escola cumpre, em quantidade e qualidade, a sua missão?
- 8) Quais os indicadores do progresso do leitor acompanhado por voluntários e como é seguido esse progresso?
- 9) Que vantagens reconhece na plataforma digital do projeto?
- 10) Quais são as suas expectativas quanto ao impacto do projeto no desenvolvimento da competência leitora dos alunos da escola?
- 11) Quais considera serem os 3 pontos básicos em matéria de promoção da leitura?
- 12) Qual o seu grau de satisfação face às expectativas enquanto elemento de escola parceira no projeto?

## **Anexo G - GUIÃO E7**

### **GUIÃO DE ENTREVISTA A ESPECIALISTA DO CITI NO PROJETO VOLUNTÁRIOS DE LEITURA**

#### ***Assuntos orientadores da entrevista***

- 1) Qual a colaboração no projeto?
- 2) Como descreve o histórico/evolução do projeto ao longo da sua colaboração?
  - a. modelos de base metodológica
  - b. contexto social
  - c. estrutura de suporte
- 3) Qual a função que a plataforma digital tem na concretização do projeto?
- 4) Que vantagens advêm da existência da plataforma digital do projeto?
- 5) O conjunto de colaboradores assegura um *continuum* no trabalho/ espírito de identidade face ao projeto?
- 6) Quais as metas definidas para a promoção da leitura no projeto?
- 7) Considera que a rede de voluntários/ parceiros cumpre, em quantidade e qualidade, a sua missão? Denota evolução?
- 8) Há indicadores do progresso do leitor acompanhado por voluntários?
- 9) Quais são as suas expetativas quanto ao impacto do projeto no desenvolvimento da competência leitora?
- 10) Quais considera serem os 3 pontos básicos em matéria de promoção da leitura?
- 11) Qual o seu grau de satisfação face às expetativas enquanto especialista do projeto?

## **Anexo H - GUIÃO E8,E9**

### **GUIÃO DE ENTREVISTA À COORDENADORA da REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES\_ PROJETO VOLUNTÁRIOS DE LEITURA**

#### ***Assuntos orientadores da entrevista***

- 1) Quais as razões que levam a RBE a ser parceira no projeto *Voluntários de Leitura*?
- 2) Que metodologia foi adoptada para implementar este projeto?
- 3) Como descreve o histórico/evolução do projeto ao longo da sua colaboração?
  - a. modelo de operacionalização (existe? qual?)
  - b. contexto sócio-económico e cultural (caraterísticas? alterações?)
  - c. objetivos (quais? evoluíram?)
- 4) Quem são os colaboradores envolvidos no projeto e qual a cooperação específica da Rede de Bibliotecas Escolares?
- 5) O conjunto de colaboradores assegura um *continuum* no trabalho/ espírito de identidade face ao projeto?
- 6) Considera que a rede de voluntários/ parceiros cumpre, em quantidade e qualidade, a sua missão? Denota evolução?
- 7) Que vantagens advêm da existência da plataforma digital do projeto?
- 8) Que outros aspetos funcionais refere como importantes na concretização do projeto?
- 9) Há indicadores do progresso do leitor acompanhado por voluntários?
- 10) A RBE tem metas definidas para a promoção da leitura?
- 11) Quais são as suas expetativas quanto ao impacto do projeto no desenvolvimento da competência leitora?
- 12) Quais considera serem os 3 pontos básicos em matéria de promoção da leitura?
- 13) Qual o seu grau de satisfação geral face às expetativas enquanto coordenadora de um parceiro-chave do projeto?

## **Anexo I – GUIÃO E10, E11**

### **GUIÃO DE ENTREVISTA A VOLUNTÁRIAS DO PROJETO *VOLUNTÁRIOS DE LEITURA***

#### ***Assuntos orientadores da entrevista***

- 1) Como teve conhecimento do projeto *Voluntários de Leitura*?
- 2) Como descreve a estrutura/metodologia que suporta o funcionamento do projeto?
- 3) Quem constatou serem os colaboradores envolvidos no projeto?
- 4) Como descreveria o espírito existente face ao projeto durante o seu voluntariado?
- 5) Que vantagens reconhece na plataforma digital do projeto?
- 6) Que aspetos considera terem sido especialmente funcionais e disfuncionais no seu voluntariado de leitura?
- 7) À luz da sua experiência, considera que a rede de voluntários que integrou tem condições para cumprir, em quantidade e qualidade, a sua missão?
- 8) Quais os indicadores do progresso dos leitores acompanhados e como é seguido esse progresso?
- 9) Quais são as suas expetativas quanto ao impacto do projeto no desenvolvimento da competência leitora dos alunos?
- 10) Quais considera serem os 3 pontos básicos em matéria de promoção da leitura?
- 11) Qual o seu grau de satisfação face às expetativas enquanto voluntária do projeto?

## **Anexo J - GUIÃO E12**

### **GUIÃO DE ENTREVISTA A REPRESENTANTE da REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES\_ PROJETO *VOLUNTÁRIOS DE LEITURA***

#### ***Assuntos orientadores da entrevista***

- 1) Razões que levam a RBE a ser parceira no projeto *Voluntários de Leitura*?
- 2) O histórico/evolução do projeto ao longo da sua colaboração?
  - a. modelo de operacionalização (qual? alterações?)
  - b. objetivos (quais? evoluíram?)
- 3) Colaboradores envolvidos no projeto e a cooperação específica da Rede de Bibliotecas Escolares?
- 4) O conjunto de colaboradores assegura um *continuum* no trabalho/ espírito de identidade face ao projeto?
- 5) A rede de voluntários/ parceiros cumpre, em quantidade e qualidade, a sua missão? Denota evolução?
- 6) Que vantagens advêm da existência da plataforma digital do projeto?
- 7) Outros aspetos funcionais importantes na concretização do projeto?
- 8) Há indicadores do progresso do leitor acompanhado por voluntários?
- 9) A RBE tem metas definidas para a promoção da leitura?
- 10) Expetativas do impacto do projeto no desenvolvimento da competência leitora?
- 11) Quais considera serem os 3 pontos básicos em matéria de promoção da leitura?
- 12) Grau de satisfação geral face às expetativas enquanto representante de um parceiro-chave do projeto?



## Anexo K – Lista de entrevistados

ÁREA QUE REPRESENTA	N.º de Entrevistados
Coordenação do projeto	1
Coordenação da Rede de Bibliotecas	1
Apoio técnico à Rede de Bibliotecas	1
Coordenação interconcelhia das Bibliotecas Escolares	1
Supervisão da plataforma digital	1
Apoio técnico da plataforma digital	1
Coordenação de Biblioteca Escolar	1
Direção de escola	2
Docência	1
Voluntariado curricular	2

Anexo L – Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.1.

AUTORIZAÇÃO E1



Lisboa, 7 de abril 2016

Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada "A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura".

A Entrevistada

A handwritten signature in black ink, which appears to read 'Isabel Aly de'.

## ENTREVISTA AO COLABORADOR 1.

**Entrevistada 1 ou E1\_Nível 7/ Coordenadora do projeto *Voluntários de Leitura*: concepção, produção de recursos técnicos e científicos, produção de recursos na área da formação, estabelecimento de contactos com parceiros e redes, sessões públicas de esclarecimento e acompanhamento do quotidiano da gestão do programa/ Entrevista semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada a 1 de julho de 2015, pelas 15,30h, no CITI da faculdade de ciências sociais e humanas da universidade nova de Lisboa, com duração de 42'20".**

1 *Entrevistadora*: Na altura da origem do projeto, porque se achou que era importante implementar este tipo de projeto?

3 *E1*: O Projeto *Voluntários de Leitura* partiu do pressuposto que para as pessoas lerem de uma forma competente, completa e aprofundada, é preciso que tenham muita experiência de leitura. Ou seja, a repetição leva à aquisição da competência, sendo especialmente necessária para as crianças que se encontram numa etapa em que estão a formar as estruturas de acolhimento da leitura. É importante que haja insistência em situações concretas de leitura para que a mesma se torne uma competência plena. Pude constatar a vantagem da multiplicação de experiências de leitura ao longo da minha vida como professora e também no quadro do PNL que lancei em 2006 e que visava precisamente estimular tanto nos mais novos como nos mais velhos, a intensificação de experiências de leitura. Entre os mais velhos isto é importante, entre os mais novos é crucial.

15 A investigação sobre esta temática demonstra que desde que se começa uma aprendizagem formal de leitura, e até antes, é indispensável que haja contacto com livros, que as crianças vão antecipando o que é ler para depois terem mais facilidade no processo de aprendizagem. Nesse processo é preciso trabalho específico da parte dos professores para ensinar a ler. Há muitos estudos que fundamentam não só os princípios como as metodologias pedagógicas. E verifica-se que existe uma espécie de etapa crucial, entre os 6-12 anos, na qual é importante que haja muitos momentos de leitura para o cérebro formar os circuitos, indispensáveis para o domínio completo desta competência. Por isso nós precisamos de criar condições para que as pessoas que estão nessa idade, entre os 6 os 12 anos, possam continuar a treinar e ir mais longe e aprofundar. Os mecanismos de leitura, a técnica da leitura, vão sendo constituídos absorvem-se quando o cérebro vai formatando os circuitos que lhe dão a possibilidade de lidar quase numa forma completa e absoluta com o texto escrito. As sociedades precisam de criar condições para que todas as crianças tenham a possibilidade de realizar este processo.

30 A escola é essencial porque ensina, promove a leitura e coloca as crianças perante a situação de incentivo à leitura. Mas também por vezes cria dificuldades porque se as crianças não conseguem ler bem, muitas vezes elas sentem-se diminuídas em relação aos colegas e inibem-se dessa actividade em vez de irem ler mais e treinar. Quando não estão a conseguir, muitas crianças vão ler menos, e criam-se distâncias entre aquelas que lêem bem e muito rapidamente adquirem a forma mais eficaz de decifrar a leitura e de conseguir avançar nas experiências de leitura, e aquelas que ficam com problemas

38 porque são inibidos por experiências negativas. Então a sociedade deve  
arranjar instrumentos que lhe permitam trabalhar em todas as frentes.

40 Uma frente é a escola. A escola tem que trabalhar com os mais pequenos no  
jardim de infância, com os que vão continuando entre os 6-12 na  
42 aprendizagem formal, e também continuar para além dos 12-13 anos. Mas para  
a escola tem sido mais difícil que se compensar as lacunas de aprendizagem  
44 quando as competências não foram adquiridas na idade em que o cérebro tem  
mais facilidade em formar estruturas de acolhimento.

46 Para além da escola as famílias têm um papel muito importante. Devem ler  
com as crianças, diversificar as experiências de leitura para apoiarem a  
48 progressão. E também a sociedade em geral pode proporcionar outras  
ofertas em tempos livres que promovam e criem o gosto pela leitura. Para que  
50 cada criança repita a leitura é indispensável que goste, caso contrário vai fazer  
outra coisa e não vai ler.

52 Verifica-se que se um adulto der atenção a uma criança e a ouvir ler, ou se um  
adulto ler para a criança, conversar sobre livros ou partilhar experiências à  
54 volta de livros, é muito mais fácil que ela adquirir o prazer de ler e venha a  
56 achar que a repetição das experiências de leitura é gratificante. Se isto é  
verdade para os que gostam de ler e para os que têm facilidade, torna-se ainda  
58 muito mais importante para compensar dificuldades daqueles que não gostam.

O projeto *Voluntários de Leitura* nasceu portanto da intenção de criar mais  
60 ocasiões de leitura para aqueles que têm mais problemas com a leitura. A ideia  
não se restringe a esta intenção, mas foi esta a intenção central: criar  
62 oportunidades para as crianças que têm menos facilidade em adquirir  
rapidamente a competência de leitura, terem uma ajuda de adultos que as  
64 possam colocar perante livros que são simpáticos, agradáveis, divertidos, e  
ouvi-las ler de maneira a criar as experiências de leitura que sejam  
66 gratificantes, porque uma criança sempre gosta que um adulto lhe dê  
atenção. Foi este o princípio. Porquê? Porque os professores têm turmas com  
68 um x nº de alunos por turma e portanto não podem ler com cada um  
individualmente. As bibliotecas escolares têm vindo a evoluir muito  
70 favoravelmente, têm muitos livros nas escolas, mas os professores  
bibliotecários e equipas, não podem estar a trabalhar com cada um e  
72 sobretudo com aqueles que têm mais dificuldade. Há também os apoios  
educativos mas muitas vezes cada professor atende duas ou três crianças e  
74 trabalha sobretudo lacunas relacionadas com os programas de ensino, com  
aprendizagens que se consideram mais necessárias ou que estão enquadradas  
76 pelos programas, portanto, a leitura em liberdade, para dar prazer, é um  
campo que pode ser de voluntariado. Foi nesse sentido que foi lançado o  
78 programa, muito inspirado em programas análogos que existem noutros países.

*Entrevistadora:* Nessa altura, e agora, se é que ainda é a mesma, que  
80 metodologia foi adoptada para implementar?

*E1:* Em primeiro lugar procurámos congregar cidadãos que estivessem  
82 disponíveis para trabalhar como voluntários, e as instituições que estivessem  
disponíveis para acolher esses voluntários. Pensámos sobretudo em escolas  
84 que iriam receber voluntários para lerem com crianças numa base individual  
ou com duas ou três crianças que frequentassem cada escola. Pensámos em

86 crianças porque com jovens se torna mais difícil. Mas para o projeto se  
tornar mais abrangente tínhamos que alargar mais o leque de idades e  
88 portanto incluímos também a possibilidade de leitura com pessoas mais velhas  
ou com grupos de leitura. Mas o público-alvo principal foi o de 6 aos 12/13  
90 anos de idade.

Se criássemos este projeto numa época em que ainda não dispuséssemos de  
92 recursos digitais, seria praticamente impossível conseguirmos pô-lo em prática.  
Como iríamos anunciar o projeto? Como iríamos recolher as inscrições e  
94 abranger todo o país? Seria praticamente impossível fazer isso com um pequeno  
grupo de pessoas. Nós dispúnhamos de um núcleo muito pequeno de  
96 pessoas, duas ou três pessoas, sediadas no CITI na Faculdade de Ciências Sociais  
e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. São bolsiros que trabalham em  
98 projetos de investigação, especializados em recursos digitais.

Elaborou-se uma plataforma que fosse suficientemente atractiva e sedutora  
100 para que as pessoas soubessem que o projeto existia e pudessem inscrever-se.  
A ideia foi fazer uma plataforma onde tanto os voluntários como as instituições  
102 de acolhimento se pudessem inscrever. Mas depois para colocar os voluntários  
nas escolas, precisávamos de assegurar várias condições. Primeiro, saber se a  
104 escola que se inscrevia estava mesmo ciente do projeto é que se ia envolver.  
Para isso precisávamos de disponibilizar informação formativa ou formação  
106 destinada aos responsáveis nas instituições, nomeadamente aos directores,  
aos professores bibliotecários e aos professores. Fizemo-lo em sistema de *e-*  
108 *Learning* na plataforma digital. A comunicação por via digital, foi mais uma vez  
essencial, porque as pessoas, estejam onde estiverem, podem consultar a  
110 plataforma, podem ver, ler, assistir a vídeos com sessões, para ficarem a saber,  
o que é essencial para que o projeto corra bem. O mesmo para os cidadãos que  
112 queiram tornar-se voluntários.

Em princípio qualquer cidadão pode ser voluntário deste projeto desde que  
114 saiba ler e goste de crianças, são apenas estas as condições. Mas tem de saber  
claramente em que é que se vai envolver. Para isso dispõe de informação e  
116 formação em *e-Learning*, formação livre, aberta, para que os cidadãos possam  
ganhar consciência sobre o que é ser voluntário, sobre as questões que se  
118 colocam à promoção da leitura, como devem atuar na situação de voluntariado  
de leitura, o que se deve esperar de uma escola, etc. Os vídeos disponíveis e os  
120 documentos escritos disponibilizados na plataforma respondem a toda uma  
série de questões para que o voluntário saiba exactamente o que vai fazer.

Além do apoio do CITI, constituiu-se uma associação que se chama Associação  
122 para o Voluntariado de Leitura com um conjunto de pessoas interessadas em  
proporcionar também informação. Esta associação e o CITI formam uma  
124 parceria no desenvolvimento do projeto *Voluntários de Leitura*. O projeto foi  
depois integrado e divulgado nas plataformas do Plano Nacional de Leitura e  
126 da Rede das Bibliotecas Escolares. A Rede de Bibliotecas Escolares constitui  
outro parceiro nuclear pois dispõe de equipas de pessoas por todo o país, que  
128 estão à frente de bibliotecas escolares e de coordenadores inter-concelhios  
que permitem que os voluntários sejam acolhidos e acompanhados nas  
130 escolas. O voluntário é acompanhado nas escolas pelo professor bibliotecário.

132 Asseguramos que um professor bibliotecário quer e está preparado para

134 enquadrar um voluntário graças às equipas da RBE com quem trabalhamos que  
136 conhecem os professores bibliotecários, conhecem as escolas. A equipa de  
138 coordenadores inter-concelhios avalia a situação e vai colocar os voluntários  
nas escolas (em função evidentemente das respetivas preferências do local)  
que consideram ter condições para os receberem bem, pois só assim o  
processo pode de facto ter algum fruto. Claro não se pretende que um  
voluntário vá para uma escola passar tempo a conviver...

140 A metodologia adoptada foi portanto: primeiro dispor de uma plataforma digital  
para as pessoas conhecerem o projeto, para poderem inscrever-se, tanto as  
142 pessoas como as instituições; segundo disponibilizar formação em *e-Learning*;  
144 terceiro recorrer a parceiros que garantissem que os voluntários iriam  
ser enquadrados por instituições e profissionais que estão de facto preparados  
para os receber, porque os professores bibliotecários enquadram e ajudam no  
146 dia-a-dia os voluntários.

*Entrevistadora:* Quais considera então os 3 pontos básicos em matéria de  
148 promoção de leitura?

*E1:* Na promoção da leitura com crianças, os pontos básicos são a pessoa estar  
150 realmente consciente do que está a fazer, gostar de crianças e disponibilizar-se  
para estar algum do seu tempo a ler com crianças.

152 Na prática é preciso que o voluntário esteja atento aos gostos e aos desejos da  
criança para que os livros que se escolhem (quer sejam livros em papel ou  
154 livros digitais, que também devem ser usados) sejam do agrado da criança e do  
agradado voluntário. Tem que haver um encontro à volta de livros que  
156 agradem tanto à criança quanto ao adulto. Do encontro com o livro devem surgir  
uma espécie de “faíscas” de gosto e de prazer, para que a criança sinta que a  
158 experiência é agradável que a queira repetir queira ler mais. À medida que  
vai repetindo a experiência a criança vai avançando no aprofundamento da  
160 competência de leitura e pode ler de forma mais segura, até conseguir ler  
sozinha.

162 *Entrevistadora:* Os objectivos formais do Programa *Voluntários de Leitura* são?

*E1:* Criar uma rede de cidadãos disponíveis para apoiar a promoção da leitura  
164 tanto em escolas, como em bibliotecas públicas mas também noutros  
contextos, focalizando sobretudo o trabalho com crianças mais novas na  
166 intenção de levá-las a aprofundar o domínio da leitura e gosto pela leitura.

*Entrevistadora:* Os programas que existem noutros países têm metas  
168 quantitativas?

*E1:* No caso dos programas de voluntariado em relação à leitura, não é possível  
170 haver as metas quantitativas a não ser quanto à participação de voluntários e  
quanto à adesão de instituições, pois não se consegue medir diretamente o  
172 impacto no desenvolvimento da competência. O professor pode verificar que a  
criança está a ler melhor, mas a avaliação de como é que está a ler melhor, é  
174 também muitas vezes feita a partir da forma como responde a perguntas  
sobre textos, etc. Mas sabemos de fonte segura que diversificar as experiências  
176 de leitura, repetir e multiplicar, melhora a competência da leitura. O impacto  
do programa tem que ser medido não em função do resultado na melhoria da  
178 competência da leitura, mas da participação e do interesse pelo projeto, tanto  
da parte dos cidadãos como das escolas, e do testemunho dos professores se

180 de facto notam nos seus alunos, alguma diferença.

182 *Entrevistadora:* A intenção do programa não era criar algo novo desvalorizando  
 182 outras iniciativas mas sim complementar as iniciativas já existentes, porquê?

184 *E1:* É muito importante quando se toma uma iniciativa, que esta se enquadre  
 184 no contexto das que já existem com o mesmo fim. O projeto *Voluntários de*  
 186 *Leitura* tem uma filosofia análoga ao Programa Rede de Bibliotecas Escolares e  
 186 ao Plano Nacional de Leitura. Aliás entre as equipas que lançaram estas três  
 188 iniciativas estão as mesmas pessoas. Portanto, este projeto é mais uma etapa  
 188 de um conjunto de iniciativas de dimensão nacional que visam estimular a  
 190 promoção da leitura no nosso país. Em síntese a história é assim:

190 Em primeiro lugar foi lançada a Rede de Leitura Pública com o objetivo de dotar  
 192 todos os concelhos com Bibliotecas Públicas. Mas não bastava dar às pessoas  
 192 ou tornar gratuito o acesso aos livros para que as pessoas quisessem ler, era  
 194 preciso criar uma dinâmica que levasse as pessoas a dominarem a  
 194 competência a lerem mesmo.

196 Numa segunda etapa considerou-se que a escola também tinha um papel  
 196 essencial. Não basta haver biblioteca as pessoas têm que ler bem e querer ler,  
 198 e para ler bem e querer ler, a escola tem um papel muito importante. Mas será  
 198 que a escola basta? Bom, a escola é muito importante mas tem que ter também  
 200 bibliotecas escolares e foi essa a razão do lançamento da Rede das Bibliotecas  
 200 Escolares. Com esse programa as bibliotecas foram-se espalhando pelo  
 202 país, criando-se uma dinâmica em rede com as bibliotecas municipais da Rede  
 202 de Leitura Pública. Mas para que as crianças leiam os livros que estão nas  
 204 bibliotecas escolares é preciso que leiam bem e que os queiram ler. Daí que se  
 204 tenha lançado numa terceira etapa o Plano Nacional de Leitura. Procurou  
 206 envolver todos os professores numa dinâmica de leitura na sala de aula que  
 206 levasse as crianças a ler mais e a ler melhor.

208 Mas será que isto basta? Não, precisamos também das famílias. As famílias  
 208 também foram convocadas pelo Plano Nacional de Leitura, que era um plano  
 210 abrangente, convidando-as a contribuir. Mas será que basta a escola, a família e  
 210 as Redes de Bibliotecas? Não porque há muitas crianças que estão em  
 212 contextos em que a família não opera, em que a escola não tem recursos  
 212 humanos para chegar a todas. Então, surgiu numa quarta etapa este plano de  
 214 convocar cidadãos benévolos para participarem.

214 Tratou-se de uma estratégia nacional lançada ao longo de anos mas sempre  
 216 com o mesmo objectivo, e a mesma filosofia: a leitura é um acto de liberdade.

216 Mas apesar de cada pessoa ser livre de ler, só o fará se essa for uma actividade  
 218 que lhe dá gosto. Os quatro projetos têm tentado influenciar tanto os mais  
 218 novos, como os mais velhos, para a leitura. Tem-se procurado gerar um  
 220 movimento crescente de criação de leitores. No horizonte está uma meta:  
 220 Portugal dever tornar-se um país de leitores. Um país de leitores não quer  
 222 dizer que toda a gente leia a toda a hora. Significa um país em que as pessoas  
 222 têm competência de leitura e onde cada um lê o que gosta e conforme  
 224 gosta, por decisão livre de escolher aquilo que quer ler.

224 *Entrevistadora:* Um complemento entre todos ... será que ainda falta mais um  
 226 degrau?

226 *E1:* Há sempre mais um degrau.

228 Nos países com maior desenvolvimento nesta área, nomeadamente os do  
230 norte da Europa ou os EUA existem muitos projetos desta natureza. Os países  
232 do sul da Europa têm tidos menos. Felizmente no nosso país surgiu nos últimos  
anos uma dinâmica muito expressiva que parte da consciência de que o  
problema existe, de que é preciso trabalhá-lo e lançar iniciativas para que se  
resolva.

Os resultados dos estudos internacionais que comparam a competência de  
leitura das populações de vários países (como o PISA ou o PIRLS) davam conta  
de que durante muito tempo o nosso país não chegava sequer à média dos  
países da OCDE. No PISA, nos últimos estudos de 2009 e de 2012, os nossos  
jovens de 15 anos obtiveram resultados correspondentes à média dos países da  
OCDE. Mas não devemos contentar-nos com a média, temos procurar ir que  
cada vez mais longe e temos possibilidade de o fazer. Todos os países têm  
possibilidade de o fazer. A questão é identificar o problema, lançar iniciativas e  
tentar resolvê-lo de uma forma eficaz sem perder tempo com coisas que não  
servem para nada, como às vezes acontece. Este programa Voluntários da  
Leitura temos a certeza que dá resultados, porque é diversificando as  
experiências de leitura, lendo mais vezes e em situações agradáveis que se vai  
criando condições para que as pessoas queiram ler mais.

246 *Entrevistadora:* Como está estruturada a rede que suporta o projeto?

248 *E1:* Fomos recebendo inscrições de cidadãos de todo o país, fomos colocando  
estes voluntários em escolas e bibliotecas públicas, em parceria com os  
parceiros já Rede de Bibliotecas Escolares e com as Bibliotecas Públicas que  
também se inscreveram. Além disso também procurámos entrar em  
colaboração com as Câmaras Municipais, fizemos Protocolos de Acordo para  
que os bancos de voluntariado locais pudessem anunciar este projeto  
originando inscrições a partir dos bancos locais de voluntários.

254 Por todo o país temos mais de 1400 voluntários inscritos e estão colocados  
muitos, os dados certos constam em relatórios que publicamos anualmente.

256 Outra coisa muito importante é que dispomos de um seguro de voluntário que  
é accionado sempre que um voluntário vai para uma instituição, este seguro  
aliás é obrigatório.

258 *Entrevistadora:* Havendo uma zona que não tem adesão focam-se na mesma  
para despoletar o interesse?

260 *E1:* Focamos sim e recorrentemente temos iniciativas para atrair parceiros  
262 como as câmaras, associações, bibliotecas públicas e outras entidades locais  
que nos possam ajudar a promover a iniciativa. Muitas vezes os coordenadores  
inter-concelhios das bibliotecas escolares vão directamente chamar a atenção  
das escolas para que assim seja. Muitas vezes os cidadãos apercebem-se de  
que há essa possibilidade porque é a própria escola que lhes diz que anda à  
procura de voluntários

268 A plataforma do projeto anuncia que são precisos voluntários aqui e ali. Outro  
veículo de divulgação são as redes sociais, fundamentalmente o *facebook*, que  
270 permanentemente anuncia o programa e contribui para alertar os cidadãos  
para a possibilidade e para que se inscrevam.

272 *Entrevistadora:* A rede de voluntários cumpre em quantidade e qualidade, a  
missão que tem?



274 E1: Não. Só ficaremos satisfeitos se todas as crianças portuguesas que  
 276 precisam de ajuda tiverem essa ajuda. O que já se fez e que já se conseguiu  
 278 está na linha certa, mas, imagine que há uma criança que não tem ninguém  
 280 que a apoie? É mau não é? Será que é possível sonharmos que todas terão  
 282 ajuda? Não! Portanto é uma meta que sabemos ser inatingível. Mas quanto  
 284 mais crianças tiverem apoio, melhor.

280 Este projeto é um dos projetos que contribui para melhorar o problema mas eu  
 282 gostaria que as crianças que estão na escola, à primeira deteção de dificuldades  
 284 de leitura, dispusessem de um profissional que os apoiasse. Nós em Portugal  
 286 não temos recursos para isso, mas em alguns países esse apoio existe e os  
 288 resultados são excelentes.

290 No norte da Europa, por exemplo na Finlândia, 30% das crianças têm, nalgum  
 292 momento, apoio individual na área da leitura. Faz parte do sistema educativo.  
 294 Isso exige um investimento muito alto, nós não temos possibilidade de o fazer  
 296 mas este projeto contribui. Também acontece que na Finlândia e em outros  
 298 países do norte da Europa, está muito interiorizado nas famílias, a necessidade  
 300 de ler com as crianças.

302 *Entrevistadora:* Como é feita a gestão da rede de voluntários?

304 E1: É continuada. Não existe um período específico, todos os dias recebemos  
 306 inscrições ou sempre que as recebemos, o processo é acionado.

308 Indicamos à Rede das Bibliotecas Escolares que recebemos aquela pessoa,  
 310 imediatamente se fica a saber onde é que a pessoa está, para onde pretende ir,  
 312 qual é o horário que pretende, em que instituição pretende trabalhar. Com  
 314 uma base de dados, imediatamente os responsáveis do lado da Rede de  
 316 Bibliotecas Escolares, cruzam e vêem se há escolas naquela área ou se há  
 318 biblioteca pública que queira voluntários. No caso de ser biblioteca pública,  
 320 somos nós mesmos, a estrutura central, que o coloca, no caso das bibliotecas  
 escolares, são eles que o fazem. Se fosse uma vez por ano, o projeto estava  
 condenado, porque ninguém está à espera um ano e as pessoas se virem que  
 não são colocadas desistem. Tem de ser algo em permanência.

O projeto não poderia ser eficaz se não houvesse recursos digitais, já que é  
 uma base de dados que permite cruzar a informação e perceber em cada  
 momento quem está inscrito, se está colocado ou não, se já foi à entrevista  
 com o responsável da escola ou não, se já está a trabalhar ou não.

Para mais detalhes de como funciona, poderá depois entrevistar os  
 responsáveis pela elaboração da base dados que sabem como foi feita e o que é  
 que ela permite. Mas o trabalho existe todos os dias, é contínuo. Há também e-  
 mails que as pessoas mandam com dúvidas, há instituições que nos  
 procuram, há muita coisa, é uma gestão corrente. Um projeto com uma gestão  
 diária.

*Entrevistadora:* No conjunto das áreas, quem são os colaboradores que se  
 envolvem no projeto?

E1: As duas pessoas já indicadas que se envolvem na plataforma ou outras do  
 centro de investigação que possam colaborar, e sou eu que vou falar com as  
 instituições parceiras, etc. Portanto, o núcleo central é a equipa de bolsiros  
 investigadores do CITI que montaram e fizeram a plataforma e todo o sistema  
 de inscrições com a base de dados, os professores bibliotecários que estão

322 espalhados pelo país, os coordenadores inter-concelhios, os bibliotecários das  
bibliotecas públicas. É a rede profissional que depois colabora com os  
voluntários que estão colocados.

324 *Entrevistadora:*Quais as suas expetativas quanto ao impacto do projeto no  
desenvolvimento da competência de leitura do país?

326 *E1:* Acho que é um projeto complementar em relação a outros que já existem e  
que permite mobilizar, alertar os cidadãos para a necessidade de que esta  
328 questão seja social e não meramente dos profissionais da educação ou da  
cultura. Que a leitura seja assumida como um desígnio social, essa é uma das  
330 expetativas.

A segunda é que em cada local onde o projeto funciona, os beneficiários, que  
332 são aqueles envolvidos no processo de leitura a par ou em grupos de leitura,  
possam ir mais longe na sua competência e no seu gosto pela leitura. E que  
334 tenham melhores resultados escolares porque naturalmente a leitura é  
essencial, é a base de toda a aprendizagem escolar.

336 *Entrevistadora:*O seu grau de satisfação face a essas expetativas enquanto  
coordenadora do projeto?

338 *E1:*Considero ser um programa muito mobilizador, que me dá muita satisfação.  
Um grau elevado porque vejo muito interesse da parte dos cidadãos e dos  
340 profissionais. Ainda agora por exemplo, tivemos um canal de comunicação  
social que pediu um dos vídeos de testemunho que nós temos disponível no  
342 *site*, de personalidades. Vejo que, mesmo os grandes órgãos de comunicação  
social muitas vezes vêem que nós existimos. Isso é importante porque  
344 pretende precisamente ser um projeto com impacto social. Dá-me satisfação  
sobretudo porque sei que estamos na linha certa e que o projeto corresponde a  
346 uma necessidade de ir mais longe em dar apoio às pessoas, e sobretudo às  
crianças. Estamos na linha certa para que o nosso país vá mais longe no  
348 desenvolvimento educativo, cultural, social.

O facto de ser voluntariado também é muito positivo. Ver que as pessoas, que  
350 a sociedade civil se mobiliza por uma causa que é a leitura. Outro ponto que  
também me dá uma satisfação especial é o facto de na área da educação não  
352 existirem muitas iniciativas de voluntariado. De alguma maneira, o projeto  
estar a ser pioneiro como um projeto de voluntariado na área de educação, e  
354 tenho esperança que venha a ser uma semente de outros projetos.

A escola era uma instituição mais ou menos fechada. A pouco e pouco foi-se  
356 abrindo às famílias, mas ainda não se abriu totalmente à sociedade  
civil. Demora um certo tempo mas estou convencida que vamos conseguir  
358 também essa dimensão.

Claro que trabalhar numa área em que se sente estar a contribuir para o  
360 benefício alheio, é muito gratificante.

362 *Entrevistadora:* Se desejar pode acrescentar algo à entrevista, caso contrário  
obrigada pelo seu tempo.

## **Anexo M – Entrevista e respectiva autorização de publicação/ E.2.**

### **AUTORIZAÇÃO E2**

**Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada “A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura”.**

**A Entrevistada**

*Cátia de Figueiredo Pregoça*

## ENTREVISTA AO COLABORADOR 2.

**Entrevistada 2 ou E2\_Nível 7/ Investigadora do CITI no projeto *Voluntários de Leitura*/ Entrevista semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada a 1 de julho de 2015, pelas 16,15h, no CITI da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com duração de 23'70''.**

1 *Entrevistadora:* Gostaria de perceber como é que foi criada a plataforma do projeto e como é utilizada?

3 *E2:* O mais importante da plataforma é o cruzamento de dados, ou seja, todas  
5 as inscrições que são feitas quer por parte dos voluntários quer por parte das  
7 instituições de acolhimento, portanto as instituições que se propõem a acolher  
9 voluntários... as inscrições são feitas num *site*... *Voluntários de Leitura*...  
11 inscrevem-se no *site*, escolas, bibliotecas, outras organizações... vão inscrever-  
13 se também num *site* e depois há um cruzamento de dados, a plataforma  
15 permite isso. Permite ver, permite confrontar as preferências dos voluntários  
17 em termos de local, horários, em termos de instituições (se preferem uma  
19 escola básica, se preferem uma biblioteca pública...), e vai confrontar essas  
21 preferências com a disponibilidade por parte das instituições. Se naquele local  
23 existe alguma instituição que tenha as características que o voluntário  
25 pretende... em termos de horário geralmente o voluntário confronta-se com a  
27 instituição e portanto vai combinar...mas sobretudo a escolha do local e o tipo  
29 de instituição, emerge do cruzamento de dados. E a plataforma permite isso.  
31 Permite que nós consigamos cruzar, para além de conter todos os dados  
33 estatísticos (que depois podemos fornecer) como o número de voluntários  
35 inscritos, o número de instituições que se inscrevem, o número de bibliotecas,  
37 o número de escolas... temos tudo isso na nossa plataforma. Mesmo por efeito  
39 de cores nós conseguimos ver: “ok, este voluntário tem uma instituição  
disponível.” A cor difere... podemos de seguida verificar, se pretender.  
Portanto, a cor difere e nós podemos ver que naquele concelho existe uma  
coincidência porque o sistema devolve que “sim”, naquele concelho existe uma  
instituição disponível de acordo com as preferências do voluntário. Tudo é  
gerido nessa plataforma. Quer nós (CITI) quer a Rede de Bibliotecas Escolares.  
Nós, CITI destacamos os voluntários para as bibliotecas públicas e a RBE para as  
escolas.

28 *Entrevistadora:* A RBE tem também acesso então à parte interna da  
plataforma?

30 *E2:* Também têm, têm. E gerem também. Porque a RBE com os seus  
32 coordenadores inter-concelhios (CIBE's) e coordenadores internos, tem  
34 conhecimentos nas escolas, e muitas vezes é mais fácil. Depois se quiser falar  
36 com a Carla Fernandes que é a responsável, facilmente conseguíamos, ela é a  
38 Carla Fernandes da RBE... para ter mais um testemunho, acho que era  
importante. Portanto, ela vai ficar com a secção das escolas... e estamos a falar  
de rede de escolas públicas porque neste momento, se existirem colégios  
privados, escolas particulares, inscrevem-se como outras instituições no *site*. O  
arranque com estas outras instituições ainda não está concretizado em pleno  
mas pretendemos que seja uma realidade ainda no último trimestre de 2015.

40 O objectivo é podermos alargar o voluntariado a outras instituições como lares  
42 de idosos, escolas privadas, associações que têm demonstrado interesse em  
integrar voluntários. Instituições que da parte da sociedade civil vão ajudar e  
têm pessoas disponíveis.

44 *Entrevistadora:* Nesse caso quem gere é o CITI?

46 *E2:* Portanto, a RBE destaca os voluntários... porque é assim, nós primeiro  
cruzamos os dados, depois o que é que fazemos? Nós chamamos “fazer uma  
agregação”, ou seja, destacamos o voluntário para essa escola e a escola  
48 recebe uma notificação, um *e-mail* a indicar ter sido destacado um voluntário  
para a instituição e que podem marcar reunião com o voluntário. A escola, que  
50 tem acesso à sua área de participantes no *site*...aquela área de registo, vai  
entrar em contacto direto com o voluntário, é marcada a reunião e a partir  
52 deste ponto, todo o processo é feito com eles.

Nós (CITI) fazemos os mesmos passos para as bibliotecas. “Existe aqui uma  
54 possibilidade deste voluntário para esta biblioteca.” e destacamos o voluntário  
56 para lá. A biblioteca recebe a notificação e depois a partir daí... nós por vezes  
orientamos o processo... orientamos ou tentamos controlar mais ou menos o  
58 processo num certo sentido... Por exemplo, estávamos a destacar imensos  
voluntários para Lisboa e depois percebemos que havia uma inscrição que não  
60 estava bem feita, ou seja, víamos que os voluntários estavam sempre à espera  
da 1.ª reunião... ah sim, porque a plataforma também permite ver o estado do  
62 voluntário, ou seja, «voluntário a prestar voluntariado», «voluntário à espera  
de 1ª reunião», e outras movimentações que a base de dados regista...e  
64 percebemos que existiria algo incorrecto já que os voluntários esperavam  
demasiado tempo para serem colocados.

66 O programa foi recentemente alargado a todas as escolas do arquipélago da  
Madeira e aí terão mesmo acesso direto...à partida a gestão será feita mesmo  
68 na Madeira por se considerar mais eficaz dessa forma. Eles fazem a gestão,  
enquadram os voluntários...estabelece-se assim esse procedimento.

70 Para além da gestão quotidiana da plataforma, respondemos diariamente a *e-*  
*mails* com dúvidas por parte de pessoas que pretendem ser voluntários de  
72 leitura, que souberam do projeto... ouviram falar, mas não sabem ao certo  
como funciona, pelo que iremos esclarecer. E nós vamos indicando: “Se é um  
74 voluntário de leitura então tem que se inscrever aqui...” e mandamos o  
endereço. Às vezes são as instituições que têm dúvidas...por exemplo uma  
76 escola: “Se se trata de uma escola, deve inscrever-se aqui...” e depois coloco  
sempre a questão de que têm que indicar as preferências no campo  
78 complementar das “observações”. Muitas vezes as pessoas referem que a  
partir de tal data já estão disponíveis e nós temos previsto uma disponibilidade  
80 de horário mas não com esse pormenor. “A partir do dia x já tenho  
disponibilidade na escola y” ou então “pretendo instituições em especial a  
82 escola tal e tal”... colocam esse tipo de informação no campo das observações,  
e depois nós quando destacamos o voluntário temos em consideração tudo  
84 isso.

Esclarecemos diariamente as pessoas por *e-mail*, recebemos bastantes *e-mails*,  
86 ou por *Facebook*... também há a página do *Facebook* e muitas pessoas também  
colocam dúvidas através do *Facebook*. E basicamente as coisas funcionam

88 assim.

*Entrevistadora:* Sem o digital seria possível este projeto?

90 E2: Era impossível chegarmos a vários pontos do país e neste momento isso é  
92 importante, porque temos instituições e voluntários em todos os pontos do  
94 país, alargado à Madeira... principalmente tendo em conta que temos uma  
96 equipa muito pequena como núcleo central. Além disso, a própria RBE, apesar  
98 de ter os seus coordenadores inter-concelhios, também usufrui da plataforma  
100 e portanto o digital é imprescindível para que consigamos chegar às  
102 instituições todas que se inscrevem. No fundo nós temos ali um repositório de  
104 tudo não é?, todas as inscrições são feitas ali no *site*.

106 Ainda assim, com a facilidade introduzida pelo digital, por vezes é difícil  
108 controlar e verifica-se um voluntariado “paralelo”, ou seja, as pessoas não se  
110 inscrevem... já estão como voluntários de leitura, conhecem o projeto, dirigem-  
112 se diretamente a uma escola ou a uma biblioteca e começam a fazer. Quando  
114 detetadas estas situações, tentamos contrariar, até porque o voluntário  
116 inscrito tem obrigatoriedade e direito a um seguro não se podendo acionar  
118 quando o desconhecemos. É importante para os próprios voluntários, eles  
120 estarem inscritos para podermos acionar os seguros. Através da plataforma  
122 também o podemos fazer. Porque a plataforma mostra o estado do voluntário:  
124 «voluntário à espera de agregação», «voluntário agregado», «voluntário que já  
126 foi colocado» ou seja, já teve a 1.ª reunião, já combinou com a instituição, a  
128 instituição já deu o OK na área de participante, portanto, já tem aquele  
voluntário a prestar voluntariado. Se já está colocado e já iniciou, nós aqui (no CITI), automaticamente, vamos acionar o seguro. Porque temos indicação do estado do voluntário.

*Entrevistadora:* Expetativa em relação a este projeto?

114 E2: A expetativa é que ele continue... sobretudo essa. Portanto, manter o  
116 projeto, aumentar o número de voluntários, estendermo-nos pelas várias  
118 localidades do país e aos Açores (que é o único que falta). Creio que as  
120 previsões são muito boas, já que de ano para ano o número de voluntários tem  
122 aumentado, de instituições inscritas, de bibliotecas... Acho que este projeto  
124 tem tudo para se manter por muitos e longos anos porque existem sempre  
126 crianças para apoiar. A continuidade depende porém também de alguns apoios  
128 financeiros que, se terminam, deixam o projeto mais a “descoberto”. Não  
significa que o voluntariado termine caso as verbas diminuam, porém, o apoio  
oficial, por parte de um programa maior, dá azo a que os envolvidos se sintam  
identificados e estejam mais motivados. É equivalente por exemplo ao Plano  
Nacional de Leitura que estava previsto para um x n.º de anos ou ao Plano  
Nacional de Formação Financeira que está previsto para um n n.º de anos... e  
para os *Voluntários de Leitura* a ideia inicialmente seria terminar agora, que  
estão a decorrer os 3 anos, mas está a correr tão bem...a ideia é continuar.

*Entrevistadora:* E como se processa a divulgação para que hajam mais voluntários e instituições de acolhimento?

130 E2: Para que a identificação com o programa aconteça, o *site* e a página do  
132 Facebook (tem imensos seguidores) fazem divulgação regular e existe material  
134 de divulgação no *site*, acessível a escolas e bibliotecas que queiram descarregar  
e usar para promover o programa (como cartazes por exemplo). Denota-se

136 igualmente um efeito de passar a palavra, nomeadamente por parte de  
voluntários que levam outras pessoas a serem também elas voluntárias de  
leitura. É uma rede que se cria.

138 Em termos de divulgação temos sobretudo o *site* e a página do *Facebook* que  
funciona muito bem...e depois as escolas.

140 Os próprios coordenadores inter-concelhios, coordenadores na Rede de  
Bibliotecas Escolares, também fazem um trabalho de divulgação e fizeram  
142 junto das câmaras, autarquias e junto das bibliotecas municipais. Passar a  
palavra e criar uma rede é um trabalho contínuo. Temos aumentado também o  
144 número de parceiros entre as autarquias.

Os CIBE's são os coordenadores... eles, dentro de um determinado distrito,  
146 coordenam certos concelhos e portanto, mais facilmente estabelecem os  
contatos com as câmaras desses concelhos comparativamente ao que o CITI  
148 poderia fazer. Eles divulgam o projeto e conseguem os Protocolos libertando-  
nos da dificuldade que seria chegar a todo o lado.

150 *Entrevistadora*: Desde quando é que a Cátia participa no projeto?  
*E2*: Desde o início.

152 *Entrevistadora*: Participando desde o início neste programa, o que é que a  
deixa mais satisfeita?

154 *E2*: A adesão das pessoas. Sabendo que os portugueses são solidários, ainda  
assim não esperava uma adesão tão vasta. Um crescimento enorme de registo  
156 de voluntários de leitura. Pessoas novas, mais velhas... todos querem fazer  
voluntariado de leitura e achei isso muito interessante.

158 Para nós, o nosso maior desafio, é aumentar o número de voluntários e de  
instituições para os acolher, se não, não daria. As pessoas têm muita vontade  
160 de «fazer». Por isso essa é também uma outra expectativa: alargar a sério o  
envolvimento de “outras organizações”. Nós temos algumas inscrições nesta  
162 tipologia, mas o grosso das instituições de acolhimento está ligado às escolas,  
ainda não se conseguiu avançar “a sério”. É um campo talvez um pouco mais  
164 difícil porque temos que avaliar 1.º a instituição e confirmar até que ponto é  
que não fará um uso abusivo do trabalho de voluntários porque a intenção não  
166 é substituir o trabalho de profissionais no acompanhamento das crianças.  
Neste momento o projeto *Voluntários de Leitura* está em “velocidade cruzeiro”  
168 porque acompanha um pouco o calendário letivo, escolar. Agora estamos em  
férias escolares, e já não há tantas agregações, já não... ou seja, agora em força  
170 vamos receber mais *e-mails* (é sempre assim) no início das aulas. As escolas  
começam a contactar-nos mais, pois é quando os meninos lá estão... mesmo os  
172 voluntários, são informados que, se não obtiveram resposta, é porque será a  
partir de Setembro que serão novamente colocadas pessoas. Temos colocado  
174 alguns voluntários para as bibliotecas públicas porque decorrem actividades de  
verão, mas são em menor número. Este ritmo para as instituições que não  
176 param também será diferente, mas neste momento está tudo mais «calminho»  
e nós tentamos gerir porque há sempre imensa coisa para fazer.

178 *Entrevistadora*: Obrigada Cátia pelo seu depoimento.  
*E2*: De nada.

Anexo N – Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.3.

AUTORIZAÇÃO E3



Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada “A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura”.

A Entrevistada

*Maria da Graça de Vasconcelos e Horta Caldeira*



### ENTREVISTA AO COLABORADOR 3.

**Entrevistada 3 ou E3\_Nível 6/ Professora bibliotecária/ Entrevista semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada a 16 de fevereiro de 2016, pelas 14,30h, na biblioteca escolar da EB 1 São João de Deus do agrupamento de escolas D. Filipa Lencastre em Lisboa, com duração de 1:16'04".**

- 1 E3: As suas indicações do guião até me colocaram algumas questões a mim  
própria. Devo dizer que eu não sou professora do 1º ciclo. Para mim não são  
3 óbvios os mecanismos de leitura. Professor bibliotecário, mesmo que seja  
numa escola do 1º ciclo, não tem que ser professor primário. Portanto eu sou  
5 professora de 3º ciclo e secundário, sou professora de educação visual, a  
minha licenciatura é de arquitectura, tenho uma pós-graduação de livro infantil  
7 da Universidade Católica e tenho uma pós-graduação de ciências de  
informação e documentação da FCSH (não fiz a tese). Quando a Dr.ª Isabel  
9 Alçada nos propôs aceitarmos a colaboração de alunas do voluntariado  
curricular de leitura eu fiquei cheia de inquietações e coloquei-lhe a questão  
11 “Mas eu não sei exactamente os mecanismos de leitura e portanto não sei  
exactamente se consigo explicar às voluntárias que também são raparigas (em  
13 geral têm sido raparigas) que não sabem ensinar a ler, não sei se as sei  
acompanhar devidamente”. “Não se preocupe porque é mais a ideia da leitura  
15 a par e portanto isso não vai ter nenhum problema” respondeu. E daí comecei  
o projeto.
- 17 O ano passado o voluntariado proporcionou um tipo de trabalho diferente  
porque a 1.ª voluntária que tivemos era só uma. O tipo de trabalho que eu faço  
19 aqui é um trabalho em que tento explorar a obra literária com os alunos. Para  
além da mera leitura, eu e os meninos discutimos o autor, o tema, a obra,  
20 tentamos fazer uma leitura para além da decifração propriamente do texto,  
para criar mais sentido, para que aquilo lhes diga alguma coisa. Mesmo a  
22 história de vida dos escritores eu acho que às vezes ajuda a entusiasma-los  
para os assuntos e a escolha dos próprios livros também.
- 24 E portanto o que é que eu fiz, o ano passado treinei a voluntária nesse sentido  
para ela fazer atividades da chamada “promoção de leitura” para turmas  
26 inteiras. Correu lindamente. Como ela era de origem árabe, marroquina, e  
tirámos partido também disso. Fizemos exploração de histórias, que tinham  
28 ligações para esse lado. Eu tinha uma história com texto em árabe e em  
português e correu muito bem. Foi muito engraçado. Foi um posicionamento  
30 diferente daquele que eu tomei este ano.
- Depois no 2º semestre do ano passado também tive uma rapariga, já não  
32 fizemos tanto isso mas também foi um pouco assim, mas este ano, como eram  
três voluntárias pensei que seria impensável querer acompanhar três raparigas  
34 a fazer um trabalho desse tipo. Não se consegue. Este ano, pensei, vamos tirar  
mais partido da plataforma. Pelo que li e explorei os conteúdos que lá estão  
36 tendo constatado que tem bastante informação que serviria de suporte para as  
voluntárias. Conversei com a Dr.ª Isabel Alçada. Questionei se deveria  
38 continuar com o trabalho elaborado o ano passado ou se deveria ir para a

40 leitura a par, que é aquilo que está lá na plataforma mais focado no papel das  
voluntárias. E optámos pela leitura a par, porque realmente, sendo três não  
42 conseguia fazer aquele trabalho todo de preparação. Tinha que preparar a  
rapariga, tinha que reunir com a rapariga, tinha que a ensaiar a ler, toda a  
44 logística de uma atividade de exploração de uma obra literária para apresentar  
a uma turma por uma pessoa que nunca tinha lido em público. Portanto a  
minha experiência é de dois anos e é em dois caminhos.

46 Eu acho que o voluntariado é interessante e ao olhar as questões do guião até  
as achei difíceis no sentido em que estas coisas acontecem mas nós não temos  
48 muito tempo para as preparar. É difícil...Em geral o professor não consegue  
usar o mesmo modelo de um ano para o outro. Mesmo cumprindo o mesmo  
50 programa, em educação visual que é muito criativa ou imaginando as outras  
disciplinas, o professor não consegue os mesmos resultados. E nem teria tanta  
52 graça.

Mas portanto, quando me questiona em que contexto surge a implementação  
54 do projeto na biblioteca escolar?, a resposta é que foi no contexto de um  
56 convite da Faculdade, através da Rede de Bibliotecas Escolares. Não fomos nós  
que fomos propriamente buscar, foi o inverso, e isto aconteceu o ano passado.

58 Eu já tinha tido mais voluntárias para me ajudar em tarefas de escola. Mães e  
avós. Porque este agrupamento na altura tinha 1400 (agora tem 1800 alunos)  
60 mas eu era a única professora bibliotecária há seis anos quando o processo  
arrancou. A biblioteca da sede não estava na rede de bibliotecas, só esta (EB1)  
62 é que estava desde 2000 e por isso, apesar dos 1400 alunos do Agrupamento  
nós só tivemos direito a um lugar de professora bibliotecária, pois só eram  
64 abrangidas pelo concurso as escolas com bibliotecas já inseridas na RBE.  
Portanto, eu não conhecia a escola do 1º ciclo, como professora, visto que eu  
66 só trabalhava na da sede, (ensino secundário e 2º e 3º ciclos). Eu já estava  
como coordenadora da biblioteca da sede embora tendo um horário de aulas  
68 completo a par da coordenação da biblioteca. Portanto iniciei a minha carreira  
de professora bibliotecária a tempo inteiro e sem aulas, aqui no 1º ciclo porque  
70 foi a única vaga que abriu uma vez que a condição era que as bibliotecas já  
estivessem na rede.

72 Isto tudo para lhe explicar o quê? É que tudo isto estive em obras, foi  
necessário fechar a biblioteca do *Filipa*, que era uma biblioteca enorme,  
74 empacotar tudo, esta era uma sala vazia que só tinha telefone e caixotes, tinha  
menos de metade dos livros que tenho agora, e, ainda abrimos depois uma no  
76 outro edifício do 2º ciclo. Eu tinha muito trabalho para uma pessoa só e pôr  
isto a funcionar foi complicado.

78 Antes de ter este espaço organizado, eu comecei a oferecer trabalhos de  
promoção da leitura. Chegava às colegas e perguntava “Em que é que eu posso  
80 ser útil?”, “Que tipo de obras é que gostariam que nós explorássemos e  
abordássemos?”. As pessoas habituaram-se, antes mesmo de haver um espaço  
82 físico de biblioteca, a que eu fosse às salas e fizesse atividades com elas.  
Mesmo quando eu não tinha nada, não tinha estantes, não tinha nada  
84 pronto..., isto foi-se acumulando depois com o tempo.

O que é que isso deu? Deu que as pessoas gostaram muito da ideia, os pais  
86 apreciaram e a Associação de Pais que é uma boa parceira aqui também,

88 começou-me a perguntar, “Então mas não quer ajuda? Diga lá, não quer  
ajuda? Temos aí mães que querem ajudar.” E eu cheguei a ter 5 ou 6  
90 voluntárias num ano para virem fazer coisas, mas com alguma reticência da  
parte dos próprios professores porque não estavam habituados a ter os pais  
92 dentro da escola, sentiam que era alguma devassa do seu espaço privado.  
Portanto, tive esse problema de encaixar voluntários que eram pais e avós no  
94 seio da escola porque as professoras não tinham esse hábito e não apreciavam  
muito.

Cheguei a ser convidada, para na reunião anual de rede de bibliotecas,  
96 apresentar o caso de voluntariado aqui da escola porque as pessoas acharam  
que eu tinha tido sucesso com o voluntariado. Mas em geral não era para  
98 promoção de leitura porque lá está, houve reticências da parte dos professores  
que as pessoas fizessem esse tipo de tarefa. Vinham ajudar na catalogação  
100 porque até tinha algumas voluntárias que eram bibliotecárias profissionais,  
não professores bibliotecários, bibliotecárias só, portanto ajudaram-me em  
102 tarefas mais de organização da biblioteca.

Quando este projeto da faculdade surge, tive outra vez que fazer... quando me  
104 pergunta que metodologia foi adoptada para o implementar? O que é que eu  
tive de fazer? Tive que ir perguntar às colegas se estariam interessadas neste  
106 tipo de atividade, serviço de apoio. Apresentei a proposta em conselho de  
docentes que é um conselho em que se reúnem todos os professores, com  
108 turma, sem turma, do ensino especial, professor bibliotecário também e  
geralmente é um por mês e discutimos tudo o que há para discutir do ponto de  
110 vista pedagógico e de organização da escola. Apresentei a ideia primeiro às  
coordenadoras da escola e depois levei a proposta ao conselho da escola. Esse  
112 conselho é gerido pelas duas coordenadoras, a coordenadora de  
estabelecimento e a coordenadora pedagógica, há estas duas figuras no seio  
114 do 1º ciclo aqui. Elas acharam interessante mas puseram logo algumas  
reticências, e os colegas também acharam interessante mas puseram as  
116 mesmas reticências. Depois disto, tivemos que apresentar à direcção dizendo  
“Temos este pedido, este convite, as colegas estão interessadas, vemos estas  
118 dificuldades”. Eu podia ter começado pela direcção mas achei que ir à direcção  
sem ter um *feedback* daqui íamos de alguma maneira perder tempo, e assim,  
120 perguntando aqui primeiro ia depois com informação suficiente para a direcção  
do Agrupamento.

122 Pronto, e quais foram as reticências?

O problema que eu e as minhas colegas professoras vemos, no funcionamen-  
124 to do projeto, é a que horas é que os alunos vão usufruir do benefício de ter o  
voluntário. E isso é mesmo a questão que acaba por ser mais problemática.  
126 Porque aqui o horário é das 9h-12,30h e das 14h às 16h. Eles têm 1/2 h de  
intervalo a meio da manhã, 1h ½ no almoço, 1/2h após as 16h para quem cá  
128 fica. Há depois atividades de complemento curricular e depois ainda há  
actividades de tempos livres até às 19h geridas neste caso pela Associação de  
130 Pais. Mas claro que o projeto convém que seja dentro do tempo letivo porque  
depois eu também já não estou até às 19h ou posso estar não oficialmente,  
132 mas não seria fácil de gerir. É nesse ponto que nós temos maior dificuldade de  
implementação. Porque, embora toda a gente goste da ideia e ache muito

134 interessante, nem todas as pessoas que mostram interesse, depois na prática,  
136 conseguem libertar os alunos se for no tempo de aula para eles virem aqui à  
biblioteca estar com a voluntária. E isso cria-nos alguns problemas. Tentámos  
138 fazer no intervalo do meio da manhã, no do almoço porque sobeja um  
bocadinho dado que comem em menos que hora e meia, tentámos fazer entre  
140 as 16h e 16,30h... mas não é muito fácil. Não é muito fácil implementar. Já  
coloquei a questão à Dr.<sup>a</sup> Isabel Alçada e isto exigia se calhar um estudo  
melhor para sabermos como havíamos de fazer.

142 *Entrevistadora:* A resposta à questão “Como descreve a estrutura que  
atualmente suporta o funcionamento do projeto” é aquilo que já me estava a  
144 dizer. Portanto, tem voluntárias que se inscrevem na plataforma e fica a saber  
quem são, vêm ter consigo, explica-lhes o horário, a quantidade de crianças?...

146 *E3:* Sim, pois, continuando. Nesse conselho de docentes, as pessoas que  
demonstram interesse, indicam-me 3/4 alunos para também não  
148 sobrecarregar os voluntários, senão depois também não conseguíamos fazer  
um horário razoável.

150 Cada uma das voluntárias faz em média 5h por semana portanto são 15h, ou  
seja, isso apanhou entre 15 a 20 meninos não mais. As sessões têm meia hora,  
152 três quartos de hora, não mais, e isso tudo distribuído dá mais ou menos esse  
número.

154 As colegas que demonstraram interesse, disseram-me logo quais eram os  
alunos e depois é um «jogo de paciência»: mediante a disponibilidade das  
156 voluntárias tento encaixar aqueles alunos nesse horário. É por isso, por  
exemplo, que há turmas que têm 3 alunos aqui com uma voluntária e se  
158 reparar não é muito cómodo. A professora se os quiser mandar no tempo de  
aula, manda um, uma meia hora depois manda outro e depois aquele vai-se  
160 embora e vem o outro, portanto, se ela quiser fazer uma explicação de matéria  
nesta hora e meia, ela não vai poder explicar porque eles estão na sessão. É  
162 neste ponto que a organização é complicada.

Há outra coisa que acho que também é. A organização do ano letivo de uma  
164 escola de 1º ciclo é por trimestres, e a de faculdade é por semestres. A oferta  
do 1º semestre quando chegou, em Outubro, nós já tínhamos começado. Eu  
166 demorei algum tempo a organizar, como eram 3, com os acertos de horário,  
preparação, ainda perdemos mais algum tempo. Quando isto estava em pleno,  
168 elas disseram “Ah depois do Natal já não vimos!” (ohh). Por acaso a voluntária  
do ano passado como achou a experiência engraçada, gostou, ainda veio mais  
170 tempo. E então as minhas colegas disseram “Então mas elas já não vem?!  
Agora que estava tudo organizado e estava a correr tão bem?!” Ou seja, é  
172 outra coisa que eu acho que se devia limar porque perde-se um bom tempo na  
organização e depois desaparece. Agora já me perguntaram várias vezes  
174 “Então mas não vem ninguém? Estava previsto mais uma série de pessoas no  
2º semestre!?”. Mas eu acho que o 2º semestre na faculdade começou esta ou  
176 a semana passada.... Entretanto eu ainda não tenho informação sobre se  
vamos ter ou não algum voluntário mas eu já tenho uma lista de alunos, desde  
178 Dezembro.

*Entrevistadora:* Sendo assim, a necessidade de voluntários é superior à  
180 disponibilidade?

182 E3: Sim, houve pessoas que me tinham pedido apoio no 1º período e como já  
184 não havia espaço, não conseguíamos encaixar, e como estava previsto que  
186 viriam mais voluntários agora no 2º semestre, disseram “Não faz mal nós  
188 esperarmos pelo 2º semestre”. Neste momento ainda não sabemos e eu até já  
190 perguntei à Cátia Preguiça mas ela também ainda não conseguiu responder.  
192 Temos uma das voluntárias do 1º semestre que me disse que, mediante o  
194 horário que tivesse este semestre, se calhar não se importava de continuar a  
196 título pessoal voluntário e não inserida no voluntariado curricular  
198 propriamente dito. Lá está!, fora do curricular eu já tive as tais mães, neste  
200 momento não voltei a abrir às mães porque logisticamente para gerir estes  
202 tempos é complicado... visto que este agrupamento tem 3 bibliotecas e 2  
204 professoras bibliotecários, nós estamos sempre a correr. Por exemplo: a esta  
206 hora eu estaria lá em cima na sede mas eu preferi fazer a entrevista aqui em  
208 baixo porque em cima tem muito mais gente, tínhamos que nos enfiar no  
210 gabinete e era menos engraçado. Depois como o voluntariado tem sido feito  
212 aqui, pelo menos a Olga fica a conhecer o espaço que é muito pequenino.  
Esta biblioteca tem à volta de 4000 livros mas não foi só com verbas ... eu tinha  
mil e poucos livros mas os pais acham que é um trabalho interessante e  
contribuíram. Isso também é uma característica referente ao contexto que é  
uma das questões colocadas. Para além do convite que tivemos, e para além  
do local em que nos inserimos que é interessante para a faculdade pela  
proximidade com a mesma, eu penso que também contribui o facto de sermos  
uma escola calma com uma população de estatuto médio, médio/alto (há até  
quem diga que isto parece um colégio privado), com uns pais que apreciam e  
estimulam os miúdos. Eles gostam desta oferta. Imagino quantos outros sítios  
também gostariam, ou até pais com um nível de estudos menos elevado  
concerteza que também apreciariam, não sei, imagino que sim. Mas digamos  
que trabalhar nesta escola é estimulante nesse sentido. Quando a pessoa ouve  
“Então mas não quer ajuda? Então mas não quer?” e acham muito estranho.  
Eu penso “Eu quero, às vezes a escola é que não quer porque não está  
habituada a integrar essa função, as pessoas não estão muito para aí viradas  
ainda.”  
Da minha experiência, o que eu acho sobre o voluntariado em geral, esse que  
tive antes, é que o voluntariado é muito agradável no sentido que nos dá  
visibilidade e credibilidade ao nosso trabalho porque as pessoas apercebem-se  
do que nós fazemos, mas implica que nós tenhamos muita disponibilidade  
porque as pessoas querem também conversar, querem ser apoiadas. Não é  
uma coisa que não me tire tempo porque na realidade tirou-me bastante  
embora tenha tido outras coisas como esse tal *feedback* dos pais que não teria  
de outra maneira. Mas não é assim tão eficaz do ponto de vista de resultados  
efetivos... porque às vezes as pessoas dizem “Nós vamos ajudar, nós fazemos e  
acontecemos” mas depois não é assim...temos que explicar o nosso  
funcionamento, gastamos bastante tempo na supervisão. Foi por isso que eu  
não disse às mães agora, nem o ano passado nem este. Achei que não ia pôr  
toda a gente a funcionar aqui ao mesmo tempo porque eu não teria  
capacidade de gerir isto tudo sabendo que tenho um horário parcial neste  
edifício (1º ciclo) e depois, tenho um horário parcial para fazer na sede. Por

228 isso este ano, tive uma conversa com as voluntárias no início e disse “Vocês  
230 vão ler realmente a plataforma, ver o que está lá no *site*”. E essa foi a função  
da plataforma, para mim foi mais uma função de apoio. Eu sei que elas têm  
232 reuniões lá na faculdade, mas em vez de estar eu a explicar os objetivos e tal,  
tudo aquilo vem bem explicado na plataforma e portanto eu este ano disse  
234 “Concerteza já viram a plataforma, se não viram vão ver e depois dirigimo-nos  
então para um trabalho a pares” que não me vai “gastar” tanto tempo do que  
eu tenho para aqui e mesmo assim tenho que as ajudar a escolher os livros que  
236 poderão ser boas apostas de trabalho com os alunos. Podemos consultar o  
Plano Nacional de Leitura, a lista das metas literárias, porque o PNL nesse  
238 aspecto está muito bem pois está dirigido para «alunos que não têm hábitos de  
leitura», «alunos de leitura autónoma», «leitura orientada»... porque tem uma  
240 certa distinção, uma certa estrutura e um leque de oferta de títulos que  
permite ajustar um bocado às condições. Mas depois tem que se conhecer  
242 bem os livros para tirar partido deles com os miúdos. Elas vinham, não  
gastavam o tempo todo com os miúdos, gastavam algum tempo comigo a  
244 escolhermos que livros é que eu achava que seriam interessantes e que elas  
também gostassem. Porque acho que essa parte é importante: gostar das  
246 obras que se abordam.

Este ano , sendo o 2º ano do programa, tentei que as voluntárias me dessem  
248 mais algum *feedback* dos problemas que estavam a sentir. O que eu sinto que  
elas sentem, é o mesmo problema que eu própria sinto não sendo professora  
250 do 1º ciclo. Elas não são especializadas em leitura e portanto às vezes não  
sabem mais que outras coisas hão-de fazer com os miúdos para os motivar ou  
252 para ultrapassar alguns problemas. Por vezes diziam “Olhe, este miúdo articula  
mal, o que é que eu posso fazer mais?”. O que é que eu fiz: fui buscar livros  
254 que eu própria já usei, deste género de publicações da direcção geral de  
inovação e desenvolvimento curricular (DGIDC), eles publicaram e ofereceram  
256 uma série deles logo no início, que eu sou bibliotecária desde 2009, e estes  
livros vieram nessa data precisamente. Eu li estes livros e a mim foram-me  
258 úteis e a elas também. Eu já emprestei a várias, elas levam para ler porque lá  
está ... o processo de decifração... nós não vamos ensinar a ler não é? mas  
260 estamos a tentar perceber até que ponto conseguimos ajudá-los melhor. Se  
vamos passar só por dar importância à leitura deles e ter tempo para eles, é  
262 uma fase, e depois se conseguimos ensiná-los a uma melhor entoação,  
compreensão do que está lá, ler e depois falar sobre o que estão a ler para eles  
264 fazerem um raciocínio e sedimentarem um bocado aquilo que leram, isso para  
mim já é uma 2ª fase e para elas também. Era o que elas sentiam. Elas sentiam  
266 que precisavam de saber mais e aí a plataforma não vai assim por aí além.

Eu questioneei a Dr.ª Isabel Alçada “O que é que eu posso fazer mais?”.  
268 Eu não me importo até de fazer alguma formação que possa ajudá-las a  
ultrapassar um bocado isso porque elas não são professoras do ensino  
270 especial. Eu penso que o objetivo deste tipo de voluntariado é dar um  
bocadinho de atenção. Um professor com 26 alunos não pode estar a perder  
272 meia hora com cada aluno não é? Se não, não consegue.

Eu usei muito um livro dum contador de histórias de que eu gosto muito e com  
274 o qual fiz uma formação na rede de bibliotecas, que se chama Rodolfo Castro

que é um Argentino que está aí há uns anos em Portugal. Ele tem uma  
276 capacidade de contar histórias que é uma coisa incrível. É autor de um livro  
que se chama “A intuição Leitora a intuição narrativa.” Até ofereci um à 1ª  
278 voluntária o ano passado, porque ele fala muito na entoação, na motivação,  
nessa exploração... um bocado quase na teatralização daquilo que se lê para  
280 que entranhe mais na compreensão dos textos. E eu acho que resulta, há uma  
série de ideias que eu acho que resultam. Porque a leitura não é só uma coisa  
282 mental, a nossa boca, garganta, etc., tudo isto é um instrumento. Às vezes os  
miúdos não se colocam bem, não se posicionam, não descontraem, não  
284 aquecem a voz porque vão ler, não preparam a leitura, e eu acho que esse  
conceito também é importante transmitir. Se eu der uma história para ler, a  
286 pessoa se calhar não vai ler bem à 1ª. Ele insiste muito nisso, que a pessoa faça  
um treino, trabalho de preparação. O ano passado fiz esse trabalho até com as  
288 voluntárias. Para a leitura ser agradável temos que fazer isto tudo 1º.  
Sobretudo na leitura para um grupo. Se a pessoa estiver a ler a par, claro que  
290 eu também imagino que o objetivo do voluntariado curricular não seja  
perfeccionar tanto a pessoa para ter uma leitura fantástica, será uma leitura  
292 “normal”. Mas por exemplo esse tipo de ensinamento também acho... esse  
tipo de prática, de treino, também acho interessante.

294 *Entrevistadora:* A biblioteca escolar e escola têm metas definidas ao participar  
pelo 2º ano no projeto?

296 *E3:* Eu acho que está a ser positivo porque as pessoas continuam a querer. Já  
vamos no 4º semestre e eu tenho ali uma lista.

298 Nós fazemos promoção da leitura para além do voluntariado. É esse o meu  
trabalho e, por exemplo, o de um colega que este ano está a trabalhar comigo.

300 As metas aqui concretamente é que todos os alunos levem livros de forma não  
obrigatória, e que trabalhemos com todas as turmas na medida em que elas  
302 nos solicitem ou que nós tenhamos capacidade para propor. Porque às vezes  
não conseguimos. Não conseguimos estar a fazer sempre tudo a toda a hora.

304 Ainda por cima se eu só tivesse esta escola, mas como tenho esta e mais um  
bocado de outra, é o que eu tenho conseguido fazer... portanto as 2 metas  
306 principais para nós são essas. Que todos tenham acesso ao espaço, que haja  
aqui uma oferta onde eles podem vir autonomamente, independentemente de  
308 que a professora venha ou não venha com a turma. E para isso os intervalos  
têm que funcionar. Eu não vou ao intervalo, eu nunca consigo ver as minhas  
310 colegas no intervalo, mas para eu poder abrir o intervalo da manhã e o da  
tarde, não há outro remédio. Eu não tenho funcionária, aqui não há ninguém.

312 Aquela jovem que entrou para pôr o saco do lixo, está aqui meia hora de  
manhã com alunos que se atrasam mas para a biblioteca é quase nada, como  
314 limpar o pó... Todo o trabalho que é desenvolvido aqui é só comigo ou com  
algum colega que esteja cá a colaborar, como este ano. Portanto as duas metas  
316 principais são apoiar o desenvolvimento curricular das colegas e proporcionar  
individualmente aos alunos esta oportunidade. Geralmente chegamos ao fim  
318 do ano com os 400 alunos a terem vindo todos à biblioteca. Cada aluno tem  
uma ficha individual onde eu registo os livros que eles levam e eu sei que no 1º  
320 período emprestei 1000 e tal livros, e que no final do ano emprestei 3000,  
2000 e tal. Eu faço as fichas e um apanhado do empréstimo. Cada turma tem

322 um dossier, cada menino tem uma ficha. (visualização de um dossier para  
exemplificar) Este aqui é o do 1ºD e os meninos já levaram isto tudo. Aqui por  
324 exemplo temos um menino que estragou um livro e está em conflito consigo  
próprio e não me traz o livro, não ata nem desata, pronto!(risos) Tive meninos  
326 que já levaram 30 livros, tenho outros que levaram 3 ou 4. Mandamos um  
termo de responsabilidade aos pais no início do ano, em como eles aceitam e  
328 se comprometem a entregar os livros em bom estado. Isto é teórico porque os  
livros degradam-se a uma velocidade doida porque não param nas prateleiras.  
330 E os meninos levam muitos. Estas são as duas grandes metas.

*Entrevistadora:* Considera que a rede de voluntários cumpre a sua missão? Já  
332 vimos que não, pelo menos em termos dos *timings*...

*E3:* O aspeto dos *timings* é complicado. Como tudo na vida, é muito melhor  
334 que exista do que não exista. Nós já achamos que é muito bom que se tenha  
conseguido organizar um serviço deste tipo, agora... eu estava até a tentar  
336 reler sobre o que vem descrito como sendo a missão do voluntariado, para  
responder melhor a essa questão...

338 No entanto, posso dizer que acho que seria interessante, e eu penso que  
também está na plataforma virtual um espaço para as escolas se registarem  
340 como parceiras e penso que tinha de ser negociado à partida, melhor, esse  
entrosamento de horário onde o voluntário poderia exercer a sua actividade  
342 na escola. Se isso fosse mais estudado, pensado mesmo em termos de horas e  
em termos também de adaptação dos 2 semestres em relação aos nossos  
344 trimestres.

Uma das minhas dúvidas era se o seu trabalho incide apenas sobre o  
346 voluntariado curricular?

*Entrevistadora:* Não. É sobre o projeto *Voluntários de Leitura* no geral.  
348 Portanto, envolve também o voluntariado daquelas mães de que há pouco  
falava. No caso desse tipo de voluntários talvez já não se colocasse o problema  
350 dos *timings*, embora a supervisão fosse sempre necessária... até porque não  
existe uma forma só de ensinar a ler.

352 *E3:* Sim. O conceito de promoção da leitura é um conceito que não é muito  
fácil. Eu já tive a oportunidade de ter sessões no curso que fiz na Católica, com  
354 a professora Cristina Taquelim de Beja e ontem reli um projeto da América do  
Sul, um banco de leitura muito bem organizado, e o conceito de promoção de  
356 leitura não é claro e isso vem bem expresso. Há mais o conceito de animação  
do que o de promoção. E a passagem do que para mim é a compreensão, é  
358 mais do que a decifração. Uma abordagem mais elevada para permitir que eles  
atingam outros patamares de compreensão.

360 *Entrevistadora:* Para um cenário ideal, os voluntários teriam de ser talvez em  
maior número?... Constata que em quantidade os voluntários têm  
362 acompanhado a necessidade?

*E3:* Quanto ao nº de voluntários houve crescimento. O ano passado tivemos  
364 um em cada semestre e este ano eram para ser 4 e o 4º visto que havia tantos,  
ele ficaria para o 2º semestre, portanto vieram 3. E agora estávamos dispostos  
366 a aceitar outros 3 ou o que viesse. Estava tudo já mais mentalizado. Refletindo,  
este ano, perdi um pouco os outros voluntários. A ligação à comunidade é  
368 muito importante e difícil de cativar, e é por exemplo um dos itens de



avaliação no modelo de avaliação de bibliotecas escolares que a rede nos  
370 impõe, e o ano passado quando respondi à pergunta, parecia que não tinha  
372 ligação nenhuma à comunidade quando até já tive bastante e deixei de ter  
para ficar disponível para estas voluntárias. E pensei que assim não está bem.  
374 Tenho que voltar outra vez atrás ou pelo menos conjugar as duas coisas.  
Eliminaria este interregno e não ficaria sem ninguém caso não haja voluntários  
376 curriculares. No entanto, às vezes até o próprio espaço tem influência. Repare,  
eu só tenho esta sala e este ano tenho o colega a colaborar e às vezes as  
378 voluntárias tinham de ir com os meninos para a sala dos professores ou a sala  
anexa à direcção, não tinham um sítio para estarem com os miúdos sem serem  
interrompidas. Não vão estar aqui com o miúdo e eu ali a fazer uma animação  
380 para uma turma inteira porque não dá. O barulho perturba a concentração.  
Precisamos mesmo de espaço, não temos gabinetes. Tentei organizar e ter um  
382 espacinho pequeno mas como elas já tem um horário muito limitado em  
oferta, nós temos uma oferta também limitada no sentido em que tem de ser  
384 entre as 9h e 16h, e também tinha que ser uma hora em que, nem eu nem o  
meu colega aqui estivéssemos a trabalhar. Essa gestão de tempo e espaço, não  
386 é assim tão fácil. Os miúdos depois distraem-se. Nós já experimentámos fazer  
com 2 de cada vez, um lê um bocado, outro lê outro, vão-se ouvindo, também  
388 não é mau com 2...é diferente.

*Entrevistadora:* Os colaboradores do projeto são?

390 *E3:* Depende de quem se considerar, se directa ou indirectamente, mas sou eu  
e os professores na medida em que libertam os meninos da sala. O que  
392 também cria alguns problemas e tivemos uma situação em que o professor  
resolveu dizer “Ah, tu hoje portaste-te mal, não vais!” Nesse caso fui obrigada  
394 a conversar com o professor para que percebesse que se as raparigas vêm para  
fazer um serviço de voluntariado pensam que vão ter o miúdo disponível, não  
396 é? O voluntariado não é um castigo nem um prémio. Foi só um caso é certo.  
Nem tudo é fácil. Claro que a direcção também colabora no sentido em que  
398 acha que sim, é um bom projeto.

*Entrevistadora:* A função da plataforma digital?

400 *E3:* Embora eu não tenha entrado, como eu penso que muita gente pode  
entrar, na plataforma para me inscrever e pedir voluntários, foi um bocadinho  
402 ao contrário no meu caso, foi perguntarem-me se eu queria, mas eu acho que  
o fato de haver uma plataforma organizada com essa possibilidade, facilita.  
404 Não há-de ser fácil para quem está mais longe. Mesmo cá em Lisboa há  
pessoas que se queixam de que as pessoas se oferecem para estas escolas que  
406 estão bem situadas e posicionadas mas que não querem ir para outros sítios.

*Entrevistadora:* Quais os indicadores do progresso dos meninos  
408 acompanhados?

*E3:* Eu para responder a essa questão tinha enviado por *e-mail*, um pedido de  
410 resposta por parte das minhas colegas e obtive algumas respostas. Uma das  
colegas referiu como indicadores “Mais segurança nas actividades em sala de  
412 aula e maior gosto pela leitura recreativa”.

Não há assim uns indicadores altamente científicos. Já tivemos aqui pessoas a  
414 fazer teses ligadas mesmo à competência leitora em que vi medirem por  
exemplo a velocidade de leitura. A professora numa 1ª fase fez determinadas

416 leituras com tempos e textos diferenciados, passado X tempo voltaram a  
repetir. O que vemos em alguns estudos como o nº de palavras por minuto,  
418 não é feito pelas minhas colegas. Aqui é mais a observação do que acontece  
que é vê-las ler melhor, terem vontade de ler em voz alta (que uns não têm  
420 porque quando não sabem ler nunca se oferecem para ler, têm vergonha) e  
portanto a resposta delas ilustra de alguma maneira o sentimento geral.

422 Uma dica que demos aqui às voluntárias foi exactamente que os  
entusiasmassem para eles treinarem aqui bem connosco e depois  
424 apresentarem o livro à turma. Eu vi elas concretizarem isso e eles ficavam  
contentes. Há aliás uma menina que vem aqui nos intervalos e como quer ler,  
426 põe-se a ler em voz alta para os outros. Ela nunca fazia isso. Agora sente-se  
mais segura.

428 Também questionei sobre as expectativas quanto ao impacto do projeto no  
desenvolvimento da competência de leitura. Duas colegas responderam:  
430 mudança de atitudes. E quais os 3 pontos básicos em matéria de promoção de  
leitura? As colegas responderam: apresentação das leituras feitas no sentido  
432 de partilha; aumentar o poder de síntese na escrita e na oral; aumentar  
segurança na capacidade de apresentação de trabalhos perante o público. Por  
434 último, qual o grau de satisfação? As colegas responderam estar muito  
satisfeitas. E uma delas é o 1º ano que está nesta escola. O quadro de pessoal  
436 não tem normalmente muitas alterações e se muitos gostam isso acaba por  
gerar uma certa expectativa em todos. Esta colega já me colocou até uma  
438 pergunta, na sequência do encaminhamento de outros projetos para a escola,  
que foi a do porquê existirem tantas possibilidades de projetos aqui. Isto dito  
440 com orgulho e vontade de participar. A minha resposta foi que penso ser  
porque demonstramos vontade. No conjunto o espaço, a comunidade, os  
442 docentes e não docentes, criam boas condições.

A minha função enquanto professora bibliotecária permite-me ter um  
444 relacionamento interessante com os meninos. Este ano eu tenho uma turma  
de educação visual mas esta é uma função que dá pano para mangas e ter uma  
446 turma corta-nos o tempo e não rende. Pensei que iria ter saudades de dar  
aulas mas não porque aqui (na biblioteca) os alunos aderem muito bem e tem-  
448 se um relacionamento diferente com eles.

São coisas que exigem tempo, exigem entrosamento com os professores e  
450 muitas das coisas que se combinam não são apenas em reuniões formais,  
também são em informais como estas respostas que obtive por *mail*. Há  
452 tarefas que acabam por demorar mais tempo como o catálogo digital em que  
já tenho metade da coleção digitalizada mas não consigo ter tempo para o  
454 terminar. Às vezes as voluntárias, se ficavam sem meninos, ajudavam a colocar  
as etiquetas e ficavam também com umas noções de biblioteca. Havendo  
456 homogeneidade aqui, os miúdos que vêm à biblioteca escolar sabem  
movimentar-se na pública. No momento temos um carimbo com a indicação  
458 do livro e tenho turmas que já sabem fazer o registo sozinhas. O nosso objetivo  
é que eles aprendam a usar as bibliotecas, no geral, de forma autónoma. Eu  
460 vou às turmas do 1º ano e explico aos pais que para mim é muito importante  
que eles dêem autorização para que os miúdos levem os livros em empréstimo  
462 domiciliário porque assim ganham responsabilidade, ganham o hábito de vir e

464 escolher aquilo que eles querem. Eu não digo “Não leves esse!”. Fiz também  
um cartaz até, no âmbito da disciplina de preservação da coleção, que originou  
466 um jogo. O cartaz sensibiliza para a preservação do livro porque por vezes os  
livros misturam-se com o lanche ou com as garrafas de água. Baseei-me nas  
468 regras da IFLA. A RBE por ocasião de um projeto, deu-nos uns sacos e nós  
tentámos que eles tivessem um saco próprio para os livros mas não tínhamos  
470 suficientes. O ano passado com base neste tema, fizemos um jogo em que eles  
tinham de fazer a correspondência das imagens às regras de preservação.  
472 Acho que esta função é muito engraçada. São inesgotáveis as possibilidades de  
trabalho e o tempo nunca sobra. Quatro mil livros por catalogar, quando se  
474 conseguem 20 numa tarde, é algo moroso. Principalmente porque fazê-lo em  
detrimento das actividades de promoção/animação de leitura é  
476 questionável. Tenho professores que me dizem que seria bom ter o catálogo  
mas outros preferem muito mais as actividades.  
Pronto, não sei se a consegui ajudar?  
478 *Entrevistadora:* Sim e muito, obrigada. O objetivo duma entrevista é mesmo  
conversar.

AUTORIZAÇÃO E4

---



Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada “A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura”.

O Entrevistado

  
\_\_\_\_\_

Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada “A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura”.

O Entrevistado

Sónia Duarte Figueira

## AUTORIZAÇÃO E6

### ENTREVISTA AO COLABORADOR 4. 5. 6.

**Entrevistada 4, entrevistado 5 e entrevistada 6 ou E\_4.5.6. – Nível 6/ Funções de docentes com cargos nos órgãos de gestão do Agrupamento de Escolas D. Filipa de Lencastre/ Entrevista coletiva semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada no dia 16 de fevereiro de 2016, no gabinete da direção do agrupamento de escolas D. Filipa de Lencastre, pelas 16h com a duração de 33'07".**

1 E4.: Boa tarde! Vamos ver se somos as pessoas mais indicadas para responder  
3 às suas questões uma vez que só este ano é que estamos na direção da escola...

Entrevistadora: Boa tarde! Com certeza que sim. O meu propósito ao pedir  
5 esta entrevista, é analisar o projeto *Voluntários de Leitura* para efeitos da  
7 minha tese de mestrado em Gestão de Sistemas de *e-Learning* que estou a  
9 finalizar na faculdade de ciências sociais e humanas da universidade nova de Lisboa. Começo então por pedir que reflitam sobre a metodologia de  
11 implementação do projeto e se evoluiu desde o início até hoje?

E5.: Bem, este projeto só existe na escola há dois anos. Não creio ter existido  
13 alterações. A forma como funciona por parte da direção da escola é acolher as  
15 voluntárias do projeto que são alunas e têm este projeto no seu currículo de  
17 discentes, mas a partir daí são os docentes que indicam quais os alunos que  
19 têm mais dificuldades na leitura. A professora Graça é quem tem os contatos,  
20 quem acompanha as raparigas e quem recebe as indicações por parte da  
22 universidade.

E4.: O procedimento é o seguinte: a professora bibliotecária (Graça Caldeira)  
24 explica em que consiste o projeto durante o Conselho de Docentes que se  
26 realiza no início do ano letivo, e após essa explicação questiona os docentes  
28 presentes se estão interessados em participar. Quem está interessado indica o  
30 nome das crianças que eventualmente necessitariam do reforço de leitura, e a  
32 professora Graça fica com a lista de alunos. Consoante os voluntários que mais  
34 tarde forem atribuídos à escola, assim será dada resposta aos alunos e  
36 professores.

Entrevistadora: Assim sendo, tendo em conta que a escola considera  
importante a participação neste projeto, ela define metas específicas para a  
promoção da leitura, por ano, por ciclo...?

E5.: Quer dizer... a escola considera interessante este tipo de atividades mas a  
leitura não é propriamente uma área que deva ter objetivos específicos para si,  
logo as metas relativas a ensinar a ler para além do programa curricular que já  
está estabelecido, aqui, não aparecem explícitas em nenhum plano.

E4.: Sim pois, concordo. O contexto em que a escola está, em que de uma  
forma geral, crianças e famílias têm contacto com os livros de forma regular,  
faz com que isso não seja algo prioritário. Não existem portanto, metas anuais  
por detrás das atividades de leitura. É natural e comum, os miúdos poderem  
fazer empréstimos de livros na biblioteca, esta estar aberta nos intervalos e à  
hora do almoço, para permitir o acesso de todos, e a realização da semana da  
leitura já é um hábito na escola.

38 *Entrevistadora:* Os colaboradores no projeto são portanto, por um lado, a  
40 comunidade escolar e, por outro, as voluntárias que fazem a mediação de  
leitura com as crianças. Consideram que a rede de voluntários nesta escola  
42 cumpre, em quantidade e qualidade, o seu propósito ou seria bom que mais  
voluntários também ajudassem?

44 *E5.:* Bem as voluntárias que integrámos na escola creio que foram as  
possíveis...não entendo bem a questão? Poderiam ser outras mais?...

46 *Entrevistadora:* Falo de abrir o leque de voluntários e receber não só alunos  
cujo voluntariado faz parte da oferta curricular, mas o cidadão comum.

48 *E5.:* Ah! Isso é complicado sabe. Temos de ter a certeza de que quem vem  
apoiar o papel dos professores, tem competência para o fazer. Não podemos  
50 ter pessoas que não estão habituadas a ensinar a ler ou a lidar com estas faixas  
etárias, a estar no espaço escola e de certa forma a representá-la sem que seja  
52 minimamente conhecedor e sem ter a nossa aprovação. A escola não podia  
permitir isso e seria difícil de justificar perante os pais.

54 *Entrevistadora:* Bom, claro que a decisão seria da escola. O projeto prevê uma  
seriação dos que se propõem a voluntariado e a escola teria uma palavra ao  
56 definir os seus critérios para a escolha.

58 *E5.:* Nesse caso, sim. Se encontrássemos voluntários da comunidade com o  
perfil adequado a que se integrassem na escola sem levantar problemas, então  
poderíamos fazer mais atividades.

60 *E4.:* Aquilo que posso constatar, é que no 1.º semestre as três voluntárias  
fizeram um trabalho muito interessante e miúdos e docentes deram um bom  
62 *feedback* do que foi alcançado. Só pode significar que as voluntárias que  
participaram foram suficientes... Além disso, sendo uma comunidade escolar  
64 onde ler acontece sem grandes entraves, não vemos necessidade em ter mais  
voluntários que os que nos cabem.

66 *Entrevistadora:* Quais os indicadores do progresso do leitor acompanhado  
pelas voluntárias, e como é seguido esse progresso?

68 *E5.:* Como não existe um espaço próprio para fazer a leitura com as crianças,  
eu via que usavam a sala de trabalho dos professores, a sala de docentes ou a  
70 biblioteca, quando esta não estava em funcionamento. Quando estavam aqui  
ao lado, eu percebia que eles ficavam entusiasmados, que liam em voz alta  
72 sem terem vergonha.

Relativamente ao *feedback* dos docentes com meninos apoiados, este é dado  
74 na reunião de final de ano e nos relatórios de cada um, onde consta que foi um  
projeto interessante e com resultados para as crianças que por assim dizer,  
76 desabrocharam para a leitura.

78 *E4.:* Faz parte das tarefas da direção, avaliar todos os projetos da escola no seu  
conjunto e deste fazemos um balanço positivo daí considerarmos ser um  
projeto para se manter. É muito satisfatório.

80 *E6.:* No caso falado há pouco, de existirem outros voluntários, a existência de  
mais recursos seria um apoio facilmente aproveitado por quem sabe ler e está  
82 num nível confortável de leitura. Os outros meninos, que não apenas os que  
têm maiores dificuldades, também gostariam de ter esses momentos de  
84 leitura.

*Entrevistadora:* Que vantagens reconhecem na plataforma digital do projeto?

86 E5.: Com a plataforma digital não temos contato. Essas questões mais práticas  
são todas com a professora Graça.

88 Entrevistadora: Quais são expectativas quanto ao impacto do projeto no  
desenvolvimento da competência leitora dos alunos da escola?

90 E5.: Expectativas quanto à competência leitora...bem, a leitura está na base de  
tudo. A escola tem por objetivo explorar uma obra por semestre e tem  
92 conseguido fazê-lo. Até porque a existência de um reforço individualizado é  
muito benéfico pois numa turma com mais de 20 alunos, quando o professor  
94 vai pedir leitura em voz alta, caberá um pequeno trecho a cada aluno e isso  
pode tornar-se insuficiente. A par disso, são importantes as atividades de  
96 dramatização de livros que fazemos assim como a sensibilização a que se  
cuidem dos livros para que outros também os possam ler.

98 Entrevistadora: Por último, gostaria que me definissem o grau de satisfação de  
cada um dos presentes quando a promoção da leitura acontece.

100 E5.: Como definimos a nossa satisfação?

E6.: Quando acontece, por exemplo, como quando se realizou a semana da  
102 leitura aqui na escola? Eu o ano passado adorei. Tive hipótese de ter uma  
ilustradora na sala de aula a fazer ilustração com os miúdos, coisa que, se não  
104 tivesse se calhar uma biblioteca na escola, se não tivesse aquela professora  
bibliotecária, se ela não tivesse a rede de contactos que tem, se não fosse  
106 bibliotecária há tanto tempo, eu nunca teria uma ilustradora com aquele nível,  
essa possibilidade e de construir...eles construirão uma história e ela contar a  
108 sua experiência enquanto ilustradora. Foi muito giro. Portanto, eu acho que a  
leitura está na base de tudo e é mentira essa coisa que os miúdos só querem  
110 ler nos *iPads* e só querem ler no computador. A minha experiência diz que isso  
é mentira. Nada disso, os miúdos adoram livros. Adoram banda desenhada,  
112 adoram revistas, eu tenho um que me leva todos os dias o jornal do *Metro*!  
Exatamente. Eu pergunto “Então do que é que é hoje o jornal?”, e ele lá me  
114 diz. Portanto, apanha (o jornal) e entretanto vem contar. E tudo isto aumenta a  
capacidade leitora deles, e de interpretação e compreensão.

116 E5.: A leitura é a base da matemática. Muitas vezes a dificuldade de  
interpretação tem a ver com uma lacuna de decodificação em que se os  
118 miúdos não a chegam a ultrapassar, terão dificuldade nas matérias todas.

E4.: Também. Deixa-me muito satisfeito.

120 E5.: Eu concordo com o que a professora Margarida disse. A semana da leitura,  
o facto de haver a biblioteca, a colega bibliotecária que, além da rede de  
122 contactos que tem, tem uma disponibilidade que nós enquanto professores  
titulares não temos porque «é o corre corre da turma», às vezes até temos as  
124 ideias mas nem sempre as conseguimos concretizar, é uma mais-valia que  
temos.

126 E6.: E às vezes quando nos esquecemos, ela chama-nos, o que também é bom.

E4.: Exato.

128 E5.: Como sabemos que temos um horário pré-definido por turma já sabemos  
que “Olha, temos de ir.” Nem é por mal. Mas assim já sabemos que ela lá  
130 estará para nos incentivar. E depois dos miúdos engrenarem neste processo,  
são eles próprios que já não nos deixam esquecer, e eles próprios que “Ah!  
132 Hoje temos que ir à biblioteca!”. E mesmo em termos dos horários, dos



recreios, eles decoram tudo e sabem quando podem ir e quando não podem.

134 *E4.:* Sabem quais as turmas e quando é a vez de eles irem ou não.

*E6.:* E tornam-se responsáveis, pelo menos na minha turma, na entrega e não

136 danificam.

*E5.:* Sim não temos grandes casos de estragos de livros.

138 *E6.:* A nossa árvore de natal este ano também foi feita com livros e depois

foram trocados entre eles e eu acho que foi mais uma forma de despertar.

140 Entrevistadora: Bem visto, não é prioritário mas é?

*E6.:* Claro que é prioritário! Eu acho que no sentido deste projeto das

142 estagiárias, quando se fala em metas específicas, é que é mais no sentido de

cumpirmos o que está estipulado.

144 *E4.:* Sim, as rotinas e hábitos existem mas não foram criadas porque havia um

problema da leitura. Foram criadas porque a escola tinha possibilidade de

146 oferecer e porque os miúdos correspondem.

*E6.:* Não temos aqui diversas nacionalidades como acontece noutros bairros,

148 aqui são todos lisboetas a maioria, tudo centro de Lisboa portanto é

homogéneo e mais fácil.

150 Entrevistadora: E com as voluntárias? Têm sido raparigas, certo?

*E5.:* Sim. Porquê? Acha que os rapazes não são muito dados à leitura? (risos)

152 Entrevistadora: Não! Não é a leitura, é mais não serem tão sensíveis à área

social talvez.

154 *E5.:* Pois eu sei. Se fosse um projeto de informática por exemplo, aí seriam só

homens!

156 *E6.:* A propósito, ainda não falámos do projeto do Hélder... Temos um

professor de música, resolvemos juntar a música à biblioteca e de 15 em 15

158 dias ele faz composição musical. O primeiro livro que trabalhamos no 1.º

período foi “A arca do tesouro”, no 3.º ano, e consistiu em fazer música para

160 esse livro através de sons feitos por eles.

*E4.:* Está muito engraçado. Está publicado na rede interna da escola e

162 mandámos para os pais.

*E6.:* No 2º ano também e no 4.º ano faz coro. Isso também é uma outra forma

164 de abordar a leitura. Eles próprios fazem a leitura, foi gravada a voz deles, e

depois acompanham com sons de instrumentos para dar ênfase à história.

166 Habitua-se também à exigência, a estar, ao rigor.

*E5.:* Não pode haver barulho porque estão a gravar.

168 *E6.:* Porque os ouvidos de um músico são exigentes. Eu nem sei como é que os

senhores conseguiram (risos), mas conseguiram e foi muito importante.

170 Entrevistadora: Aquilo que ia perguntar em relação às voluntárias era se os

meninos fizeram alguns comentários?

172 *E6.:* Está a falar em relação à relação afetiva que é importante para o resultado

da leitura? Eu se calhar não sou das melhores pessoas para responder porque

174 o ano passado iniciei mas depois havia outras colegas... Nós damos sempre

prioridade, lá está, a miúdos que têm ainda dificuldade na leitura e eu depois

176 desisti. Em duas ou três sessões não dá para ter noção.

*E5.:* Sim mas se o *feedback* das professoras está a ser bom, é sinal que os

178 miúdos também estão a gostar. Na reunião mencionaram que estava a correr

lindamente e se eles não estivessem a gostar não queriam ir.

- 180 *Entrevistadora:* As minhas questões guia estão esgotadas mas se pretenderem  
acrescentar mais alguma ideia que não tiveram oportunidade, estão à vontade.
- 182 Não tendo, preciso dos vossos dados de caracterização – habilitações e  
conteúdos da vossa função.
- 184 E6.: professora do 1.º ciclo, coordenadora do departamento de 3.º ano e  
licenciada, Margarida Goulão.
- 186 E4.: José Pinto, professor sem turma, adjunto na direção, apoio pedagógico  
acrescido ao 4.º ano, licenciatura.
- 188 E5.: Sónia Mouta, professora 1.º ciclo, coordenação de escola, apoio a alunos  
do 4.º ano e 2.º, licenciatura.
- 190 *Entrevistadora:* Muito obrigado pelo vosso tempo.

AUTORIZAÇÃO E7



Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada “A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura”.

O Entrevistado

## ENTREVISTA AO COLABORADOR 7.

**Entrevistado 7 ou E7\_Nível 6/ Especialista do CITI no projeto *Voluntários de Leitura*/ Entrevista semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada a 18 de Fevereiro de 2016, pelas 13,30h, no CITI da faculdade de ciências sociais e humanas da universidade nova de Lisboa, com duração de 39'35''.**

1 *Entrevistadora:* Boa tarde. O objetivo da minha tese é analisar a massa crítica  
do projeto *Voluntários de Leitura*. Sendo massa crítica o que o envolve, a  
3 estrutura, as pessoas, o espírito. O que não é muito fácil dada a extensão. Além  
disso, por altura da licenciatura enveredei pela metodologia dos questionários  
5 e agora achei interessante utilizar uma metodologia mais qualitativa. Para isso,  
optei por identificar um representante de cada área e entrevistar. Indicaram o  
7 Dr. Luis como especialista do CITI envolvido neste projeto e talvez  
começassemos exatamente por aí, explicando qual a sua colaboração no  
9 projeto.

*Entrevistado 7:* Eu entrei neste projeto precisamente quando foi necessário  
11 esboçar uma plataforma que fizesse toda a gestão do voluntariado, ou seja, do  
ponto de vista informático porque começámos a perceber que poderíamos  
13 chegar a uma situação em que teríamos tantos intervenientes em que se  
tornaria impraticável uma gestão manual, ou seja, em que se exigia muita  
15 intervenção humana para fazer contatos, selecionar e inscrever pessoas, etc.  
Nós neste momento temos 2000 e tal inscrições do ponto de vista absoluto, e  
17 como deve calcular se as inscrições fossem manuais, se a pessoa tivesse de se  
dirigir a um determinado sítio para se inscrever, alguém tivesse que reunir e  
19 depois as escolas procurarem sem saber da existência desses voluntários, esses  
voluntários perceberem que há uma hipotética escola mas não saberem se ela  
20 está disponível... portanto, foi preciso elaborar um desenho duma aplicação  
informática para fazer a gestão de todo o voluntariado. Neste momento o  
22 voluntário inscreve-se, pertence a uma base de dados onde as escolas também  
inscritas percebem que voluntários é que existem na sua área de residência e  
24 mediante as suas preferências selecionam os voluntários, e os voluntários  
depois, mediante uma entrevista, são ou não (à partida são)... passam então a  
26 prestar um voluntariado e há diversas etapas que devem ser cumpridas em  
todo o percurso até que o voluntário deixa de prestar voluntariado numa  
28 determinada instituição. Não só as escolas mas também as bibliotecas  
públicas, hospitais etc. Existe uma panóplia enorme de instituições que podem  
30 abarcar o voluntariado. A minha prestação específica foi portanto planificar e  
desenvolver toda a arquitetura de informação da plataforma que veio a ser  
32 desenvolvida. Atualmente presto também o apoio e basicamente prende-se  
com isso. Portanto, concetualizar e desenvolver a arquitetura de informação  
34 que depois é sujeita posteriormente ao *design* e à programação. Portanto  
digamos, é a tarefa inicial e se calhar a mais preponderante porque é a partir

36 dali que entram depois as outras camadas de colaboração de informação em  
cima desta.

38 *Entrevistadora:* Logo no início basearam-se nalgum modelo existente?

E7: Não dava para nos basearmos num modelo porque os registos eram muito  
40 específicos e quando assim é o que se tem que fazer é começar por identificar  
42 todos os intervenientes, o que é que cada um vai necessitar de fazer na  
plataforma, consultar obviamente os chamados *stakeholders* portanto todas as  
partes interessadas no processo, ouvir a RBE e ver que tipo de intervenção é  
44 que eles têm de ter na plataforma e perceber quais as suas necessidades em  
relação à gestão do voluntariado, o que é que eles esperavam ter como  
46 funcionalidades previstas e disponíveis. Do ponto de vista dos voluntários,  
como são a parte que menos intervenção tem do ponto de vista da plataforma,  
48 ou seja são um pouco mais passivos na medida em que eles inscrevem-se mas  
depois eles não têm... só têm depois que responder basicamente a pedidos,  
50 não foi tão pertinente ouvir potenciais voluntários porque nós tínhamos à  
partida uma cadeia de seguimento onde podíamos prever com facilidade  
52 aquilo que eles poderiam ou não fazer. Depois do ponto de vista das escolas  
também têm uma formatação muito restrita e não foi necessário ouvi-las mas  
54 fomos sempre afinando o processo desde a concetualização até à própria  
56 implementação, e depois posteriores alterações que embora tendo sido  
pouquíssimas, foram sempre necessárias fazer. Daí esta função ser também  
58 primordial porque quanto mais trabalho futuro houver, mais ineficaz se torna a  
plataforma num 1º instante. Daí o trabalho de arquitetura de informação ser  
60 preponderante e evita sobretudo custos futuros e constrangimentos, neste  
caso, numa plataforma informática.

62 *Entrevistadora:* Desde essa altura em que ela foi lançada até agora, há então  
uma evolução?

64 E7: Como disse existem uma ou duas correcções e a determinada altura, creio  
eu que após o 1º ano vencido do projeto, fizemos um balanço e percebemos  
66 que existiam determinado tipo de requisitos que não estavam previstos e que  
era preciso implementar, e também porque começámos a abrir o leque para  
68 outras instituições e foi preciso desenvolver a interface de interação para essas  
outras instituições que não estavam previstas. Depois, também com a entrada  
70 do voluntariado curricular, ou seja, os alunos passaram a poder completar os  
créditos, os ECTS, com o voluntariado, ou seja o voluntariado passou a fazer  
72 parte da oferta curricular, também tivemos que desenvolver um formulário de  
inscrição. Mas não interfere diretamente na plataforma de gestão do  
74 voluntariado, trata-se apenas de receber inscrições.

*Entrevistadora:* Acha que o contexto também alterou?

76 E7: O contexto... como assim?

*Entrevistadora:* A sociedade, a recetividade?

78 E7: Há pequenas oscilações, mas nós não temos notado muita diferença no  
número de inscrições, no voluntariado e nas escolas. No início notava-se do  
80 ponto de vista social, que o contexto sócio económico ditava alguma  
resistência por parte dos professores. Estamos a falar da época de pré queda  
82 do governo, um clima de instabilidade muito grande, os professores sentiam-se  
muito angustiados e nessa altura, como não havia a plataforma e mesmo no

84 princípio da plataforma, não sabiam muito bem como é que haviam de fazer a  
gestão e daí termos centralizado depois na RBE e mais tarde nos  
86 coordenadores inter-concelhios das bibliotecas escolares, os chamados CIBE.  
Portanto, tivemos que concentrar nestes porque do ponto de vista sócio  
88 económico as coisas não estavam fáceis, os professores estavam muito  
descrentes, e então concentrámo-nos nos professores bibliotecários sobretudo  
90 nos coordenadores inter-concelhios, esses que tinham uma capacidade de  
atração e de alguma forma de sedução da própria rede. Tiveram eles um papel,  
92 e passaram a partir daí a ter um papel fulcral na dinamização e dar alguma  
solidez também ao projeto. Em termos de contexto terá sido aquilo que foi  
94 porventura mais notório.

*Entrevistadora:* Portanto a estrutura neste momento.... Funciona como o  
96 projeto?

*E7:* A gestão global do projeto é no CITI, a gestão técnica passa pela minha  
98 supervisão, a gestão diária de todo o tipo de assuntos relacionados com o  
voluntariado, passa pela Dra. Cátia Preguiça, a coordenação da parte da RBE  
100 que nos presta o apoio em toda a cadeia das bibliotecas escolares é feita pela  
própria RBE que concentra na Dra. Carla Fernandes as suas funções e que  
102 depois as redistribui, contata diretamente por vezes os coordenadores inter-  
concelhios os tais CIBE. Esses sim, têm depois uma estratificação de concelhos  
104 a cargo de cada um. Cada CIBE, como o próprio nome indica, sendo inter-  
concelhio quer dizer que pode abarcar várias escolas de vários concelhos. Nós  
106 implementámos essa solução à relativamente um ano e pouco em que os CIBE  
passaram a ter um acesso e embora não podendo fazer a agregação, que é um  
108 processo que nós delineamos de início... portanto a agregação é quando a RBE  
destaca um voluntário para uma determinada escola, a escola demonstra a sua  
110 necessidade. Se coincidir... isto está tudo delineado de uma forma  
semiautomática. Mediante as preferências do voluntário, se coincidirem as  
112 preferências com os requisitos de uma determinada escola, eles fazem um  
*match* ou uma coincidência de interesses, e depois basta a escola ir  
114 consultando quantos voluntários possíveis é que existem com aquele interesse.  
Se for dentro da sua área de influência basta fazer quase um OK para ser  
116 despoletado o processo todo: o voluntário recebe uma mensagem automática  
a dizer que a escola manifestou interesse, a perguntar qual é o horário possível  
118 para reunião, etc., marcam uma reunião, a partir da reunião, se aprovado,  
começa o voluntariado. A agregação é a parte final, ou seja, após a reunião...  
120 ela começa com o 1º contacto da escola e a aceitação de reunião pelo  
voluntário, é confirmada no final. A partir da reunião, há um estado que é  
122 modificado e esse estado passa a designar o voluntário como agregado a  
determinada escola quer dizer que ele a partir do dia X passou a estar na  
124 escola Y a prestar voluntariado até uma data que depois a escola vai definir.

*Entrevistadora:* E essa função é do CITI?

*E7:* Essa função, a função de agregação está, para nós CITI com outras  
126 organizações e bibliotecas municipais e para a RBE em toda a rede de  
bibliotecas escolares. Portanto a RBE coordena todas as bibliotecas escolares,  
128 recai sobre a RBE esta função. Sobre o CITI, são todas as outras organizações.

130 Estava a falar há pouco dos CIBE, o coordenador inter-concelhio tem então

esse digamos um painel, um interface, onde consegue consultar para os seus  
132 concelhos, somente para os seus concelhos, o que é que está a acontecer em  
determinado momento. Se um coordenador concelhio neste momento aceder  
134 à sua área, ao seu perfil de utilizador, consegue ver nos seus concelhos quantas  
escolas é que estão inscritas, que voluntários é que existem disponíveis, e pode  
136 prever se há ali alguma coincidência, e pode ele próprio, com os meios que  
tem, pode levar a que um voluntário se desloque até uma determinada escola  
138 ou pelo menos que a escola contate determinado voluntário, para fazer a tal  
agregação. Tem um papel muito pró-ativo embora não tenha permissões de  
140 administração da própria plataforma. Ele não consegue intervir de forma a  
agregar o voluntário, mas como consegue ver todas as coincidências pode  
142 exercer alguma persuasão ou fazer alguma coisa para que um voluntário passe  
a estar agregado a uma determinada escola.

144 *Entrevistadora:* E portanto a plataforma é que faz com que tudo esteja bem  
limado e que funcione?

146 *E7:* Sim. A plataforma, tudo aquilo que desenhámos foi para haver o mínimo  
erro possível e para que ... ou seja todas estas coincidências ... o voluntário  
148 quando preenche a sua ficha de inscrição preenche uma data de preferências e  
todas essas preferências vão fazer com que uma escola quando seleciona um  
150 voluntário já sabe à partida... ou melhor, o próprio sistema vai seriar ou  
seleciona os voluntários para determinadas escolas. Por exemplo, um  
152 voluntário pode escolher como 1ª preferência... tem até 5 preferências por  
ordem de preferência, a 1ª pode ser tipo um hospital. Se é um hospital, nunca  
154 vai aparecer como voluntário sugerido para uma escola. É logo eliminado. A  
escola nunca vai sequer saber que existiu um voluntário na sua área de  
156 influência porque aquele voluntário, apesar de estar na sua área de influência,  
não vai querer prestar voluntariado ali. Será talvez em 2ª hipótese ou 3ª.

158 Depois temos alguns critérios. Por exemplo, se por acaso esse voluntário, na 2ª  
opção tiver uma escola secundária ou de 1º ciclo, definimos que apesar de  
160 termos o hospital em 1ª, vai aparecer na mesma porque a 2ª preferência é logo  
uma escola e portanto já pode aparecer nessa circunstância. Embora que na  
162 seriação estejam outros antes daquele. Portanto isto funciona tudo do ponto  
de vista da programação, funciona tudo de uma forma muito automática para  
164 retirar o mínimo de intervenção humana e retirar também daí alguns erros e  
trabalho que não temos neste momento.

166 Neste momento temos de uma forma constante, à volta de... não quero estar...  
mas suponhamos que temos 200 voluntários a prestar voluntariado em  
168 simultâneo, o que já aconteceu, mas, já são muitos voluntários para gerir. Já  
está a acontecer muita coisa em simultâneo, e este tipo de solução, de  
170 plataformas, têm que ser concebidas para uma carga de esforço ainda muito  
superior e foi por isto que nós pensámos em todos estes automatismos. Para  
172 numa hipotética sobrecarga... quer dizer uma sobrecarga é ditada sempre em  
função dos recursos disponíveis... se nós temos 2 pessoas, a sobrecarga pode  
174 ser aos 200, é difícil, é um conceito um bocado ambíguo de definir porque tem  
sempre a ver com o número de recursos disponíveis, mas portanto uma  
176 sobrecarga para nós seria ter mil voluntários em simultâneo.

Mesmo com a plataforma a funcionar de um modo semiautomático, há muito

178 trabalho ainda que é preciso fazer, e se não tivéssemos a plataforma, seria  
quase... seria impossível. Seria impossível porque inicialmente trabalhava-se de  
180 um modo muito arcaico, na mesma recorrendo a ferramentas informáticas (ao  
excel), havia uma listagem de todas as escolas que se iam inscrevendo e  
182 voluntários que iam manifestando o interesse, por *e-mail* e outros. Às tantas,  
como já haviam 2 ou 3 intervenientes, se um deles ou se dois dos outros, não  
184 tivessem atualizadas essas listagens, já havia informação que se perdia e  
depois imagine o que era uma listagem de 200 pessoas, tentar encontrar a  
186 pessoa X que por acaso, em função das suas preferências, até pode fazer um  
*match* com a escola Y. Isto era ... se não houvesse uma aplicação informática  
188 que fizesse isso quase de um modo semiautomático, perderíamos um dia só  
para relacionar 2 ou 3 voluntários com meia dúzia de escolas. Era muito  
190 complicado e tornava-se impraticável.

*Entrevistadora:* Para além de fazer essas coincidências, os parceiros acham que  
192 a plataforma é útil também porquê?

Eu penso que os parceiros acham, o melhor seria eles responderem (risos).  
194 Mas penso que sim, sobretudo para a RBE que é o nosso parceiro mais  
preponderante na medida em que representa todas as escolas do país. A nível  
196 das bibliotecas possíveis onde pode estar um voluntário acho que são 8700 e  
qualquer coisa, portanto é muita escola, e para eles seria quase impossível  
198 gerir isto sem uma plataforma deste género. Nós recebemos alguns *inputs*  
deles muito importantes, ou seja, alterações a um desenho inicial. Porque  
200 como deve compreender, sem os ouvir primeiro teve que haver um desenho  
inicial não muito sólido, um esboço apenas, em que depois de nos reunirmos  
202 com eles e os ouvirmos, deram de fato contributos muito importantes para  
afinar a plataforma de forma a que lhes respondesse sobretudo a eles.

204 *Entrevistadora:* Em termos de informação ou de formação que lá está?

*E7:* Em termos do tipo de informação que era apresentado não tanto a forma  
206 como era apresentada. Nós não conseguíamos à partida prever necessidades  
que eles tinham. Nós prevemos à partida funções que eram de um ponto de  
208 vista de inscrição do voluntariado e de inscrição, eram bastante genéricas, mas  
depois eles falavam-nos por exemplo em CiBE. A 1ª vez que nos falaram em  
210 CIBE tivemos que perceber, qual era o papel deles, do ponto de vista mais  
formal, perceber que cada CIBE não tinha todas as escolas de uma  
212 determinada área mas podia ter escolas de outros concelhos.

*Entrevistadora:* E da parte dos voluntários, para poderem promover a leitura  
214 dos miúdos ou jovens, a informação que lá está, não têm ideia se corresponde  
às suas angústias?

216 *E7:* É assim, à partida os voluntários que nos contatam têm uma motivação  
muito intrínseca e quando nos contatam já estiveram na plataforma. Eu falei  
218 da plataforma de administração do voluntariado mas há também a plataforma  
do voluntariado de leitura, o *site* público. O *site* público já disponibiliza uma  
220 panóplia de recursos e informações muito relevantes em que o suposto  
voluntário pode autonomamente, quase fazer uma formação livre sobre o que  
222 é o voluntário, qual é o papel do voluntário, que formas é que tem de ajudar os  
outros na leitura e promoção de leitura. Estão gravados um conjunto de  
224 vídeos, de recursos, que uma pessoa anónima, mesmo que não seja um



226 proposto voluntário de leitura, consegue fazer uma espécie de formação ou  
228 auto-formação que à partida lhe vai responder a quase todas as questões que  
230 tenham a ver com um futuro voluntariado de leitura. Depois quando chega à  
232 escola, existe sempre o professor bibliotecário que será o elo mais  
234 preponderante entre o coordenador inter-concelhio e a escola. Está sempre  
centrada no professor bibliotecário esta interação. É ele normalmente o  
responsável pela organização do voluntariado de leitura nas escolas e cabe-lhe  
a ele gerir esta interação. Ele tem os conhecimentos suficientes para auxiliar e  
supervisionar e mesmo auxiliar de um ponto de vista mais técnico o voluntário  
de leitura que auxilia depois os miúdos.

236 *Entrevistadora:* Neste projeto tão abrangente, quem indicaria então como  
sendo os tais *stakeholders* do projeto e se eles asseguram um *continuum*?

238 *E7:* Sim, há partes que têm colaborado de uma forma mais ou menos linear,  
sim, sem grandes disrupções. Portanto referiria, a Rede de Bibliotecas  
Escolares, o Montepio, uma instituição privada que auxilia nos seguros porque  
240 o voluntário apesar de ser num regime de voluntariado, tem um encargo que  
para nós foi importante prever, que é o seguro. Ao serviço de um programa, o  
242 voluntário pode estar sujeito a que alguma coisa aconteça e então todos os  
voluntários são segurados. A partir do momento em que o voluntário é  
244 agregado, e daí ser importante estar registado na plataforma, porque sem  
aqueles dados nós não conseguimos emitir uma apólice ... quer dizer a apólice  
246 é única mas tem um *plafond* de pessoas. E esta informação é muito  
importante, nós temos de ter uma listagem muito bem atualizada, com o  
248 conhecimento do Montepio. Portanto o CITI que será o mais importante de  
todos. E os voluntários em si. Os voluntários são uma instituição anónima, são  
250 muito dispersos e vão sempre mudando.

Não há muitos mais elos. Para além de que, na rede é muito importante  
252 também o papel dos coordenadores inter-concelhios e no final de linha os  
professores bibliotecários. Eu diria que por uma importância de ordem de grau,  
254 diria a RBE, CIBE e os professores bibliotecários. Depois obviamente o CITI, o  
Montepio como parceiro para os seguros, os voluntários e todas as outras  
256 organizações porque estas são os nossos elos mais fortes mas existem depois  
Câmaras Municipais, ONG' s, instituições um pouco avulsas mas que se vão  
258 juntando ao projeto e um pouco pontualmente vão recebendo voluntários de  
leitura. No caso das Bibliotecas Públicas, cada uma tem digamos um  
260 administrador, não é um professor neste caso mas será um entendido de  
gestão bibliotecária que auxiliará.

262 *Entrevistadora:* A plataforma não tem um campo, ainda mais além, para o  
progresso dos leitores em si?

264 *E7:* Dos leitores, da parte dos leitores não. Portanto daqueles que em última  
análise usufruem do voluntariado, não. Isso presume-se que seja um trabalho  
266 do lado da escola. Imaginemos que há um miúdo com dificuldades de  
aprendizagem e precisa, ou que não tenha a leitura tão desenvolvida e precise  
268 de apoio, aí entra normalmente o apoio do voluntário para desenvolver o  
gosto pela leitura e a leitura em si. Esta avaliação do desenvolvimento e de  
270 aprendizagem do aluno, fica do lado da escola. Nós aqui estamos a falar  
apenas do voluntariado e da gestão do voluntariado. Não tanto da gestão de

272 aprendizagem.  
273 *Entrevistadora:* E as avaliações que foram feitas, também foram só nesse  
274 sentido?  
275 *E7:* Sim o que consta nos relatórios normalmente é o número de inscrições.  
276 Um pouco automático. São todos os dados estatísticos que nós retiramos do  
277 uso da plataforma. Não há uma avaliação qualitativa por parte dos voluntários  
278 em si.  
279 *Entrevistadora:* Face à expectativa deste projeto, é suficiente que seja assim?  
280 Ou para o projeto se manter no tempo seria necessário também perceber o  
281 lado de competência leitora?  
282 *E7:* Eu penso que o ideal seria isso, ou seja, o ideal seria cruzar os interesses da  
283 gestão do voluntariado com os *outcomes*, os resultados que de fato são o que  
284 é que o projeto está a originar, o impacto. Nessa medida o projeto teria muito  
285 a ganhar se houvesse esse tipo de cruzamento, acompanhamento. Mas foi  
286 como lhe referi há pouco, a intenção primordial do projeto é promover o  
287 voluntariado em si, não tão centrado nas competências de leitura, o que é que  
288 de facto acontece com os miúdos. O nosso trabalho até agora tem sido mais  
289 balizado por aqui. Pelo menos fazer chegar até às escolas, pessoas  
290 minimamente competentes para auxiliar crianças, jovens ou adultos com  
291 dificuldades de leitura. É claro que se as pessoas tiverem as competências  
292 mínimas, estamos à espera que o trabalho do lado de lá também tenha um  
293 impacto positivo, não é? Mas de fato sim, seria importante haver um maior  
294 cruzamento e perceber se está mesmo a resultar também do lado de lá. À  
295 partida pensa-se que sim.  
296 Este modelo poder-se-ia extrapolar facilmente. Estava a tentar pensar no  
297 enquadramento tecnológico, pelo menos do ponto de vista tecnológico, penso  
298 que o processo, embora tendo nuances muito particulares, penso que poderia  
299 ser clonado para outras áreas.  
300 *Entrevistadora:* Sendo assim, focado no voluntariado e em relação à sua  
301 colaboração no projeto e expectativas no início do mesmo, está a corresponder,  
302 está satisfeito?  
303 *E7:* Sim, sim. Numa 1ª fase é claro que teve de ser reajustado logo durante o  
304 processo de implementação, mas de tudo aquilo que foi identificado, tudo  
305 cumpriu a sua função. É claro que há sempre melhorias que podem ser feitas  
306 mas, como em todos os projetos, as melhorias também dependem dum tempo  
307 de paragem, depende de ter os meios técnicos e humanos necessários e isso  
308 nem sempre se coaduna. Mas de uma forma geral correspondeu às  
309 expectativas.  
310 *Entrevistadora:* Acha de daqui para a frente ainda poderá evoluir nalgum  
311 sentido?  
312 *E7:* Nestas coisas é sempre importante a política organizacional e centra-se um  
313 pouco aí, do ponto de vista decisório, havendo vontade, há sempre caminhos  
314 que seriam necessários percorrer, melhorar e implementar. Mas de grande  
315 maneira, aquelas que seriam mesmo crassas, foram implementadas todas.  
316 *Entrevistadora:* Portanto as escolas são aquelas que têm aquele público que  
317 em princípio necessita de mais reforço?  
318 *E7:* Sim, sim.

320 *Entrevistadora:* As outras que se podem considerar, enfim, um hospital pode  
mas se calhar não abarca tanto público?

322 *E7:* Não, não. Normalmente há instituições que na melhor das hipóteses  
querem dez ou doze voluntários, não estamos a falar de 200 num universo de  
324 8700 escolas. É muita coisa. Os clientes potenciais são em grande número e se  
houvesse uma maior adesão podia crescer de uma forma “explosiva” até.

*Entrevistadora:* As escolas ou bibliotecas escolares estão automaticamente na  
326 RBE?

*E7:* Não, elas automaticamente estão na nossa base de dados mas carecem  
328 sempre de uma inscrição para se validarem como disponíveis. Ou seja, se elas  
não se demonstrarem disponíveis igual a, se não se registarem, é como se não  
330 existissem. Mas acontece frequentemente um voluntário contactar a RBE ou a  
nós diretamente e dizer “Eu gostava de prestar voluntariado naquela escola  
332 mas não sei se ela tem?”. Nós prontamente respondemos “Ah não, não tem  
voluntariado mas podemos contactar”. Outros casos há em que o próprio  
334 voluntário já contactou a escola e a escola não se importa e pergunta o que é  
que tem de fazer, e às vezes, é o próprio voluntário que seduz a escola a  
336 participar no projeto. Os voluntários também têm um papel ativo neste  
processo e depois aí há um registo da escola, a partir do momento em que a  
338 escola está registada já está visível, já faz parte do projeto. E é muito raro a  
escola *desinscrever-se*. Já tem acontecido o voluntário pedir para deixar de ser  
340 contactado porque há alunos que prestam voluntariado com alguma frequência  
mas depois acabam a sua carreira de estudante e não querem ser mais  
342 incomodados. De certa forma é compreensível porque deixam de ter tanto  
tempo disponível. E pedem para deixar de figurar porque figurando e estando  
344 a sua ficha com os mesmos dados com que prestou voluntariado, tem lá as  
preferências do horário, as preferências de escolas e então vai aparecer  
346 automaticamente para ser agregado. Alguém o vê como potencial e clica “Ora  
já temos aqui um candidato!” ele recebe logo uma mensagem e começa a ser  
348 um pouco incómodo ele receber depois muitos pedidos para fazer  
voluntariado quando a pessoa já não tem de fato tempo disponível sequer.

350 *Entrevistadora:* E é tudo. Obrigado pelo tempo.

*E7:* De nada.

**Anexo Q – entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.8., E.9.**

**AUTORIZAÇÃO E8**



Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestranda Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada "A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura".

A Entrevistada

A handwritten signature in dark ink, appearing to be 'O. E. E. Gomes Valério', written over a horizontal line.

Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada “A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura”.

A Entrevistada

Isabel Mendonça

## ENTREVISTA AO COLABORADOR 8. 9.

**Entrevistada 8 e entrevistada 9 ou E8.9.\_Nível 6 e Nível 7/ Coordenadora do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares e Coordenadora Inter-concelhia das Bibliotecas Escolares/ Entrevista coletiva semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada a 26 de Fevereiro de 2016, pelas 10,30h, no Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares em Lisboa, com duração de 47'22".**

1 *Entrevistadora:* Sou mestranda do mestrado em Gestão de Sistemas de e-  
3 *Learning*, ele próprio um curso em *e-Learning*, onde aprendemos a gerir um  
projeto de qualquer área, desde o seu planeamento e passando por todas as  
5 áreas que isso envolve incluindo a execução de uma plataforma de ensino-  
aprendizagem. Terminei a vertente curricular e a professora Irene Tomé  
7 sugeriu-me a análise do projeto *Voluntários de Leitura* como objeto para a  
minha tese e a professora Isabel Alçada foi-me apoiando no direcionamento do  
estudo. Já realizei algumas entrevistas a representantes-chave do projeto...

9 *E8:* Podia ver também com a nossa colega Carla Fernandes que é quem está a  
gerir a colocação de voluntários nas bibliotecas escolares. É importante  
11 também que fale com ela.

*Entrevistadora:* Sim, a Dr.<sup>a</sup> Cátia Preguiça já mo tinha sugerido. Como é um  
13 projeto a nível nacional optei por não fazer o que seria representativo em  
termos estatísticos pois envolveria imensos questionários. A metodologia que  
15 seleccionei foi realizar entrevistas e fazer análise de conteúdo das mesmas. Para  
tal, estou na fase da entrevista a representantes de cada área do projeto.

17 *E9:* Em que universidade em que está?

*Entrevistadora:* Na Nova que é onde está também o CITI e que torna tudo mais  
19 fácil. Numa fase anterior, analisei o funcionamento do projeto através de  
consulta do site *Voluntários de Leitura*, conversei com as orientadoras e fui  
20 apontando os meus objetivos. Havia hipótese de averiguar variadíssimos  
aspectos e havia que optar. Por exemplo, uma vertente que não analiso e isso  
22 seria para um outro trabalho, seria ver junto do público destinatário da  
promoção de leitura o progresso do mesmo.

24 *E9:* Um outro elemento importante a entrevistar seriam os professores  
bibliotecários.

26 *Entrevistadora:* Sim concordo e já tenho essa entrevista, assim como terei a  
perspetiva também dos voluntários neste caso os que prestam voluntariado  
28 curricular.

*E8:* A nossa colega Carla tem identificados alguns voluntários que as próprias  
30 escolas solicitam para que no ano seguinte continuem com elas. Portanto, por  
um lado com as escolas temos boas experiências, e depois com o voluntariado  
32 em si.

*E9:* Ela faz a ligação entre as bibliotecas e o programa em si.

34 *Entrevistadora:* Se possível agradeço então o contato da colega para podermos  
agendar. Agora relativamente à nossa entrevista, espero que seja uma  
36 conversa profícua no entanto, vou dando alguns pontos dos quais seria  
interessante retirar conclusões e gostaria de começar por saber o histórico de  
38 como foi a entrada da RBE no projeto *Voluntários de Leitura* e se a sua  
colaboração se manteve ou evoluiu?

40 E8: O arranque foi pensado contando em grande parte com a inclusão de  
bibliotecas escolares. O próprio projeto de voluntariado que a Dr.<sup>a</sup> Isabel  
42 pensou com os elementos do CITI foi sempre, equacionado a partir da  
biblioteca, para superar as dificuldades de leitura por parte dos alunos. A  
44 realizar-se com os professores mas na biblioteca porque ela reconhecia esse  
espaço como sendo privilegiado para desencadear uma iniciativa desse tipo.

46 Entrevistadora: Portanto, em termos funcionais, como é que está estruturado?

48 E8: Numa fase inicial começámos com um grupo mais restrito, no 1º ano cerca  
de 100, na altura até fui eu que estive nessa fase.

E9: Fizemos uma experiência antes de começar a plataforma.

50 E8: Exato. Começámos com 100 escolas a nível do país, e cirurgicamente com  
coordenadores inter-concelhios RBE que nós garantidamente sabíamos que o  
52 projeto funcionava. Foi uma experiência piloto simultaneamente aos  
voluntários curriculares, foi feito em paralelo. No ano seguinte é que se abriu a  
54 todo o território nacional, já com a plataforma a funcionar mais em pleno.  
56 Porque ao princípio era quase manual. Nós íamos, através dos coordenadores  
inter-concelhios, tentando identificar pessoas que estariam disponíveis para...  
58 E simultaneamente identificando também as escolas que queriam receber as  
pessoas com esse determinado perfil. E íamos juntando, como na altura eu  
60 dizia “íamos fazendo os casamentos”. E foi assim que começou. Entretanto  
paralelamente, foi sendo construída uma plataforma para que tivesse outro  
62 impacto e para que fosse algo muito mais funcional do ponto de vista do  
“casamento”, da identificação de quem é que estava a acabar, quem não  
64 estava, quem estava inscrito, quem eram as escolas. Porque havia aqui um  
processo. As pessoas depois do 1º acerto, havia uma reunião na biblioteca  
66 escolar, com o coordenador inter-concelhio, com o voluntário, com o professor  
bibliotecário e os professores envolvidos no projeto. Íamos buscar meninos  
68 sobretudo ao 2º ano, que revelavam algumas dificuldades na leitura e portanto  
isto era um acerto muito completo de um conjunto de pessoas para o processo  
70 iniciar. Estabelecia-se o plano, o plano de acção, o plano de acompanhamento  
com a agenda de uma vez por semana, numa hora, com aquele aluno, com dois  
72 alunos, 3 alunos, etc, de acordo com aquilo que se programasse. Quando se  
falava em voluntariado de leitura havia uma ideia que a Dr.<sup>a</sup> Isabel Alçada tinha  
74 como de fato a mais eficaz, que era, a leitura a par. A leitura a par, a leitura do  
voluntário com o aluno só, mas havia várias experiências e eu penso que ainda  
76 subsistem. Podíamos ter pessoas que iam ler para os grupos, para turmas, no  
fundo para aproximar àquilo que poderiam ser os livros, podiam ser as  
78 histórias. Houve uma diversidade de ações. Paralelamente a Dr.<sup>a</sup> Isabel Alçada  
criou um conjunto de propostas para que as pessoas se inspirassem e  
80 soubessem o que é que se esperava delas. Sempre com o foco de que aqui o  
que interessava era melhorar a competência leitora com uma leitura mais  
82 individualizada, um acompanhamento mais a par. Identificavam-se os meninos  
que tinham de fato mais dificuldades, e do ponto de vista dos estudos  
84 revelava-se que no 2º ano ou a “coisa” era atacada ou então era quase  
irreversível a dificuldade e que aí seria maior o ganho da autonomia na leitura.  
86 Havia, no entanto, outras formas de agir mais em grupo. Até se pensou que,  
por parte dos voluntários, sob a ideia de cidadania e de colaboração, estes

88 pudessem também ajudar noutras tarefas da biblioteca que não fosse só a  
90 mera leitura, a mera hora do conto, o mero acompanhamento de leitura a par  
com os que revelassem mais dificuldade.

*Entrevistadora:* Isso foi um modelo pensado com base noutro que existia ou foi  
92 específico para Portugal?

*E8:* Eu penso que essa será uma pergunta para a Dr.<sup>a</sup> Isabel Alçada uma vez  
94 que foi ela quem criou esse projeto. Eu penso que ela se inspirou noutros  
adequando aqui à nossa realidade, porque há outros países que fazem este  
96 tipo de ações, só que foi ajustando e de acordo com os estudos que foi  
fazendo, de acordo com aquilo que conhecia, foi criando o seu próprio  
98 percurso.

*Entrevistadora:* Os vários intervenientes aceitaram bem?

100 *E8:* Era voluntariado pelas próprias escolas. Era a própria escola quem se  
inscrevia na plataforma dizendo que estava recetiva a um, dois, três, quatro ou  
102 cinco voluntários, e os voluntários também. Portanto a plataforma funciona  
com esses dois elementos e com as bibliotecas públicas e hospitais, etc. Nós  
104 estamos a falar das escolas mas a plataforma envolve outros grupos e outras  
instituições. Aqui tudo assentava em voluntariado. Quer por parte das escolas  
106 que quisessem receber os voluntários, quer os próprios voluntários. O projeto  
desde a sua base funciona desse modo.

108 *Entrevistadora:* A plataforma foi e é importante para a gestão?

*E8:* Para a gestão sim. Claro que havia coisas que podiam melhorar e depois  
110 progressivamente fizeram-se esses acertos. Relativamente à própria conclusão  
do voluntariado, nunca sabíamos quando terminava e depois foram sendo  
112 acrescentados à medida que nós, no terreno, íamos vendo como funcionava e  
pedindo acréscimos às funcionalidades da plataforma para que ela  
114 correspondesse aquilo que se desejava.

*Entrevistadora:* Se pedir para me explicarem a colaboração da RBE neste  
116 projeto ela é especificamente qual?

*E8:* Funciona nas bibliotecas escolares sendo os professores bibliotecários o  
118 núcleo a partir do qual todo o processo se realiza.

*Entrevistadora:* Centra-se nos professores bibliotecários?

120 *E8:* Com os outros também mas centra-se nos professores bibliotecários. Em  
termos das escolas o centro a partir do qual se desenvolve este projeto, são de  
122 fato as bibliotecas escolares e os professores bibliotecários. Eles enquadram,  
fazem o plano de formação, mas a Dr.<sup>a</sup> Isabel Mendinhos pode acrescentar.

124 *E9:* É isso mesmo. Sabe o que são os coordenadores inter-concelhios? São  
intermediários entre o gabinete da rede de bibliotecas e as escolas e os  
126 professores bibliotecários, e têm a seu cargo uma parte do território,  
coordenam o trabalho das bibliotecas num determinado concelho ou conjunto  
128 de concelhos, muitas vezes é conjunto de concelhos. Portanto, uns  
intervenientes eram esses. Nessa altura, quando tive essa experiência era  
130 coordenadora inter-concelhia e sabia aqui do gabinete da rede de bibliotecas  
para onde havia voluntários disponíveis para trabalhar. Eu era coordenadora  
132 inter-concelhia de Sintra e diziam-me assim: “Para Sintra temos estes  
voluntários assim e assim. Um que está disponível para ir a Queluz e ao Cacém,  
134 aquele estaria mais disponível para Sintra e Colares e o outro enfim...” De



acordo com isso ia falar com os professores bibliotecários e dizer “Temos voluntários disponíveis para trabalhar, desenvolver actividades aqui” e as pessoas diziam se estavam interessadas ou não estavam interessadas. Consultavam a direção e geralmente encontrava uma escola que estivesse interessada em dinamizar o projeto. Depois era marcada a tal reunião em que eu estava, estava a professora bibliotecária, normalmente estava alguém da direção ou representante da escola do 1º ciclo, um coordenador de estabelecimento, quando era possível, os professores de 1º ciclo que tinham alunos naquelas condições, e falava-se um pouco sobre qual era a disponibilidade da pessoa para fazer esse trabalho, que tipo de coisas é que se lhe pedia, o que é que ela estava disposta a dar. E tivemos experiências variadas. Tivemos experiências de pessoas que fizeram um trabalho de leitura a par, como a Dr.ª Manuela estava a dizer, com os alunos que tinham mais dificuldades, outras que fizeram um trabalho misto que era trabalharem com turmas na apresentação de leituras e incentivo à leitura por parte dos miúdos em grupo, e ao mesmo tempo trabalhar com aqueles que tinham mais dificuldades noutras datas, quando eram pessoas mais disponíveis. Havia várias experiências mas era sempre a partir da biblioteca que era feito o tal plano de intervenção, com a calendarização, com uma lista de presenças, e todos os documentos que constam na plataforma dos voluntários. Depois no final, era pedido aos professores bibliotecários que fizessem um balanço do que tinha sido o trabalho com os voluntários naquele ano. Entretanto também houve algo que não sei se já tomou conhecimento disso, que foram os protocolos assinados pelo projeto dos *Voluntários de Leitura* com as câmaras. Há câmaras que têm bancos de voluntariado e que assinam esses protocolos e se disponibilizam a divulgar o projeto junto das pessoas que se inscrevem para ser voluntários porque pode haver entre essas, pessoas que estão interessadas em serem Voluntárias de Leitura. Por exemplo no caso de Sintra, a câmara também deu formação aos professores bibliotecários sobre o voluntariado, sobre as regras inerentes ao voluntariado... que tem regras, não é uma coisa feita de uma forma solta, há legislação que suporta isso... e eles fizeram isso. Em Sintra, eu sei que há casos de voluntários que estavam habitualmente inscritos no banco de voluntariado, até de empresas que têm uma atitude de responsabilidade social e dão horas para os seus funcionários fazerem voluntariado, que depois se orientaram para o trabalho da biblioteca escolar e ainda estão a fazer esse trabalho com muita ênfase.

E8: Falamos nas escolas de 1º ciclo mas este voluntariado também chegou às escolas do secundário com intervenções um pouco diferentes mas também procurando...Isto estendeu-se aos vários níveis de ensino. Voluntários nas bibliotecas escolares do secundário, que normalmente fazem outro tipo de coisas, já não é a questão da competência leitora, e também nas escolas 2/3. Sobre tudo com esta questão de ligar o grupo à ideia de leitura, aquilo que se pode fazer de leitura, o que é que ela pode representar. Este não foi um alargamento, foi assim desde o início ainda que de fato o que corresponderia melhor à ideia de quem desenhou o projeto fosse “talhar as dificuldades de leitura, no tempo certo”. Era no fundo a talhar. Poder-se-ia fazer porque no fundo não era só a leitura, podiam ser outro tipo de ações na biblioteca, ajudar

182 a enquadrar os miúdos, orientar na pesquisa, etc., portanto também temos  
voluntários que trabalham nesse nível.

184 *Entrevistadora:* Depois de vir a plataforma, o trabalho mudou ligeiramente  
porque esta faz o tal “casamento”?

186 *E8:* Na 1ª fase era mesmo muito manual. Era quase por telefone. “Tem aqui  
esta pessoa...” tínhamos umas fichas de inscrição muito rudimentares a dizer  
188 “Para a zona tal, numa escola do 1º ciclo, eu quero fazer este tipo de trabalho”  
e nós tínhamos que encontrar uma escola que tivesse aquela necessidade está  
190 a ver?... com 100 escolas mesmo assim foi complicado fazer esta gestão.  
Porque desde o início o que se disse é que iria existir a plataforma só que ela  
192 demorou algum tempo, uns meses. As pessoas já se inscreviam na plataforma,  
as escolas também e nós íamos ver se naquela área havia alguém para...  
194 Mesmo manualmente ter-se-ia mesmo assim, que fazer um acerto porque a  
plataforma só por si não tinha em conta todos os requisitos e às vezes aquela  
196 colocação não era a mais ajustada, nem para a escola nem para o voluntário.  
Mas isso já era diferente. Por outro lado, numa fase inicial que tínhamos que  
198 estar com os coordenadores inter-concelhios a fazer solicitações, os próprios  
coordenadores inter-concelhios iam aos seus concelhos e diziam “Há esta  
200 escola inscrita que ainda não tem voluntários, há voluntários para... e portanto,  
o próprio CIBE ajudava a essa colocação dos voluntários no sítio certo, já com  
202 alguma autonomia para se marcar a 1ª reunião, para delinear o programa.  
*Entrevistadora:* Para além dos colaboradores identificados, existem mais  
204 alguns?

*E9:* Os CIBE, os professores bibliotecários, os bancos de voluntariado das  
206 autarquias, a direcção das escolas, os professores dos alunos envolvidos. Não  
vejo assim mais colaboração e já é muita gente. O CITI que disponibiliza a  
208 plataforma e todo aquele material que ajudou muito.

*E8:* São eles que criam aqueles tutoriais podemos dizer assim, para ajudar a  
210 orientar as pessoas.

*E9:* Há pessoas que dizem “Mas que bela ideia!” “Mas e agora, como é que eu  
212 vou fazer?” Isso ajudou muito. Houve ali no início uma fase em que éramos nós  
que íamos dar sugestões de como poderiam fazer mas quando surgiu a  
214 plataforma, todos os vídeos e tutoriais que lá existem, facilitaram muito o  
trabalho dos voluntários, dos professores bibliotecários e dos coordenadores  
216 inter-concelhios. Podia-se explicar mas dizer “Olhe depois pode ver aqui”.

*E8:* E depois a própria recolha que foi sendo feita a partir das experiências no  
218 terreno e que foram incorporadas como exemplos para as pessoas poderem  
ter.

220 *Entrevistadora:* Em termos dos leitores em si, existem indicadores do  
progresso ou era só no final que era feita essa avaliação na reunião quando  
222 mais ou menos terminava o voluntariado?

*E9:* Não lhe posso dizer que houvesse uma norma padronizada para... O que  
224 aconteceu nas várias escolas, na experiência que eu tive que não dá a imagem  
do que se passa a nível nacional, nem pretendo fazê-lo... mas de facto havia  
226 sítios e isso dependia muito do método do professor bibliotecário. Houve sítios  
em que o acompanhamento do voluntário por parte do professor bibliotecário  
228 foi sempre muito próximo, às vezes até eram dinamizadas sessões em

230 colaboração, e nesses casos, essa monitorização do progresso, era feita. E  
232 depois refletia-se no relatório que faziam no final. Outros deixavam a “coisa”  
234 um bocadinho mais solta. O voluntário fazia as suas sessões com os meninos e  
236 depois chegavam ao fim e contabilizavam o número de sessões, diziam se os  
alunos de fato tinham participado, se tinham gostado, a opinião do professor  
curricular sobre se tinha sido vantajosa a frequência daquela actividade por  
parte dos alunos. Mas era uma avaliação um pouco mais ligeira. Houve de  
tudo.

238 *E8:* É que isto implica um trabalho de organização significativa para resultar. No  
240 início, muitas pessoas, quer os voluntários quer as próprias escolas, não sabiam  
242 bem como se ia construir para ser eficaz e portanto houve melhores  
244 experiências e outras menos bem conseguidas porque tinha que haver um  
plano bem pensado para que houvesse a tal progressão de que fala e que era  
246 isso que nós queríamos. Não podia ser organizado ao acaso. Isto também  
dependia da capacidade de construção quer por parte do professor  
bibliotecário, quer da resposta por parte dos voluntários. Não havendo este  
tipo de tradição ainda por cima muito específica que era da área de leitura,  
248 muitas pessoas achavam que era chegar lá, iam ler e pronto, vinham para casa  
e um dia podiam ir, no outro já podiam não ir, e podiam faltar. E não é assim  
que deverá acontecer. Tinha que ser um procedimento sistemático, regular e  
modular quase para se perceber a evolução. Mas isto também foi no início e  
250 todos nós fomos aprendendo à medida que foi ...

252 *E9:* E também é preciso ter a consciência que é um tipo de projeto que implica  
254 pessoas que vêm de fora do contexto escolar, que tomam um compromisso  
de palavra apenas, que pode ficar anotado que vão fazer aquele trabalho, mas  
ninguém pode obrigá-los a fazer o trabalho. Portanto, há situações que  
256 correram exatamente conforme o previsto, outras que superaram as  
expetativas, outras que ficaram aquém porque as pessoas a meio têm outra  
coisa para fazer, dizem que já não voltam, ou nem chegam a ir à 1ª marcação.  
258 São contingências.

260 *E8:* Nós, portugueses, não temos muita tradição no voluntariado. Há países  
262 que têm esta prática já mesmo muito incutida nos próprios adolescentes, que  
têm que fazer (estou a pensar nos países nórdicos). Nós não temos portanto, é  
uma aprendizagem que se vai fazendo com a responsabilidade que é  
adequada. As pessoas pensavam: “Não tenho nada para fazer, estou  
264 desempregada e vamos lá ver como é que isto me pode ocupar uma vez por  
outra”. Ou por vezes, acabaram por aderir e gostar e ser a corpo inteiro, e  
266 outros que por si só.... Mas depois também era...aqui está de parte a parte  
porque, quer da parte das escolas, porque isto implica trabalho, para o  
professor bibliotecário isto era acrescentar trabalho porque tinha que  
268 programar, tinha que organizar, tinha que garantir que acontecia e bem. E por  
parte de quem ia realizar a ação do voluntariado.

270 De uma forma geral os meninos que usufruíram do reforço foram apoiados. De  
272 tal modo que as escolas no ano seguinte não queriam só 2 ou 3 voluntários,  
queriam mais para todos os professores. É que depois isto é complicado  
274 porque se tem que ter a aprovação por parte dos pais já que eles teriam que  
sair da sala de aula para durante um espaço de tempo estarem fora do

276 contexto a trabalhar de uma maneira diferente do resto dos alunos. Portanto,  
278 tinha que ser com a aprovação do pai, tinha que ser com a aprovação do  
próprio professor do menino e isto implica uma prática que não é habitual nas  
280 escolas. É um processo que vai sendo feito, construído e assumido. Se tiver  
resultados o que é que acontece? Todos os outros professores que têm  
282 meninos que lêem menos bem, o que é que querem? Se aquela voluntária for  
boa, e portanto também temos voluntários com melhor ou pior perfil, com  
umas de fato vê-se a evolução e os outros também querem. “Também tenho  
284 aqui 4/5 meninos que ainda não conseguem juntar as letras, também quero!” E  
isto, vai chamar no próximo ano ou no próximo mês ou meses, mais  
286 voluntários para aquele fim.

*Entrevistadora:* Da parte da RBE, em relação à expectativa que tinha no início e  
288 aquilo que sente agora do projeto, corresponde àquilo que se tinha pensado?

*E8:* Eu suponho que sim. Eu neste momento não tenho dados objetivos do  
290 último ano, por acaso precisávamos de ter esses dados porque todos os anos é  
feito um balanço e não estou na posse desses dados. Por isso lhe disse que a  
292 minha colega seria essencial para lhe dar conta disso. Mas, pelo que eu sei sem  
estar agora com os números à frente, tem crescido o número de voluntários  
294 vendo que esse crescimento é nas escolas que iniciaram, o que significa que é  
uma prática que está a ser consolidada, o que é um bom indicador.  
296 Relativamente aquela pergunta que faz e que acho que é muito pertinente,  
sobre se os miúdos progridem, quantos progridem, não sei se o próprio projeto  
298 do CITI tem dados mais concretos sobre isso.

*Entrevistadora:* Os relatórios que estão na plataforma para nós consultarmos,  
300 são gerados pelo Google Analytics, são mais em termos de quantidade ou seja,  
quantos se inscreveram, quantos estão a prestar voluntariado, quantos já  
302 terminaram, da parte do voluntário. Quem está a ser o alvo, o destinatário,  
acaba por ser uma noção subjacente.

*E8:* Pois, é na perspectiva do mediador. Pode ser até uma proposta de futuro  
304 ver se também esses que são os destinatários finais podem de algum modo ter  
uma palavra para ajudar a fazer a avaliação.  
306

*Entrevistadora:* Na perspectiva pessoal a participação é positiva?

308 *E8 e E9:* Sim.

*Entrevistadora:* Quais consideram ser os 3 pontos básicos em matéria de  
310 promoção de leitura?

*E8:* Ter a planificação, ter uma programação, ter regularidade nessa ação e ter  
312 a avaliação, eu acho.

*E9:* Eu acho que um dos pontos é também a formação do voluntário, não muito  
314 formal mas o suporte formativo para aquilo que vai fazer. É importante para  
ter sucesso, para além do que a Dr.<sup>a</sup> Manuela disse. Depois, o trabalho  
316 articulado com o professor bibliotecário no sentido de uma boa escolha do que  
é dado a ler porque mesmo que eles tenham dificuldade de leitura, é muito  
318 importante a escolha das obras por muito simples que sejam. Portanto isso  
exige uma boa colaboração, porque o voluntário pode ser uma pessoa que até  
320 lida muito bem com uma criança, sabe muito bem acompanhá-la mas não tem  
que estar a par daquilo que se faz em termos de literatura infantil, esse é o  
322 papel do professor bibliotecário.

324 *E8:* Adequar sob pena de afastar. Essas questões são muito importantes. Ter  
 326 essa sensibilidade, ter a noção da escolha certa e ter consciência que quando a  
 328 escolha não é correspondida há que saber infletir.

326 *Entrevistadora:* Talvez esse seja um ponto em que o voluntário curricular difere  
 328 daquele de um cidadão comum? O estudante universitário mais facilmente se  
 330 molda influenciado pelo próprio esquema de funcionamento da escola,  
 332 comparativamente ao cidadão que não está talvez tão habituado a voltar  
 334 atrás?

332 *E9:* Temos das duas, nas duas faixas etárias. Eu tive uma experiência com uma  
 334 senhora que era uma avó que ia fazer voluntariado de leitura e ela conversava  
 336 com a professora bibliotecária que era bastante jovem (aquela professora  
 338 bibliotecária) e criava um ambiente de tranquilidade na biblioteca escolar, e as  
 340 duas “casavam” muito bem sobre o que é que devia ser dado a ler àquele  
 342 menino. E aquilo funcionava maravilhosamente bem. Ela não estava a par,  
 344 apesar de ser avó, já tinha uns netos muito mais crescidos do que aqueles  
 346 miúdos e no entanto dizia “Ah! Eu nunca pensei que houvesse livros como há  
 348 agora. Maravilha!” E depois escolhia “Para este é melhor este que ele gosta  
 350 mais, é mais activo.” Para a menina era melhor o outro, e lá se entendiam.

342 *Entrevistadora:* Esse tipo de testemunho era interessante estar disponível na  
 344 plataforma. Tem testemunhos de pessoas de protagonismo, e é bom perceber  
 346 que o projeto tem pessoas envolvidas que têm conhecimentos mas também  
 348 era giro aparecerem uns desse género.

346 *E8:* Sim, da descoberta. A narração que cria o gosto pela leitura, o ter tempo e  
 348 olhar para os outros que é a base do voluntariado.

348 *Entrevistadora:* Algo mais que queiram acrescentar e não tenha sido  
 350 abordado?

350 *E8 e E9:* Não.

352 *Entrevistadora:* Gostaria então de terminar com as questões de caracterização:  
 354 habilitações e conteúdos da função que exercem.

354 *E8:* Licenciatura em História e pós-graduações nesta área e sou coordenadora  
 356 do gabinete da rede de bibliotecas.

356 *E9:* Licenciatura em Filologia Germânica e mestrado em Gestão da Informação  
 358 e Bibliotecas Escolares. Respondi enquanto coordenadora inter-concelhia.

358 *Entrevistadora:* Já agora, quantos CIBE existem?

360 *E8:* 45 no país todo.

362 *Entrevistadora:* E há destaque de alguma área geográfica em que a  
 364 iniciativa existe?

364 *E8:* Nós temos pessoas muito boas. Mas aqui a ideia é a do contágio que as  
 366 boas experiências desencadeiam. Se há crescimento é porque há uma  
 368 apreciação positiva.

368 *E8:* Por exemplo, também no âmbito de leitura, nós temos um projeto em  
 370 parceria com o Plano Nacional de Leitura que é o Ler+Jovem em que  
 372 predominantemente os adolescentes vão ler aos idosos e vice-versa. Os jovens  
 374 das secundárias. E estabelecem-se relações, os miúdos descobrem o que é a  
 376 velhice, sensibilizam-se com isso e temos testemunhos muito curiosos de  
 378 alguns que se tornam no fundo os netos adoptivos de muitos dos idosos e  
 380 quando ganham uma regularidade na ida mesmo para além daquilo que

370 comporta o projeto. O projeto tem uma determinada duração que eles  
ultrapassam e nas férias e noutros dias, têm possibilidades, e vão. Sabem que  
372 há pessoas com quem se estabelece uma relação mais próxima e eles tomam  
isso por iniciativa própria. Vão para além do que é suposto no projeto e eu  
374 acho que isso é um ganho incrível. Os miúdos vão ler as histórias e os idosos  
contam-lhes na oralidade.  
376 *Entrevistadora:* Muito obrigada pelo vosso tempo.  
*E8 e E9:* Qualquer necessidade que tenha, disponha.

**Anexo R – entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.10.**

**AUTORIZAÇÃO E10**

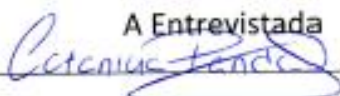
Universidade Nova de Lisboa  
Departamento de Ciências da Comunicação

---

Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada “A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura”.

---

A Entrevistada



---

## Anexo R– Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.10

### ENTREVISTA AO COLABORADOR 10.

**Entrevistada 10 ou E10\_Nível 3/ Voluntária no projeto *Voluntários de Leitura*/ Entrevista semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada a 26 de Fevereiro de 2016, pelas 16h, na faculdade de ciências sociais e humanas da universidade nova de Lisboa, com duração de 27'48''.**

1 *Entrevistadora:* Em 1º lugar gostava de saber como teve conhecimento deste projeto?

3 *E10:* Eu conheci este projeto através de um *e-mail* que a faculdade nos mandou porque todos os semestres recebemos *mails* da faculdade relativamente a  
5 estágios curriculares, a voluntariados curriculares e, bem lá no fim, vinha o voluntariado de leitura. Conheci através desse *e-mail* que por acaso eu vi,  
7 porque há muita gente que não os vê, e então quando soube do voluntariado de leitura, como já tinha intenções de fazer o estágio, pensei que ainda seria  
9 melhor porque estaria a ajudar como é óbvio, em qualquer que fosse a instituição que fizesse, e estaria depois a receber os créditos pois acabava por  
11 não ter de fazer uma disciplina se fizesse voluntariado. Como vi que havia o voluntariado de leitura e como eu sempre gostei muito de ler, achei que o  
13 conceito em si era ótimo e portanto decidi candidatar-me.

*Entrevistadora:* O curso que está a tirar é qual?

15 *E10:* Ciência política e relações internacionais (risos). Foi mesmo por puro interesse que fui para o voluntariado de leitura, porque a minha área não está  
17 muito relacionada.

*Entrevistadora:* Pois, não interessa porque a leitura é transversal!

19 *E10:* Pois.

*Entrevistadora:* Então, depois de ter participado neste projeto, como é que descreve a estrutura de funcionamento do mesmo?

20 *E10:* Portanto, nós voluntários cá, temos uma professora, que é a professora  
22 Isabel Alçada, e temos uma técnica que está ligada ao CITI, que é o centro de investigação aqui da faculdade, Cátia Preguiça, que é com quem normalmente  
24 nós comunicamos por *e-mail* caso tenhamos alguns problemas, dúvidas relativas ao... se vamos fazer, se não vamos, quando temos reunião com a  
26 professora Isabel, etc, é ela que estabelece o contato entre nós e a professora Isabel Alçada normalmente. Cá na faculdade tivemos cerca de 5 sessões  
28 presenciais com a professora Isabel Alçada, durante o semestre, nas quais íamos pondo a professora a par daquilo que íamos fazendo na escola, qual era  
30 a nossa opinião, como é que as coisas estavam a correr, etc. E depois na escola em si, na escola básica onde nós ficámos todas, no Agrupamento Filipa de  
32 Lencastre, Escola Básica João de Deus, tínhamos uma professora bibliotecária que era a nossa coordenadora no sítio que era a professora Graça Caldeira, que  
34 ficava encarregue de nós na escola e nos explicava com que alunos é que nós íamos estar, como é que nós havíamos de fazer, como lidar com professores e  
36 auxiliares de educação por exemplo, como é que iam funcionar os intervalos, como é que íamos ajudar, etc, etc. Portanto a estrutura era basicamente esta.

38 *Entrevistadora:* E quando viu o mail então inscreveu-se...



40 E10: Sim. Enviei uma ficha de candidatura com nome, idade, curso, ano de  
42 curso, porque é que queria... foi uma ficha básica de inscrição. E a partir daí  
44 depois contataram-me a dizer que eu tinha sido escolhida ou vá, tinha sido  
46 aceite no voluntariado de leitura e depois tive a 1ª sessão com a professora.  
48 Ainda não estávamos na escola, nós só começámos na escola a meio de  
Outubro e as aulas começaram a meio de Setembro, portanto só começámos  
um mês depois. Tivemos uma sessão presencial com a professora Isabel ainda  
não sabíamos da existência da professora Graça, não sabíamos em que escola  
íamos ficar, ainda estava assim tudo um pouco em “águas de bacalhau”, ainda  
estava mais ou menos organizado mas depois acabou por se compor.

50 *Entrevistadora:* Daquilo que percebeu, quem é que são os colaboradores que  
se envolvem neste projeto?

52 E10: Portanto, daquilo que entendi são, a professora Isabel, Cátia Preguiça,  
54 professora Graça Caldeira, foram as únicas pessoas com quem eu lidei por isso  
56 foi mesmo a ideia com que fiquei, que são elas. Se bem que deve haver mais  
pessoas envolvidas no projeto logicamente, mas com quem eu lidei foram  
estas 3.

*Entrevistadora:* Lá na escola, estava só a Catarina ou havia outras colegas?

58 E10: Não, estávamos duas. Não ao mesmo tempo, ela estava em dias diferentes  
60 já que era consoante a disponibilidade de cada uma. As sessões com a  
professora Isabel é que eram em conjunto.

*Entrevistadora:* Como descreveria o espírito que existe neste projeto, seja aqui  
62 seja depois na entidade de acolhimento, o que é que lhe transmitiram?

64 E10: Eu aqui fiquei com a impressão que havia muito empenho, as pessoas  
66 estavam mesmo muito empenhadas e estavam a dar tudo o que tinham, do  
coração para o projeto. Achei que a professora Isabel estava 100% ligada e que  
68 estava super interessada e empenhada e a confiar em nós e a pôr todo o seu  
interesse em querer ajudar-nos quando precisávamos. A professora Graça  
também, a professora Graça achava que nós éramos uma mais-valia e uma  
ajuda para os miúdos. No entanto os professores da escola básica onde nós  
70 estivemos, revelaram-se um bocadinho mais fechados. Não foram muito... isto  
eu falo por mim, possivelmente a Joana vai ter uma opinião diferente porque a  
72 Joana ficou com alunos do 4º ano cujos professores já tinham participado  
neste projeto, mas eu fiquei apenas com alunos do 2º ano e eu acho que a  
74 professora era a 1ª vez que trabalhava com este projeto. Então colocou-me  
imensos entraves, muitas vezes os alunos não podiam vir ler comigo porque  
76 iam começar uma nova unidade na matéria de *Estudo do Meio* ou qualquer  
coisa assim. Eu acabava por me sentir um bocado inútil porque eu ia para lá  
78 para ajudar a professora, para fazer uma coisa que a própria professora não  
conseguia fazer que era individualmente ajudar cada aluno com dificuldades, e  
80 acabava por ser rejeitada algumas vezes pela própria professora. A professora  
Graça quando assim era, ficava um bocadinho ... Mas acho que o espírito cá era  
82 maior do que o espírito na escola, na escola era só a professora Graça, do meu  
ponto de vista. De resto aqui era muito vivo e forte.

84 *Entrevistadora:* O professor tem um programa ...

86 E10: Pois, exato, um programa a cumprir... mas era engraçado que os  
professores do 4º ano eram muito mais ... “Ah sim realmente ele precisa, ele

88 tem que ir". A professora com quem eu lidei era mais "Ai não, hoje não, fica  
para a próxima" e como só lidava com um miúdo por semana, ele ficava para a  
90 semana a seguir. Então acabava por se perder e eu ficava de braços cruzados  
na biblioteca sem fazer muito não é...?

92 *Entrevistadora:* Em relação à plataforma. Fez a inscrição e depois foi consultar  
a plataforma dos *Voluntários de Leitura*?

94 *E10:* Sim.

96 *Entrevistadora:* O que é que achou? Gostou, acha que é vantajosa, precisou  
dela para alguma coisa?

98 *E10:* Sim. A plataforma tem uma série de vídeos da professora Isabel, e uma  
série de apresentações PowerPoint que eu, e a Joana possivelmente,  
100 utilizámos para podermos lidar com os miúdos porque eu achava que eu  
escolhia um livro e ia lá, mas não, nós temos que dar a escolher aos miúdos  
porque eles podem não ter interesse no livro que nós escolhemos então temos  
102 que dar... Portanto, a plataforma acabou por ser o nosso 2º professor digamos.  
Tínhamos a professora Isabel que nos explicava as coisas mas em casa a nossa  
professora era a plataforma para sabermos como lidar com algumas  
104 dificuldades pertinentes dos alunos. A professora já se tinha apercebido dessas  
dificuldades e então colocou um vídeo a explicar como lidar com alunos que  
106 soletram as palavras por exemplo... Quando isso acontecia e eu não sabia  
como agir, ia à plataforma. Ou seja, a plataforma acabou por se revelar útil  
108 para a minha formação.

110 *Entrevistadora:* Que aspetos, já me explicou um pouco mas se há outros, que  
considera terem sido funcionais no desenrolar do projeto, e disfuncionais?

112 *E10:* Aquilo que funcionou bem e o que funcionou mal? OK. Eu acho que o que  
acabou por funcionar bem foi todo o apoio que nós tivemos, nós realmente  
114 tivemos muito mais apoio do que eu agora estou a sentir junto de alguns  
colegas meus que estão a fazer outros voluntariados curriculares e não estão a  
ter tanto apoio, estão a ter complicações burocráticas em termos de  
116 preenchimento de formulários e coisas assim, e eu não tive qualquer  
problema. A professora Isabel e a Cátia foram impecáveis sempre, a Cátia  
118 inclusive respondia-me sempre aos *e-mails* com meia hora de tempo de  
resposta por isso, isso aí foi 5 estrelas mesmo. O apoio tanto da professora  
120 Graça, como da professora Isabel ou da Cátia, foram 5 estrelas. Agora, o  
disfuncional, o que funcionou menos bem, foi mesmo na escola em si, porque  
122 os problemas com as professoras que não aceitavam muito bem eu acho que  
às vezes até levavam um pouco a mal. Por exemplo, eu tinha o hábito de  
124 chegar à sala, quando era a hora de determinado aluno ler, e bater à porta e  
abrir. Por vezes apanhava a professora a "ralhar" com alguns alunos e eu acho  
126 que ela às vezes ficava um pouco ... a reação era "Não devias ter entrado" ou  
"Não devias ter batido à porta" e por isso "Ele hoje não vai ler contigo". Eu às  
128 vezes sentia que os miúdos ficavam um pouco à toa, pronto, queriam vir mas a  
professora... Mas foi a aquela professora em particular porque eu entretanto  
130 tive oportunidade de estar com um aluno do 4º ano e esse professor já não  
colocava entraves nenhuns. Foi mesmo aquela professora que enfim... mas a  
132 professora Graça acabou por a meio do semestre falar com a professora para  
dar-lhe a entender que realmente nós estávamos lá só para ajudar e não para

134 complicar. Porque entretanto estes alunos para o ano vão para o 3º ano e quer  
136 dizer, um deles não sabia ler de todo, tinha mesmo dificuldades profundas a ler  
e ia ser aluno dela outra vez. Quer dizer, eu possivelmente acabei por não  
138 adiantar muito com ele, não tive o tempo desejável com ele porque a  
professora por vezes punha-me entaves e não me deixava ler com ele. Isso  
funcionou mal mas tirando isso ...

140 *Entrevistadora:* Foi pena porque aquele era o seu momento de voluntariado...?

142 *E10:* Sim exato. Espero que este semestre, se houver voluntariado, que  
melhore ligeiramente.

*Entrevistadora:* O professor normalmente está sozinho logo é uma  
144 aprendizagem. Mas de qualquer forma para si é também visto que em  
qualquer profissão quando chegamos à organização somos o elemento  
146 estranho ...

*E10:* Exato, temos de fazer uma adaptação.

148 *Entrevistadora:* Acha que, tendo em conta a forma como na realidade as  
coisas estão estruturadas, o programa tem os meios, em quantidade e  
150 qualidade, para ajudar os miúdos nesta competência leitora?

*E10:* É assim, eu acho que sim, acho que a estrutura do projeto em si está bem  
152 conseguida, acho até que tem melhorado ao longo do tempo porque penso  
que o projeto o ano passado teve uma voluntária no ano inteiro, este 1º  
154 semestre éramos 3 (eu, a Joana e a Nicole) e outro que entretanto desistiu, e  
agora já têm 2 voluntários. A outra rapariga do ano passado fazia tudo sozinha  
156 e nós este ano já tínhamos as coisas mais divididas, até podiam vir mais porque  
nós éramos mais também. Por isso eu acho que está bem estruturado e a  
158 melhorar ao longo do tempo. Acho que, se calhar, em termos de algo um  
bocadinho a melhorar seria a publicidade do próprio projeto porque como  
160 expliquei, eu vi o *mail* mas muitas pessoas leem “Estágios” “Voluntariado  
Curricular” e depois deixam de ler. O voluntariado de leitura estava mesmo lá  
162 no fim de tudo e eu por acaso, mesmo por acaso, vi. Mas acho que a parte da  
publicidade devia ser um pouco mais aprofundada, investirem mais nisso  
164 porque muita gente, quando eu disse aos meus colegas que tinha começado a  
fazer, ninguém sabia: “O quê, o que é que tu estás a fazer, mas o que é isso?”.  
166 Ninguém sabia o que era porque só havia a lógica do estágio curricular e do  
voluntário curricular. Não havia mais. Portanto acho que em termos de  
168 estrutura em si, organização, acho que está correto e bem feito. Nós fazíamos  
5h semanais divididas em 2 dias e o tempo passava-se num instante.

170 *Entrevistadora:* Em relação aos meninos, havia alguma coisa que vocês  
utilizassem que indicava o progresso que eles estavam a ter?

172 *E10:* Sim. Eu todos os dias aplicava... escrevia todos os dias na minha agenda,  
se tinham acabado o livro ou o capítulo inteiro, se estavam a começar um novo  
174 livro, como é que estavam em termos de progresso, se já não colaboravam  
tanto ou se estavam mais contentes ou mais chateados e queriam jogar em vez  
176 de ler. Eu escrevia isso tudo porque depois isso era necessário para o relatório  
final e algumas partes eram também necessárias para a apresentação que  
178 tivemos de fazer no final em Janeiro. Então sim, eu mantinha um diário de  
bordo em relação... para aqui (faculdade).

180 *Entrevistadora:* Para aqui, lá na escola não?

182 E10: Não, não. Lá na escola de vez em quando a professora Graça perguntava-me “Então está a correr tudo bem?” “O aluno tal está-se a portar bem? Porque a professora tal perguntou”. E eu dizia “Ah sim realmente ... ou não ...não se está a portar bem”. Mas não havia nada de relatório todos os dias que eu ia lá

184 “Professora Graça, hoje aconteceu isto ...” Isso não. Eu não tinha. Eu tinha total

186 liberdade. Ia escrevendo só mesmo porque depois tinha que pôr no relatório escrito e também para me orientar um bocado.

188 Entrevistadora: Para si, depois desta experiência de voluntariado de leitura, quais considera que são os 3 pontos básicos dentro da promoção de leitura?

190 E10: Então... 3 pontos que eu acho fundamentais na promoção de leitura?... Então... Eu acho que a aplicação do Plano Nacional de Leitura acho que acaba

192 por ser um ponto extremamente positivo porque nós temos uma lista de livros que é indicado para os anos x, y e z, e podemos usar portanto, não estamos

194 meio perdidos. Nós entramos na biblioteca da escola e tem montes de livros e nós não fazemos ideia por onde é que havemos de começar. Eu pessoalmente,

196 fui ao PNL ver alguns livros que eu pudesse utilizar e acho que acabei por utilizar um ou outro. Portanto a utilização do PNL é uma boa promoção para

198 leitura dos mais novos. Depois, este tipo de programas, trabalhar na leitura, reservar... por exemplo a escola estava muito ligada a isso, reservava um

200 tempinho de cada aula ou um dia de cada semana, para os miúdos irem à biblioteca representar uma história, ouvir a professora Graça a contar uma

202 história, ou ver um filme qualquer relacionado com um livro que leram, atividades assim desse género. Isso também promove porque não está a obrigar os miúdos a ler, porque obrigar a ler acaba por ser... como nós temos

204 no secundário em que temos que ler Saramago e temos que ler os Maias, e isso acaba por ser um bocado penoso porque temos que ler e não há aquela coisa de... acabamos por não ler porque gosto, e acho que os miúdos quando iam à

206 biblioteca, eu às vezes chegava e a professora Graça estava a contar uma história e estava o professor Hélder que era outro professor que também

208 estava mais ou menos ligado ao projeto, que era professor de música. A professora Graça tinha um livro e o professor ia fazendo sons consoante o que

210 a professora Graça dissesse e os miúdos adoravam aquilo. A professora Graça dizia que tinha dez livros ou vinte o que fosse, porque às vezes as editoras dão

212 muitos livros para depois os miúdos requisitarem, ou os professores têm que ler aquele livro e a escola requisita uns 20 livros daqueles, e os miúdos queriam

214 todos requisitar o livro depois da professora Graça ter lido, queriam levar para casa e mostrar aos pais e então isso acaba também por promover o gosto pela

216 leitura. Acho eu na minha opinião. Eles acabavam por criar o interesse e às vezes até perguntavam “Ah professora, posso ler o que está a ler, posso agora ser eu?”. A professora Graça dizia sempre que não porque pronto (riso).

220 Depois o 3º ponto ... acho que... estou a pensar. Eu disse, o PNL, este tipo de

222 atividade e talvez portanto ... eu não vi nesta escola acontecer isso mas quando eu tive a idade deles, às vezes vinha um autor, por exemplo a professora Isabel

224 Alçada foi à minha escola ler umas passagens do “Uma Aventura” que escreveu com a Ana Magalhães. Nós adorávamos isso. Na altura alguns liam “Uma

226 Aventura” e os que não liam passavam a ler porque a professora Isabel tem uma grande capacidade de leitura em voz alta e então acho que talvez a ida de

228 alguns autores famosos em termos de livros juvenis e infanto-juvenis acho que  
230 acabava também por promover a leitura nos miúdos. Entusiasmá-los. Os pais  
232 também acho que têm um papel importante na promoção de leitura. Os alunos  
234 com quem eu estive, todos me diziam que não liam em casa no entanto eu  
236 sempre li, sempre li em casa, os meus pais sempre leram histórias e eu  
238 também li bastante. Mas os alunos com quem eu tive na escola não, não liam  
em casa só liam na escola e era porque tinha que ser por isso acho que se  
calhar os pais acabam por ser um elo forte. Se calhar acabam por contrair um  
pouco o gosto deles, metem-nos mais a jogar ou uma coisa assim, não sei ... é a  
minha opinião. É mais fácil. A criança ao estar a ler, temos que lhe dar mais  
atenção, dizer que está a ler bem, fazer a entoação ...

*Entrevistadora:* Resumindo, o seu grau de satisfação em relação às expetativas  
que tinha quando viu o *mail*, no fim, ficou satisfeita?

*E10:* No fim, cheguei ao fim bastante satisfeita, superei as minhas expetativas  
excepto em alguns pontos fracos que estiveram relacionados com os  
impedimentos na escola, mas tirando isso, a maioria do tempo foi agradável.  
Foi bem passado. Às vezes ia para lá e não me apetecia mas acabava por não  
querer sair de lá. Nós acabamos por nos sentir úteis e que estamos mesmo a  
ajudar os miúdos que precisam e é um sentimento de realização.

*Entrevistadora:* Quando não lhe apetecia era pela criança, por não saber bem  
como é que ela ia reagir?

*E10:* Não, não, não. Era mesmo porque imagine, o voluntariado apanhou-me  
semanas em que eu estava em frequências e trabalhos de grupo e  
apresentações e eu só me apetecia ir para casa mas ainda tinha voluntariado.  
Às vezes admito pensava que ia perder tempo mas depois chegava lá e  
pensava “Ainda bem que vim porque sempre foi um “buraquinho” que eu tive  
no meu stress”. Acaba por ser uma energia boa.

*Entrevistadora:* Pode explicar como funciona a opção pelo voluntariado? Ao  
seleccioná-lo não tem de fazer uma disciplina?

*E10:* Portanto, o processo de Bolonha instaurou os créditos e nós temos que  
acabar a licenciatura com 180 créditos e ao mesmo tempo temos x disciplinas  
obrigatórias para fazer: 5 opções condicionadas dentro de um grupo e depois  
temos que preencher o resto com opções livres. E normalmente as opções  
livres só dão 3 créditos. Acabamos por ter que fazer muitas opções livres para  
chegar ao fim com 180 créditos. O que eu fiz foi por optar o voluntariado  
curricular que me dava 6 e assim em vez de fazer 6 opções condicionadas,  
porque imagine, teria que fazer 6 para completar os créditos, assim faço só  
mesmo 5 e não faço tantas opções livres. Claro que eu fiz por gosto mas depois  
juntou-se a parte útil que foi não ter que fazer algumas disciplinas a mais se  
não tivesse feito o voluntariado de leitura que me deu 6 créditos, o equivalente  
a uma disciplina obrigatória. As disciplinas e o voluntariado são por semestre. A  
diferença é que por aula temos 1h30m 2x por semana e no voluntariado tive  
2h30m 2x por semana só que as aulas acabam por ser mais tempo porque fiz  
voluntariado em menos tempo. Comecei as aulas em Setembro e o  
voluntariado a meio de Outubro, e acabei quando os miúdos acabam o ano  
lectivo. Acaba por ser o mesmo.

*Entrevistadora:* Muito obrigada!

275 *E 10:*Espero que tenha sido útil.

**Anexo S – Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.11.**

**AUTORIZAÇÃO E11**



Autorizo a publicação, na íntegra, da entrevista realizada pela mestrande Olga E. E. Gomes Valério, para efeitos de elaboração da sua tese de dissertação de mestrado em Gestão de Sistemas de e-Learning, intitulada “A Importância da Tutoria e Mediação na Promoção da Leitura”.

A Entrevistada

Joana Margarida Encarnado Góddes

## ENTREVISTA AO COLABORADOR 11.

**Entrevistada 11 ou E11\_Nível 3/ Voluntária no projeto *Voluntários de Leitura*/ Entrevista semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada a 4 de Março de 2016, pelas 14,30h, na faculdade de ciências sociais e humanas da universidade nova de Lisboa, com duração de 39'07".**

1 *Entrevistadora:* Se calhar começávamos por explicar como é que teve conhecimento do projeto *Voluntários de Leitura*?

3 *E11:* Eu fiz o voluntariado de leitura o semestre passado, de Setembro a Dezembro e tive contato com este projeto logo no início do semestre, ainda não tinham começado as aulas. Enviaram-nos um *e-mail*, a faculdade tem um sistema de comunicação que funciona bastante bem para divulgar projetos e eventos e precisamente num desses *e-mails* referiam a oportunidade de fazer voluntariado curricular, como opção curricular. Achei que seria uma coisa interessante, eu estou no 3º ano do curso, no último ano, e já que tinha oportunidade de fazer cadeiras opcionais decidi fazer o voluntariado. Na altura tive contato com o voluntariado de leitura porque escolhi trabalhar na rede de bibliotecas escolares e encaminharam-me para esse voluntariado de leitura. Escolhi este tipo de voluntariado, poderia ter escolhido trabalhar num outro tipo de organização com outro tipo de funções mas escolhi este porque gosto muito de ler e percebi que seria uma oportunidade interessante para perceber como é que se consegue transmitir no fundo o gosto pela leitura às crianças, como é que nós as podemos ajudar a descobrir o mundo da literatura.

*Entrevistadora:* Qual é o curso?

19 *E11:* Eu estou em Ciências da Comunicação aqui na faculdade (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

20 *Entrevistadora:* Como é que descreve o suporte de funcionamento do projeto?

22 *E11:* Muito bom. O funcionamento do voluntariado está bastante organizado, não levou muito tempo desde que eu decidi inscrever-me até que o processo fosse regularizado ou que entrasse em contato com alguém, foi tudo bastante célere. Desde o início que nos orientaram muito bem e deram-nos indicações necessárias para trabalharmos, puseram-nos em contato com a professora que é a coordenadora da biblioteca na escola onde iríamos trabalhar, no agrupamento Filipa de Lencastre e ela orientou sempre muito bem o nosso trabalho. Ajudou-nos a conhecer o espaço da biblioteca, a conhecer os livros, deu-nos indicações para o trabalho com as crianças, foi ela que nos atribuiu os alunos de cada turma e que organizou essa parte na escola. Aqui na faculdade tínhamos as sessões presenciais com a professora Isabel Alçada e durante essas sessões discutíamos vários temas relacionados com os módulos de aprendizagem que tínhamos e também tivemos informação de como trabalhar com as crianças, desde as escolhas dos livros, ao tipo de leitura que devíamos fazer em cada caso, como ultrapassar algumas dificuldades, e foi uma grande ajuda. Também na internet, o próprio *síte* do voluntariado de leitura, dos *Voluntários de Leitura*, está muito bem organizado para a parte dos voluntários, com informação necessária em diversos temas. Acho que isso



40 tornou o nosso trabalho com um objetivo mais preciso, não foi algo disperso  
em que tentámos perceber o que é que estávamos realmente a fazer, não, ele  
42 foi muito bem orientado desde o princípio e acho que isso ajudou a que o  
nosso desempenho, e depois os resultados, fossem bons.

*Entrevistadora:* Quem verificou que seriam os colaboradores deste projeto,  
44 esses que referiu? Dentro do espaço escola, era apenas a professora  
responsável pela biblioteca?

46 *E11:* Sim, sim, na escola era só a professora Graça. Nós não tínhamos o  
contacto direto com os professores, foi a professora Graça. O contato que  
48 tínhamos com eles foi logo no início para perguntar que tipo de trabalho é que  
deveríamos fazer com os seus alunos, em que é que nos haveríamos de focar,  
50 em que problemas na leitura deveríamos trabalhar. Depois, ao longo do  
semestre que lá estivemos, foi para dar *feedback* de como é que os alunos  
52 estavam a progredir ou se não estavam. Às vezes eram eles até que nos  
vinham perguntar isso.

54 Aqui na faculdade era a professora Isabel Alçada e, eu não tenho a certeza da  
56 função, mas era também a Cátia Preguiça. Ela respondia sempre às nossas  
questões quando tínhamos alguma dúvida com as reuniões ou precisávamos  
58 de alterar alguma coisa ou se havia algum problema, nós falávamos com ela.

*Entrevistadora:* Como descreveria o espírito que existiu no projeto durante o  
60 tempo que fez o voluntariado?

62 *E11:* Eu penso, e com as minhas colegas também foi isso que senti, que foi um  
espírito de trabalho muito positivo. Nós trabalhávamos sempre com muita  
64 vontade e interesse até porque foi um projeto no qual entrámos de forma  
voluntária, não foi nada obrigatório, e à partida é uma coisa que nós gostamos  
de fazer. Penso que pelo menos da minha parte, desenvolvi o projeto sempre  
66 assim.

*Entrevistadora:* E por parte das pessoas responsáveis?

68 *E11:* Era igual de todas as partes.

*Entrevistadora:* À pouco falou da plataforma dos voluntários, o acesso que teve  
70 como voluntária do projeto é diferente daquele que eu tenho como cidadã?

72 *E11:* Eu penso que sim. A diferença está no fato de, quando nós nos  
inscrevemos como voluntários, temos acesso a outros instrumentos, outras  
ferramentas, mas ainda assim, quem queira entrar no site para conhecer o  
74 projeto e conhecer o trabalho que fará caso queira ser voluntário, então  
também tem bastantes apoios lá.

76 *Entrevistadora:* Então as vantagens que a plataforma tem são quais?

78 *E11:* Vantagens a nível de organização do trabalho, a nível do desempenho e  
também na descoberta ou no conhecimento de outras matérias igualmente  
importantes para a função enquanto voluntário.

80 *Entrevistadora:* Em relação à sua experiência de voluntariado, que aspetos  
considera terem sido especialmente funcionais e outros que não correram tão  
82 bem?

84 *E11:* Acho que no geral o projeto correu bastante bem porque a professora  
Graça também fez um trabalho rápido na designação dos alunos para cada  
voluntário e os alunos que nos foram atribuídos mostraram sempre um grande  
86 empenho na atividade. Todos eles tinham algumas dificuldades na leitura ou

na questão de interpretação, de decifração das palavras, aqueles problemas que se têm quando se começa a aprender a ler. Eu tinha alunos do 2º ano e nesse caso era mais o problema de decifração, leitura silábica e assim... e alunos do 4º ano, e nesses casos era um problema de compreensão porque eles liam bem o texto mas depois não conseguiam fazer a sua interpretação correta e então trabalhava sempre de forma diferente porque eram casos diferentes uns dos outros. Com os professores as coisas também correram bem, também estiveram relativamente abertos à integração dos alunos no projeto. A professora Graça coordenou os horários, perguntou logo a nossa disponibilidade e tentou encaixar os alunos no tempo que nós tínhamos disponível. Em termos de espaço, a biblioteca é relativamente pequena mas estava bem dividida. O que aconteceu em algumas das vezes que tive as sessões de leitura com os alunos foi o fato da biblioteca ter atividades em simultâneo como por exemplo leituras nas turmas, atividades com o jardim-de-infância... esse tipo de atividades, e nesse caso tinha que me deslocar para a sala de professores ou para uma pequena sala adjacente, para ler com as crianças em silêncio, caso contrário não ia resultar muito bem.

*Entrevistadora:* E as crianças, a recetibilidade delas?

*E11:* No geral, (eu tive 9 crianças) apesar das dificuldades que elas tinham na leitura, pareceu-me que estavam muito empenhadas em melhorar. Lembro-me do caso de 2 rapazes que eram do 4º ano e iam os 2 ler em conjunto, iam os 2 comigo ao mesmo tempo, e nesse caso eles tinham muitas dificuldades de interpretação e mesmo de relembrar aquilo que tinham lido. Lembro-me que na 2ª sessão quando eles chegaram lá e eu perguntei o que é que tínhamos lido já não se lembravam. Pedi-lhes que fizessem um esforço para que na próxima pudessemos falar das coisas que tínhamos lido naquela, e assim que eles chegaram nem tive que perguntar, começaram logo por dizer que se lembravam das personagens e que lembravam-se da história. Demonstraram vontade e eles próprios fizeram um esforço para melhorar. E foi assim com todas as crianças. Sempre com interesse no que estavam a fazer, na leitura, nunca me pediram para ler ou disseram “Ai já estou cansado”. Faziam sempre esse esforço. Quando percebia que estavam mais... já... não diria aborrecidos mas a fazer já um grande esforço, parávamos um bocadinho a leitura, falava com eles e depois eles próprios tomavam a iniciativa de continuar a leitura, de continuar a ler o livro. Tive apenas um caso bastante difícil de um aluno do 2º ano que não mostrou mesmo vontade nenhuma de estar no projeto e eu considero que o tempo não foi bem aproveitado. Eu tentava que ele lê-se mas era sempre muito difícil, escolhia sempre o mesmo estilo de livros, não lhe impunha outros porque percebi que só aqueles é que mesmo assim lhe despertavam algum interesse mas era muito complicado e estava sempre irrequieto. Foi o único aluno que deu assim mais trabalho digamos.

*Entrevistada:* E aí tinha o *feedback* dos professores para darem uma dica ou porque seria que isso acontecia?

*E11:* Na altura não mas eu depois percebi porque estive com a professora enquanto ela estava a dar a aula, percebi que o aluno é sempre assim. Não foi só comigo. Ele era assim, alguns dos colegas eram também muito irrequietos e tinham algumas dificuldades na concentração. Na altura não falei com a

134 professora até porque quando tinha este aluno era no intervalo da hora do  
 136 almoço e não consegui falar com ela. Também nunca me pareceu que fosse  
 necessário. Não poderia assim de um momento para o outro dizer “Olhe se  
 calhar não vale a pena”.

138 *Entrevistadora:* Não, pois, era no sentido oposto. “O que é que me aconselha?”  
 140 *E11:* Pois não sei se ela me poderia ajudar porque realmente percebi que era  
 um caso difícil. Mas foi desafiante e não quis obviamente desistir, e não se  
 pode desistir dos miúdos quando apresentam dificuldades até porque é  
 142 mesmo para eles que isto é pensado.

*Entrevistadora:* Podia ser imaturidade só.

144 *E11:* Pois, era aluno do 2º ano ainda e por vezes eles levam um bocadinho mais  
 de tempo.

146 *Entrevistadora:* Da experiência que teve, conseguiu ter a perceção se os  
 148 voluntários que lá estiveram correspondiam ao que a escola necessitava em  
 termos de quantidade ou aquilo que vocês tinham para levar tinha qualidade  
 suficiente para estar a acompanhar os meninos? Ou precisavam de mais ou  
 150 ainda era demais?

*E11:* Eu acho que nós fizemos bem o nosso papel ali. Não temos formação na  
 152 área da educação ...

*Entrevistadora:* Isso não foi um problema?

154 *E11:* Só em casos muito pontuais. Por exemplo na leitura de alguns textos as  
 156 crianças não conseguiam decifrar todas as palavras, e num dos casos isso era  
 recorrente, e nós tivemos imensas sessões e não foi possível melhorar, nesse  
 caso não sei se não deveríamos ter outro tipo de formação prévia. Mas, por  
 158 outro lado, não deveríamos ter essa formação porque não é essa a nossa  
 função. Existem professores de ensino especial, neste caso era uma aluna que  
 160 tinha esse apoio, e no voluntariado de leitura não temos essa como nossa  
 função. Notam-se algumas dificuldades mas mesmo assim notei melhorias  
 162 mais para o final talvez também devido a esse apoio extra que ela tinha na  
 escola. Foi o único caso porque de resto acho que funcionou bem e acho que  
 164 até deveria de algum modo tentar-se integrar-se mais gente neste projeto.  
 Senti que havia crianças que não ficaram incluídas ou que não tiveram mais  
 166 sessões semanais, porque não há gente suficiente. Eu ia lá 2 vezes por semana  
 e não tinha as mesmas crianças o que significa que cada uma só fazia uma  
 168 sessão por semana. Acho que isso na aprendizagem de leitura, como de outras  
 matérias, é insuficiente especialmente numa fase tão primária ainda.

170 Mas percebi que não tinha respondido à outra parte da questão anterior, das  
 coisas que correram menos bem, e foi precisamente neste aspeto de não haver  
 172 uma grande comunicação entre nós voluntários, e os professores. Não houve  
 assim muito *feedback* e com algumas das crianças foi difícil começar logo as  
 174 sessões. Algumas pessoas chegaram já só em Outubro e como é uma atividade  
 que requer meia hora deles, em que a criança não vai estar na sala, por vezes  
 176 pareceu que os professores não percebem bem que benefício é que trará para  
 o aluno. Acho que o projeto deveria ser melhor explicado aos docentes porque,  
 178 parece-me a mim, é algo muito positivo e que os pode ajudar também a eles  
 pois nós estamos a fazer um trabalho que eles não podem fazer na aula. Uma  
 180 atenção especializada em casos de alunos que têm dificuldades de leitura, não

182 pode ser conseguida, por questões de logística, não podem dar apoio a uma  
criança e esquecer as restantes 29. Acho que isso poderia ser melhor explicado  
184 aos professores para os tentar tornar mais recetivos a integrar os alunos no  
projeto.

*Entrevistadora:* É a questão do programa para cumprir ...

186 *E11:*Exatamente. Aconteceu muitas vezes eu chegar à sala e eles não estarem  
porque foram em visitas de estudo e eu não sabia, não tinham avisado, outros  
188 casos em que eu chegava lá e “Ai peço desculpa mas eles hoje têm ficha de  
avaliação.”, “Ele hoje tem de ficar porque não terminou o trabalho na hora.”ou  
190 “Ah, esqueci-me que isto era hoje!”. Quando me disseram isso eu pensei:  
“Pronto, fazer um horário!” Fiz um horário e entreguei aos professores todos  
192 para não haver desencontros. Eles próprios pediram “É melhor entregar  
porque eu depois não sei se é à quarta se é à quinta...”. Era curioso porque os  
194 alunos que eu tinha à hora do almoço, no início eu tinha que os ir buscar  
porque eles estavam no recreio mas depois no final, já no mês de Novembro,  
196 eles apareciam à porta ainda eu não estava lá ou assim que eu aparecia perto  
da biblioteca eles vinham logo a correr para ir e eu tinha de dizer “Ainda não é  
198 a tua hora!”. Mas eles já sabiam “É quarta-feira portanto, se ela apareceu deve  
ser agora.”.

200 *Entrevistadora:* Esse é um momento em que se está a prestar só atenção a ele  
ou a ela.

202 *E11:*Sim, eu acho que eles gostaram dessa atenção e também porque naquele  
tempo podiam ler algo, podiam ler um livro que não é o livro que têm que ler  
204 na sala. Estão a dar um livro na sala que se calhar não gostam tanto mas  
chegam ali e podem escolher uma coisa que não tem nada a ver. Um livro de  
206 banda desenhada por exemplo, um livro sobre animais, qualquer coisa assim. E  
se depois não gostarem do livro podemos trocar, não há obrigatoriedade  
208 nenhuma de continuar a ler aquele.

*Entrevistadora:* Existia da sua parte, ou era indicado aos vários voluntários,  
210 uma forma de acompanhar o progresso dos meninos?

*E11:* Em que sentido?

212 *Entrevistadora:* Em que tivesse indicadores para permitir fazer um balanço ou  
explicar a alguém a evolução da criança?

214 *E11:* Pois, não tínhamos nenhum modelo para seguir mas também acho que  
não era necessário porque nós chegámos ali e não tínhamos nenhuma  
216 expectativa, era como se estivéssemos num grau zero porque não conhecemos  
as crianças e são todas diferentes umas das outras. Fui registando o processo  
218 segundo aquilo que conseguia perceber nas sessões de leitura. No relatório  
deveríamos dar essas informações, de sentirmos que houve progresso ou que  
220 não houve. Até porque é fácil para nós percebermos se eles estão a melhorar,  
se não estão ou se estão até a regredir. Mas não, não havia assim nenhuma,  
222 digamos, nenhuma tabela que tivéssemos de preencher ou passos que  
deveríamos seguir. Nós estávamos a fazer apenas um acompanhamento e a  
224 tentar despertar o gosto pela leitura.

*Entrevistadora:* Quando decidiu que queria este projeto, quais eram as suas  
226 expectativas?

*E11:* As expectativas eram precisamente... para mim tinha o interesse de saber

228 como era trabalhar do outro lado numa escola. Sempre estive deste lado do  
230 aluno e pensei que seria uma oportunidade muito interessante e única, até  
232 porque não quero seguir a via do ensino, seria uma oportunidade única para  
234 ter esse contato. E depois também porque, como referi no início, tenho um  
236 grande interesse pela leitura e leio desde pequena, e achei que poderia ser útil  
238 para ajudar as crianças numa idade tão tenra, a fazerem essa descoberta  
também. A tentar puxá-los para esse lado mais lúdico da leitura que muitas  
vezes hoje em dia é esquecido. Há tantas outras coisas que eles podem fazer  
sem ser pegar num livro. A minha expectativa era precisamente cativar os  
alunos para esse lado e tentar ultrapassar algumas dificuldades que eles  
tinham. Na altura quando comecei não sabia, e depois fui tendo contato ao  
longo das sessões.

240 *Entrevistadora:* E obteve aquilo que estava à espera?

242 *E11:* Sim, sim, foi bastante gratificante. Mas também porque eles apresentaram  
244 melhorias, umas mais significativas outras nem por isso mas de modo geral  
também demonstraram interesse e vontade em continuar o projeto. Houve  
alguns que no final ficaram um bocadinho confusos quando eu lhes disse que  
em Janeiro quando começasse o 2º período, não ia voltar. Perguntavam: “Mas  
246 porque é que não vai voltar?!”.  
*Entrevistadora:* Eles não compreenderam este funcionamento mais conhecido  
dos adultos... Quando falou em livros eram sempre impressos?

248 *E11:* Sim, sim... Até porque é engraçado. Eu pelo menos... eu tenho o  
250 computador e às vezes para a faculdade opto por ler os textos no computador,  
também porque é mais simples ou menos dispendioso mas quando quero ler  
252 livros nunca leio em ecrãs. Gosto daquela experiência com o papel, tocar,  
folhear, sentir o cheiro de um livro novo é tão bom! E acho que eles também  
254 gostam disso, até porque têm desenhos e podem ver os detalhes nos  
desenhos, tentar relacionar com a história, podem, se quiserem, ir à última  
256 página ver como é que termina a história e depois vamos ver se querem ler o  
resto...

258 *Entrevistadora:* Embora já haja coisas muito bem feitas com o apoio das  
tenologias e em que podem ver não só os desenhos como as letras, saber o  
260 significado da palavra, remeter para ouvir alguém a ler... Mas tudo tem a sua  
base, e a base é o livro.

262 *E11:* Sim, um livro é um livro. E também aprendem a estar e movimentar na  
biblioteca.

264 *Entrevistadora:* Para si, se perguntar os 3 pontos básicos em matéria de  
promoção de leitura, diria o quê como o mais importante?

266 *E11:* Hum, tenho que pensar um bocadinho... Os 3 pontos base para promover  
a leitura... O interesse no desenvolvimento dessa ajuda por parte de quem está  
268 a fazer promoção. A criação de mais projetos dentro das escolas e mesmo em  
casa para promover a leitura não só no nível do ensino mas também num nível  
270 mais lúdico. E um acompanhamento acho que é essencial para promover uma  
boa leitura. Boas práticas de leitura: acompanhar, discutir, debater, falar das  
272 experiências que têm, mas isso lá está, faz-se tudo através de projetos. Não  
são acções esporádicas ou eventos esporádicos que possam acontecer. Acho  
274 que tem de haver uma organização mais estável e mais contínua. Não pode ser

uma coisa com uma periodicidade de 2 vezes por mês ou algo assim, é preciso  
276 ser uma coisa mais constante. E acho que, no caso da escola, os professores  
têm que estar mais recetivos também a essas ações, não podem simplesmente  
278 pensar “Ah que chatice, agora meia hora com os miúdos ali. Tenho mas é que  
acabar estas fracções!”.

280 *Entrevistadora:* Cada profissional com os seus problemas e depois, neste caso,  
nem sequer sendo profissionais...

282 *E11:* Sim, sim. Pois havia miúdos que até ficavam confusos quando  
perguntavam o que é que nós éramos. Para eles é tudo professores. No final  
284 houve uns que até me entregaram uns desenhos a dizer professora Joana. Eu  
disse “Não sou professora.” e eles “Ah sim. Não faz mal”. Havia uns que diziam  
286 (tom trocista) “Ela não é professora!” mas depois também não sabiam explicar  
o que é que era. Bom mas concluindo, usar atividades soltas origina a que uns  
288 tenham a sorte de ser acompanhados mas os outros também não podem ser  
ignorados. Por isso acho que essa ação deve partir... acho que tem que se  
290 estimular tanto os professores como os pais ou familiares que estejam mais  
tempo com as crianças, para a importância que tem a leitura e para o gosto  
292 pela leitura, seja qual for o género de livro. Não têm que gostar todos duma  
coisa ou de um autor. Mas eles não fazem isso por si. Há miúdos que tomavam  
294 a iniciativa de ir à biblioteca nos intervalos (eu acompanhava o intervalo da  
manhã à quinta-feira) e percebia-se que havia crianças que tinham um maior  
296 contato com os livros, que liam mais ou que liam para eles, do que outras  
crianças. Muitos iam à biblioteca, já conheciam o espaço, sabiam onde é que  
298 estavam os livros que queriam, requisitavam e devolviam, outros entravam lá  
ainda a olhar quase que pela 1ª vez e diziam para os colegas “Ah então mas  
300 estás aqui a fazer o quê? Vamos mas é jogar à bola!” e isto a puxar e chamar os  
amigos. Claro que não têm todos que gostar de ler não é?, mas acho que é  
302 importante mostrar-lhes esse mundo para eles decidirem que papel é que  
querem ter nele.

304 *Entrevistadora:* Então assim, o seu grau de satisfação é?

*E11:* Não tem uma escala? (risos) Eu fiquei bastante satisfeita com o projeto,  
306 acho que foi muito interessante, não o fiz pelos créditos de todo, não foi essa a  
ideia, podia ter feito outra cadeira, e também não fiz a pensar no meu futuro  
308 profissional porque não tem nada a ver com a minha área, fiz porque era uma  
coisa que gostava de fazer e que gostei de fazer. Há aspetos que podem ser  
310 melhorados, que eu referi antes, mas acho que o projeto no seu todo é algo  
que pode ter muito mais impacto. Pode ser muito mais aproveitado e  
312 proveitoso também para quem nele participe. É uma questão de o divulgar  
mais e de o desmistificar junto da comunidade escolar como os pais e nós  
314 alunos e outras pessoas que queiram participar. Eu terminei a unidade  
curricular mas inscrevi-me e continuo como voluntária de leitura. Estou à  
316 espera que me atribuam um horário e continuo. Vou tentar ficar na mesma  
escola para continuar esta ação o tempo que tiver livre.

318 *Entrevistadora:* Por último gostaria de saber as suas habilitações.

*E11:* 12º ano concluído, licenciatura em Comunicação no 3º ano a terminar em  
320 Maio/Junho de 2016.

*Entrevistadora:* Obrigada pela sua colaboração.

322 *E11*: Tive todo o gosto.

## Anexo T – Entrevista e respetiva autorização de publicação/ E.12.

### AUTORIZAÇÃO E12

#### ENTREVISTA AO COLABORADOR 12.

**Entrevistada 12 ou E12.\_Nível 7/ Coordenadora dos Coordenadores Inter-concelhios da Rede de Bibliotecas Escolares/ Entrevista semiestruturada precedida de envio digital de guião, realizada a 11 de Março de 2016, pelas 14,30h, no Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares em Lisboa, com duração de 35'56''.**

1 *Entrevistadora:* Sou mestranda do mestrado em Gestão de Sistemas de e-  
3 *Learning* e no final, a professora Irene Tomé e a professora Isabel Alçada,  
sugeriram-me a análise do projeto *Voluntários de Leitura*. Considerei  
interessante realizar entrevistas a representantes das várias áreas do projeto e  
várias pessoas sugeriram a Dra. Carla Fernandes. Deste modo, para iniciar a  
nossa entrevista, gostaria de saber o que levou a Rede de Bibliotecas Escolares  
a ser parceira do projeto *Voluntários da Leitura*?

7 *E12:* A rede de bibliotecas escolares foi parceira deste projeto devido  
9 precisamente à possibilidade de promover a leitura. Também porque nas  
escolas às vezes os recursos não são os suficientes e sabíamos que para ajudar  
as crianças com dificuldades na leitura, às vezes são precisas mais pessoas do  
que propriamente os professores e os recursos que a própria escola tem. A  
bolsa de voluntários é uma mais-valia para que tudo funcione melhor.

13 *Entrevistadora:* Sim, a pensar nos destinatários.

15 *E12:* Sim, sim, foi nesse sentido.

*Entrevistadora:* E em termos da passagem da ideia para a realidade, qual a  
forma que encontraram para ele ir para o terreno?

17 *E12:* Eu não entrei no início, foi a Dra. Manuela, eu quando vim, que foi no ano  
19 letivo anterior, a plataforma já estava instalada, feita por alguém da  
universidade, e eu quando cheguei tinha a plataforma instalada, com os  
20 voluntários inscritos, com as escolas inscritas, e dei continuidade ao trabalho  
da Dra. Manuela Silva.

22 Inicialmente eu segui a metodologia de operacionalização que a Dra. Manuela  
usava que era: havia os voluntários, os voluntários têm as características, têm as  
idades preferidas, e colocava através da plataforma, em determinada escola,  
de acordo com a especificidade daquilo que o voluntário pedia. Cheguei a meio  
26 do ano passado e verifiquei que, se eu não fizesse um trabalho atempado com  
os coordenadores inter-concelhios, os chamados CIBE que fazem o trabalho  
28 com os professores bibliotecários, se a escola não tiver vontade ou não sentir  
falta de ajuda com aquelas crianças que têm dificuldades na leitura, não vale a  
pena colocar lá voluntários. Portanto, o trabalho é feito sempre com as  
30 pessoas no terreno porque verificou-se que havia voluntários colocados que  
quando a escola os contactava, ou não havia receptividade, ou desligavam-se, ou  
32 o inverso... a escola até não queria, inscreveu-se, mas deixou andar e naquela  
altura já não lhe interessava muito, o voluntário foi lá colocado e não houve  
34 muita interação. E portanto, eu faço um trabalho *a priori*. Pergunto sempre aos  
36 CIBE se há alguma escola que queira voluntários e que goste de trabalhar com



38 voluntários e depois vou à procura dos voluntários que tenham preferência do  
40 1.º ciclo, 2.º ou 3.º ciclo, as idades, os horários. Comunico àquele CIBE que  
aquele voluntário foi colocado naquela escola com determinados horários.  
42 Depois é tudo feito através da plataforma... ou melhor, nem sempre é feito  
porque os professores preferem contatar por telefone, falam com o voluntário  
44 e começam a trabalhar mas depois esquecem-se daqueles «passinhos» todos  
que é preciso fazer na plataforma para o voluntário ter direito ao seguro...  
46 nessa altura, lá estou outra vez “Olha aqui esqueceram-se de fazer isto.”  
Porque, uma das grandes vantagens da plataforma é poder colocar a nível  
48 nacional. Eu, que estou aqui em Lisboa, coloco voluntários desde o norte até  
ao sul e se não fosse *on-line* era muito complicado. Outra das formas de  
operacionalização é a Rede de Bibliotecas Escolares ter também CIBE de norte  
50 a sul, e eu consigo trabalhar com eles que por sua vez trabalham com os  
professores bibliotecários que por sua vez trabalham com a escola. Portanto,  
vem sempre de baixo, trabalho sempre a partir da necessidade da escola  
52 porque senão não resulta...por isso é que há alguns voluntários por colocar.  
Também há uns que eu coloco e depois não correspondem às escolas e eu  
54 prefiro dar poucos passos mas com consistência, do que, colocar a eito e  
56 depois não funcionar porque a escola não está acessível a isso.

*Entrevistadora:* Há tanta coisa a acontecer na escola, se não estiverem mesmo  
58 interessados...

*E12:* Sim, uma escola que se inscreveu em 2012 poderá não ter já o mesmo  
60 professor bibliotecário, os professores já não serem os mesmos mas a escola  
está inscrita na mesma. A escola não se «desinscreve»... e portanto, eu poderia  
62 colocar alguém agora em 2016 e a escola já não estar recetiva a receber  
voluntários.

64 Depois os voluntários têm várias tarefas. Tanto podem ler com crianças do 2º  
ano, que para mim é a fase...concordo com as linhas do projeto, que é a fase  
66 mais complicada das crianças na aprendizagem da leitura, que é quando já têm  
que ter uma capacidade leitora mais fluente e que se não têm, da maneira  
68 como os programas educacionais estão, não conseguem ter sucesso no 2º ano,  
e há voluntários que fazem leitura a par com essas crianças. Também há  
70 voluntários que não fazem leitura a par, fazem um trabalho mais regular na  
biblioteca escolar, fazem leitura para uma turma ou ajudam nas diversas áreas  
72 que as bibliotecas escolares têm. E é tudo através sempre da... passa sempre  
tudo pela biblioteca. Por exemplo na minha escola, a voluntária escolar que lá  
74 está faz leitura a par com os alunos do 2º ano, dentro da biblioteca escolar. Ao  
mesmo tempo que eu faço voluntariado, os meus alunos de 4.º ano fazem  
76 voluntariado de leitura a par com meninos do 2º ano, estamos lá todos.  
Aproveitámos um pouco as linhas do projeto. Eu tenho um projeto de  
78 voluntariado de leitura dentro da minha turma e este ano vi essa nova  
vertente, eles vão ler às salas e para além disso, apoiam os meninos do 2º ano,  
80 fazem leitura a par com eles.

*Entrevistadora:* Quais diria que são os objetivos deste projeto?

82 *E12:* Os objetivos deste projeto é melhorar a capacidade de leitura das crianças  
e ajudá-los a progredir na aprendizagem porque se não conseguirem ler, se  
84 não tiverem a competência leitora perfeitamente desenvolvida, não

conseguem aprender mais nada. A leitura está na base de tudo.

86 *Entrevistadora:* E os colaboradores do projeto?

88 *E12:* Os colaboradores são: a escola, os professores, os professores  
bibliotecários, os CIBE e o próprio gabinete. Isso é do nosso lado. Do lado de lá,  
90 temos o CITI, temos a universidade (a Cátia trabalha diretamente comigo), e  
depois temos outras instituições mas sei de cor apenas aquelas com quem  
trabalho diretamente.

92 *Entrevistadora:* Acha que desde que iniciou até agora, consegue ver uma linha  
condutora no trabalho?

94 *E12:* Sim e a maioria das escolas em que o sistema flui e corre bem, ou  
continuam com o voluntário, ou se esse voluntário no ano seguinte não quer,  
96 pedem mais voluntários. Tenho várias escolas que telefonam diretamente para  
aqui a dizer que precisam de um voluntário (risos)... já sabem, é mais rápido. E  
98 depois como eu também fui CIBE de Lisboa, principalmente aqui as de Lisboa,  
conhecem-me e portanto...

100 *Entrevistadora:* Os voluntários não são especificamente os que fazem  
voluntariado curricular?

102 *E12:* A diferença entre voluntários curriculares e voluntários de leitura não  
curriculares é que os voluntários curriculares são jovens que estão a tirar o  
104 curso na Universidade Nova, que é a nossa parceira, e fazem uma cadeira que  
é chamada *Voluntário de Leitura Curricular*. Existindo uma escola perto da  
106 Universidade, é aí que vão maioritariamente fazer esse voluntariado. Este  
semestre estão lá dois naquela escola e o semestre passado tiveram 3. No  
108 início foi, não digo difícil mas passa por um processo... a direção tem que  
aprovar e tudo mais... depois, quando se verifica que funciona e que os miúdos  
110 ganham com isso, agora é só dizer há mais 2 ou 3 voluntários curriculares que  
podem ir para lá e já estão à espera deles.

112 *Entrevistadora:* E os outros nas outras escolas, não são curriculares?

*E12:* Não são curriculares. Qualquer pessoa, qualquer pessoa que conhece o  
114 projeto, inscreve-se na plataforma, diz o tempo disponível que tem e a partir  
daí fica disponível para eu colocar numa escola. Se for em Biblioteca Municipal,  
116 já é da parte do CITI que colocam. Eu só coloco nas escolas através dos  
professores bibliotecários, que é com quem nós trabalhamos.

118 *Entrevistadora:* E o balanço... em termos da quantidade dos voluntários, são  
suficientes para aquilo que as escolas necessitam?

120 *E12:* Não, não são... Não, são! Os voluntários que estão inscritos na plataforma  
são suficientes para aquilo que as escolas necessitam, não estão é colocados,  
122 se calhar, os voluntários suficientes para aquilo que as escolas necessitam.  
Devido ao fato de eu não os colocar a eito, porque acho que não funciona.  
124 Porque faço um trabalho direto com as escolas e só depois de eu perceber que  
a escola quer o voluntário e quer trabalhar com ele... porque se o voluntário for  
126 para lá e a escola não trabalhar com ele, não vale a pena. Como é a nível  
nacional é mais complicado, há muito mais voluntários colocados este ano do  
128 que no ano passado portanto, o projeto está a caminhar.

*Entrevistadora:* E em termos da qualidade do trabalho que o voluntário faz?

130 *E12:* Eu não lhe posso dizer porque não tenho esse *feedback*, quer dizer, tenho  
o *feedback* por telefone, por falar com os CIBE, mas cada escola é que faz a

132 avaliação direta do voluntário e eu não tenho acesso nem teria capacidade  
134 para depois gerir isso tudo. A escola é que sabe. Se me disser em termos  
136 daquilo que conversam comigo? Sim, o *feedback* é positivo. Mas isso é muito  
138 relativo porque podem conversar comigo 10 escolas e haver 50 escolas com  
voluntários. Não tenho noção da totalidade. Tenho se olhar para a plataforma  
mas não lhe sei dizer porque não fui só eu que coloquei, ainda há voluntários  
da altura da minha colega.

A plataforma não me dá esses números e por acaso o ano passado fui a uma  
140 formação lá na universidade e pedi à Cátia que mos desse e ela enviou-me um  
142 *powerpoint* com os números, os voluntários, quantos foram colocados, etc, e  
temos esses dados relativamente até ao final do ano letivo passado.

*Entrevistadora:* Para além da plataforma, o que é que considera que é  
144 funcional no projeto, o que funciona bem?

*E12:* Eu acho que é a predisposição das próprias pessoas que são voluntárias  
146 que dão o seu tempo livre para trabalhar com estas crianças, e o que faz com  
que isto funcione bem é o fato de nós termos uma rede com colaboradores no  
148 terreno em que conseguimos comunicar desde cima até ao professor. Vai  
desde o gabinete para os CIBE, dos CIBE para os PBs, dos professores  
150 bibliotecários para os professores das turmas. Porque se não estiverem todos  
envolvidos, não funciona. E acho que é isso, é a rede que nós temos. A  
152 plataforma ajuda a colocar as pessoas, a rede ajuda a que elas trabalhem.

*Entrevistadora:* Das outras entrevistas que fiz já percebi, mas vou perguntar  
154 ainda assim. Se existem indicadores, da parte dos destinatários do  
voluntariado, do progresso?

*E12:* Não (risos). Os únicos indicadores que eu tenho, que eu tive, mas tem a  
156 ver com um parceiro que este ano não está a funcionar, que é o Montepio... o  
158 Montepio tem umas horas de voluntariado para os funcionários, e há dois anos  
letivos ou há três (eu não estava cá) foram alguns voluntários do Montepio  
160 colocados nas escolas, e o ano passado comigo foram menos porque algumas  
experiências não correram muito bem... mas as que aconteceram o ano  
162 passado correram maravilhosamente bem, embora fossem poucas. Então  
estamos num impasse de... como o Montepio tem voluntariado em várias  
164 áreas, estamos num impasse de continuar ou não. O ano passado tínhamos  
indicadores mas são 5 ou 6 voluntários portanto não é representativo.  
166 Portanto, a avaliação é feita pelas escolas, fica nas escolas, e nós não temos  
indicadores.

*Entrevistadora:* Daquilo que constato, é mais por observação...

*E12:* Sim, é empírica: "Não, eles estão a ler melhor!". Não sabem até que ponto  
170 é do voluntário de leitura ou não é, porque na minha escola também dizem  
"Sim, sim, tem funcionado muito bem, eles estão a ler melhor". Mas não há  
172 nada em concreto, tinha de ser uma avaliação mais profunda.

*Entrevistadora:* A rede de bibliotecas tem metas objetivas definidas para a  
174 promoção da leitura?

*E12:* Relativas a este projeto em concreto, não. Tem metas relativamente à  
176 promoção da leitura? Tem. No modelo de avaliação da biblioteca escolar há  
uma parte que é sobre a avaliação da promoção da leitura e aí sim as  
178 bibliotecas escolares avaliam e têm alguns indicadores relacionados com isso.

Só que, se houver lá voluntários, aparece, mas não está diretamente relacionado com este projeto. Tem também o referencial, tem alguns indicadores nesta área da promoção da leitura e todos estes documentos estão disponíveis na página... mas não está relacionado diretamente com o projeto.

*Entrevistadora:* As suas expectativas do impacto que o projeto possa ter?

*E12:* As minhas expectativas são as melhores (risos) porque eu própria faço voluntariado de leitura. É aquilo que eu disse desde o início. Se for bem acompanhado, se perceberem o que é... primeiro têm que perceber o que é o voluntariado, que há uma responsabilidade, têm que ir X tempo combinado e certinho. Porque às vezes também não percebem... portanto têm que perceber o que é o voluntariado. Se for trabalhado... os professores também têm que estar acessíveis a isso, porque às vezes... não tem aparecido muito, mas às vezes, há professores que têm algumas reticências em deixar a criança sair da sala para uma pessoa que à partida é «estranha», é fora da escola. Mas, se o trabalho fluir, eu acho que, leitura a par, leitura a dois, lado a lado onde a criança está ali a ouvir uma história e a ler com uma pessoa, é... (*speechless*) tem uma possibilidade de melhorar as competências leitoras, fantástica. O professor da turma não tem tempo. Nem consegue estar a ler a par todos os dias com 25 crianças. Portanto, eu acho que é uma mais-valia.

*Entrevistadora:* Uma questão mais geral. Quais é que considera serem os 3 pontos básicos em matéria de promoção da leitura?

*E12:* Eu acho que para a promoção da leitura, 3 pontos básicos. Os alunos sentirem que o professor gosta de ler. 1.º ponto. Depois é entenderem que a leitura é necessária para tudo, se não adquirirem as competências de leitura não conseguem ter sucesso escolar e isso cultiva-se. E depois é conseguirmos transmitir-lhes o nosso gosto pela leitura, se o tivermos não é? Porque também há professores que não têm... E essa experiência nota-se quando... quando se consegue transmitir o gosto pela leitura aos alunos, eles tornam-se leitores, a não ser que tenham alguma dificuldade de aprendizagem mais específica, mas, tornam-se leitores muito competentes e com uma vontade, é fantástico.

*Entrevistadora:* A perspetiva que eles têm...

*E12:* A turma que hoje em dia tenho do 4.º ano revela isso mesmo. Hoje eles vão sozinhos ler ao 1.º ano, vão sozinhos com os livros na mão, já foram à FNAC ler para o público, e são miúdos de 10 anos. Mostram um gosto e uma vontade... a própria leitura do manual é diferente, não é chegar ali e lê, depois passa para ali, depois passa para ali... Nota-se uma diferença nos miúdos muito grande mesmo. Eles pegam num livro de histórias e sabem escolher o livro indicado para a idade, se vão ler ao jardim-de-infância ou se vão ler ao 1.º ano, sabem retirar partes do livro que na leitura em voz alta não funciona, funciona se estivermos a ler interiormente mas para transmitir aquilo que estamos a ler, não funciona, quebra, sabem treinar sozinhos e distribuir que a personagem x faz aquele, a y faz aquele... Mas isto tudo foi um processo, eles tiveram que ser encaminhados e agora no 4.º ano fazem praticamente tudo sozinhos. Quando me apresentam a leitura para irem ler às outras turmas, já está praticamente tudo feito. E depois foi sempre tudo feito em colaboração com a turma. A turma criticava: “Não fizeste ali aquela intenção daquele personagem!”. É

226 conversado, eles aceitam e é trabalhado. Estas coisas foram trabalhadas  
228 sempre com a biblioteca escolar e dentro da biblioteca escolar que é bom  
também eles sentirem o ambiente da biblioteca, saírem da sala, estarem em  
contato com os livros. Já temos outra sessão marcada para a FNAC outra vez e  
230 os miúdos adoram ler. Portanto, eu acho que são mesmo estes três pontos:  
nós mostrarmos que gostamos de ler porque vai por imitação, vai por  
232 referência, isto não é... eles gostam mas têm que ter modelos e se um  
professor gosta de ler transmite a vontade. Podemos pensar que não há  
234 tempo, é perder tempo, mas isto ganha-se e a longo prazo vêm-se os  
frutos...dá muito trabalho mas dá muitos frutos. Mesmo alunos que entraram a  
236 meio do 3.º ano e portanto no fim deste processo todo, melhoram muito  
mesmo na escrita, com o projeto *Voluntários de Leitura*. Tinha alunos que pela  
238 primeira vez este ano entraram no projeto, por timidez, por... porque não é  
obrigatório, quem quer inscreve-se e depois vão ler. O ano passado iam ler ao  
240 jardim-de-infância uma vez por semana, este ano, desde que o livro esteja  
preparado, chegam e dizem que vão ler e não há problema nenhum. Por  
242 exemplo hoje leram 3 livros, houve 3 grupos que foram a uma turma ler. Os  
pais estão satisfeitos, os miúdos lêem bem, já têm uma entoação, uma  
244 expressão fantástica, portanto, mesmo com a biblioteca, tem que haver muito  
trabalho dentro da sala. E transmissão. Portanto, o gosto que o próprio  
246 professor tem que é para servir de modelo, e ao ter gosto, é necessário que os  
miúdos oiçam muitas histórias para lhes estimular a própria criatividade que  
248 eles depois conseguem ir à procura das histórias que gostam. E já se nota  
diferença entre eles, que tipo de histórias aquele grupo gosta mais de ler ou  
250 que aquele menino mais gosta de trazer...é engraçado ver.

*Entrevistadora:* Em relação ao projeto a última questão é sobre o seu grau de  
252 satisfação enquanto representante dum parceiro do projeto?

*E12:*Estou relativamente satisfeita, queria estar mais. No sentido de conseguir  
254 colocar mais voluntários, conseguir trabalhar mais com coordenadores inter-  
concelhios, que às vezes também, como têm muitas escolas a seu cargo às  
256 vezes é difícil conjugar as coisas, outras vezes são as escolas que não querem  
mesmo porque... dá trabalho trabalhar com os voluntários de leitura, e é  
258 preciso tempo, porque tem que se explicar às pessoas o que é que se  
pretende. Se for um antigo professor, a coisa é mais fácil, se for uma pessoa  
260 completamente fora do ensino, têm que se dar ali umas pistas e tem que se ter  
tempo para isso. Portanto, satisfeita com os voluntários que estão colocados e  
262 com o *feedback* que tenho que é...não posso generalizar mas tem sido  
agradável; não estou totalmente satisfeita porque queria mais voluntários no  
264 terreno.

*Entrevistadora:* Gostaria então de terminar com as questões de caracterização:  
266 habilitações e conteúdos da função que exerce.

*E8:* Sou professora do 1.º ciclo e depois tirei o mestrado em Gestão da  
268 Informação e Bibliotecas Escolares. Neste momento, só relacionado com os  
voluntários de leitura, trabalho com os coordenadores inter-concelhios de forma  
270 a encontrar escolas para poder colocar os voluntários de leitura, através de  
*mail*, telefone e plataforma.

272 *Entrevistadora:* Algo mais que queira acrescentar e não tenha sido afluído?

274 *E12:* Acho que não. Apenas reforçar a vantagem da plataforma que tem um  
número razoável de inscritos...

276 *Entrevistadora:* Peço desculpa mas, estávamos a falar da plataforma de gestão  
mas a que é visível ao público, o *site*, também tem uma função...

278 *E12:* A parte que é visível é no fundo para demonstrar o que é feito e para  
promover os próprios voluntários de leitura. Tem a explicar como é que  
funciona, a explicar a parte das escolas, aquelas diferenças das funções dos  
280 voluntários de leitura que pode ser leitura a par, as várias estratégias... Mas eu  
estava a falar daquela plataforma que uso.

282 *Entrevistadora:* Então muito obrigada pelo seu tempo.

*E12:* De nada...eu vou mostrar-lhe só uma coisa mas terminamos aqui (risos).

## Anexo U - Grelha de análise de *sites* segundo o modelo W3C

Título –

URL -

### 1. Site

1.1 É de uma instituição \_\_; um site pessoal \_\_

1.2 Velocidade de surgimento da página: a) Imediata \_\_; b) morosa \_\_; c) outra

1.3 Legibilidade da informação: a) Tamanho da letra \_\_; b) Texto alinhado à esquerda \_\_ c) O espaçamento entre parágrafos é superior ao espaçamento entre as linhas \_\_; d) Contraste fundo/caracteres \_\_

1.4 Design simples \_\_

1.5 Interface facilmente compreensível \_\_

1.6 Interface consistente \_\_

1.7 Navegação intuitiva \_\_

### 2. Home

2.1 Logótipo \_\_

2.2 Explicita a finalidade do site \_\_ ou disponibiliza uma hiperligação interna para essa informação \_\_

2.3 Destinatários \_\_

2.4 Data da criação \_\_ e data de actualização \_\_

2.5 Autor(es) \_\_ ou instituição \_\_

2.6 Requisitos de optimização do site \_\_

2.7 Título na barra superior do browser \_\_

### 3. Informação

3.1 Adequada ao(s) destinatário(s) do site \_\_

3.2 Respeita o destinatário do site \_\_

3.3 Organizada em títulos \_\_ e subtítulos \_\_

3.4 Hiperligações internas \_\_ e externas (para sites congéneres) \_\_

3.5 Referências bibliográficas \_\_

3.6 Informação para ler \_\_, ouvir \_\_ e/ ou ver \_\_

3.7 Actividades pré-definidas \_\_

3.8 O utilizador pode manipular dados \_\_ ou figuras \_\_

### 4. Autoria

4.1 Autor a) e-mail (contacto) \_\_; b) CV ou formação \_\_

4.2 Instituição a) e-mail (contacto) \_\_ b) Área de especialização \_\_\_\_

4.3 Domínio (URL) é credível: \_\_

## Anexo V - Grelha de análise do website

As respostas afirmativas estão assinaladas com S (sim) e as negativas com N (não).

### GRELHA DE ANÁLISE DO SITE DO PROJETO *Voluntários de Leitura*

Título - Voluntários de Leitura. Desenvolver a literacia e o gosto pela leitura.

URL - <http://www.voluntariosdaleitura.org/>

#### 1. Site

1.1 É de uma instituição \_S\_ ; um site pessoal \_\_

1.2 Velocidade de surgimento da página: a) Imediata \_S\_ ; b) morosa \_\_ ; c) outra \_\_\_\_\_

1.3 Legibilidade da informação: a) Tamanho da letra \_S\_ ; b) Texto alinhado à esquerda \_S\_ c) O espaçamento entre parágrafos é superior ao espaçamento entre as linhas \_S\_ ; d) Contraste fundo/caracteres \_S\_

1.4 Design simples \_S\_

1.5 Interface facilmente compreensível \_S\_

1.6 Interface consistente \_S\_

1.7 Navegação intuitiva \_S\_

#### 2. Home

2.1 Logótipo \_S\_

2.2 Explicita a finalidade do site \_S\_ ou disponibiliza uma hiperligação interna para essa informação \_\_

2.3 Destinatários \_S\_

2.4 Data da criação \_N\_ e data de actualização \_N\_

2.5 Autor(es) \_\_ ou instituição \_S\_

2.6 Requisitos de optimização do site \_S\_

2.7 Título na barra superior do browser \_S\_

#### 3. Informação

3.1 Adequada ao(s) destinatário(s) do site \_S\_

3.2 Respeita o destinatário do site \_S\_

3.3 Organizada em títulos \_S\_ e subtítulos \_S\_

3.4 Hiperligações internas \_S\_ e externas (para sites congéneres) \_S\_

3.5 Referências bibliográficas \_S\_

3.6 Informação para ler \_S\_ , ouvir \_S\_ e/ ou ver \_S\_

3.7 Actividades pré-definidas \_S\_

3.8 O utilizador pode manipular dados \_N\_ ou figuras \_N\_

#### 4. Autoria

4.1 Autor a) e-mail (contacto) \_S\_ ; b) CV ou formação \_\_

4.2 Instituição a) e-mail (contacto) \_S\_ b) Área de especialização \_\_ Educação \_\_

4.3 Domínio (URL) é credível: \_S\_



## Anexo X - Grelha de análise da avaliação externa

	2012/13	2013/14	2014/15
Atividades	Construção da infraestrutura digital para suporte do projeto, com a inclusão de conteúdos de informação, divulgação, formação, organização e orientação; construção da plataforma denominada <i>Sistema de Gestão do Voluntariado de Leitura</i> (SGVL), recorrendo a um sistema de gestão de base de dados (SGBD) com funções de registo, integração e acolhimento; definição e execução do modelo de implementação e gestão do projeto no terreno, que incluiu divulgação/formação presencial sobre o projeto; celebração de Protocolos e Acordos de parceria.	Gestão da infraestrutura digital de suporte ao projeto com atualizações, notícias e apelos; atualizações à plataforma como resposta a reorientações estratégicas e solicitações dos intervenientes; implementação e gestão do projeto no terreno (voluntários cidadãos, grupo de voluntariado curricular, grupo de voluntariado da entidade Montepio); celebração de Protocolos e Acordos de parceria; reforço da divulgação e estímulo do interesse à participação.	Gestão da infraestrutura digital (atualizações, notícias e apelos); atualizações à plataforma; implementação e gestão do projeto no terreno; celebração de Protocolos e Acordos de parceria; divulgação e promoção do projeto.
Parâmetros de avaliação	Análise da audiência e conteúdos do <i>website</i> ; análise da utilização da página <i>facebook</i> ; análise do questionário on-line acerca da implementação, pertinência e clareza do projeto, acerca dos benefícios do voluntariado junto dos alunos e dos obstáculos de acolhimento dos voluntários.	Análise da audiência e conteúdos do <i>website</i> ; análise da utilização da página <i>facebook</i> ; análise das respostas de avaliação do grupo de voluntariado de leitura do Montepio; análise da presença do projeto nas Bibliotecas Públicas Municipais.	Análise da audiência e conteúdos do <i>website</i> ; análise da utilização da página <i>facebook</i> .
Resultados Quantitativos e Qualitativos	680 cidadãos inscritos / 214 voluntários colocados.	1103 cidadãos inscritos/ 432 voluntários colocados/ 419 entidades de acolhimento.	1396 cidadãos inscritos/ 548 voluntários colocados/ 475 entidades de acolhimento.
	“Francamente positiva”	“o número de bibliotecas participantes aumentou (...) parcerias com vinte e três câmaras municipais”	“O projeto não parou de crescer”